

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

JEFFERSON FELLIPE JAHNKE

**O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE PAUL-EUGÈNE
CHARBONNEAUPARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PRODUÇÃO E
CIRCULAÇÃO DE SABERES PEDAGÓGICOS
NO PERÍODO DE 1959 A 1987**

CURITIBA
2017

JEFFERSON FELLIPE JAHNKE

**O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE PAUL-EUGÈNE
CHARBONNEAU PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PRODUÇÃO E
CIRCULAÇÃO DE SABERES PEDAGÓGICOS
NO PERÍODO DE 1959 A 1987**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de pesquisa: História e Políticas da Educação, da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Alboni Marisa
Dudeque Pianovski Vieira

**CURITIBA
2017**

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

J25p
2017

Jahnke, Jefferson Fellipe
O pensamento pedagógico do padre Paul-Eugène Charbonneau para a educação brasileira : produção e circulação de saberes pedagógicos no período de 1959 a 1987 / Jefferson Fellipe Jahnke ; orientadora, Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira. -- 2017
146 f.: il.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.
Bibliografia: f. 133-146

1. Educação - História. 2. Educação e Estado. 3. Educação integral. 4. Igreja e educação. 5. Charbonneau, Paul Eugène, 1925-1987. I. Vieira, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 20. ed. – 370.9



Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Escola de Educação e Humanidades

Programa de Pós-Graduação em Educação

PUCPR

GRUPO MARISTA

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO N.º 815

DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Jefferson Fellipe Jahnke

Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e dezessete, reuniu-se na Sala de Defesa, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelas professoras: Prof.^a Dr.^a Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira, Prof.^a Dr.^a Wilma de Lara Bueno, e Prof.^a Dr.^a Sirley Terezinha Filipak para examinar a Dissertação do candidato **Jefferson Fellipe Jahnke**, ano de ingresso 2015, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Políticas da Educação. O mestrando apresentou a dissertação intitulada "O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SABERES PEDAGÓGICOS NO PERÍODO DE 1959 A 1987", que, após a defesa foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11h30. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Observações: _____

Presidente:

Prof.^a Dr.^a Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira Alboni

Convidado Externo:

Prof.^a Dr.^a Wilma de Lara Bueno W. de Lara Bueno

Convidado Interno:

Prof.^a Dr.^a Sirley Terezinha Filipak Sirley Terezinha Filipak

Torres

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lupion Torres

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Stricto Sensu

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e por ser a minha fortaleza.

Agradeço à Profa. Dra. Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira, por ter orientado este trabalho com competência, dedicação e paciência. Sua condução sempre segura foi determinante para seguir em frente nesta caminhada.

Aos membros da Banca Examinadora, Profa. Dra. Sirley Terezinha Filipak e Profa. Dra. Wilma de Lara Bueno, pelas importantes considerações apresentadas no exame de qualificação, fundamentais para a conclusão deste trabalho.

À Secretária Solange Helena Correa, do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR, pela ajuda e competência, sempre que precisei estava pronta para ajudar.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR, por contribuírem para minha formação acadêmica e profissional.

Ao meu pai Arnildo Alvíso Jahnke (*in memoriam*).

À minha mãe Jeni Antonia Janhke, exemplo de vida, paciência e motivação.

À minha esposa Keila Susana dos Santos Rebeca Jahnke, minha companheira de toda jornada, admirável exemplo de ser humano e amor.

Aos meus familiares e amigos, que me deram todo incentivo nesta trajetória para minha formação acadêmica.

À Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEEDPR) que proporcionou o meu afastamento das atividades docentes, necessário ao desenvolvimento deste estudo.

À PUCPR, por possibilitar esta conquista, concedendo-me bolsa de estudo.

Dê-me, Senhor, agudeza para entender, capacidade para reter, método e faculdade para aprender, sutileza para interpretar, graça e abundância para falar. Dê-me, Senhor, acerto ao começar, direção ao progredir e perfeição ao concluir.

Santo Tomás de Aquino (1225-1274)

RESUMO

Esta dissertação integra a linha de pesquisa História e Políticas da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR e se propõe investigar o pensamento pedagógico do Padre Paul-Eugène Charbonneau, no período que esteve no Brasil de 1959 a 1987. O estudo das obras deste religioso direcionadas à formação do ser humano por meio da historiografia, permitiu descobrir outras ferramentas pedagógicas vividas pela educação. O objetivo geral delineado para pesquisa foi analisar o ideário pedagógico do Padre Paul-Eugène Charbonneau na educação, produção e circulação de saberes pedagógicos, bem como, a aceitação de seus ideais escolares. Do ponto de vista teórico, na perspectiva da história cultural, a pesquisa fundamentou-se nos trabalhos de Le Goff (1990), Chartier (1988, 2002), Block (1987), Certeau (1982) e Bourdieu (1992). A exploração das fontes necessitou de apoio e compreensão teórica proveniente de estudos da cultura escolar realizados por Frago (2001). A metodologia do trabalho se orientou pela abordagem qualitativa e documental. Buscamos analisar o pensamento pedagógico de Charbonneau por meio das obras direcionadas à educação, à família, à sexualidade e a proposta política: opção cristã para o desenvolvimento dos povos, de acordo com análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). No que diz respeito à pesquisa documental, foram analisados autores convergentes que contribuíram para responder questionamentos da historiografia humanista cristã da educação de jovens, adultos e casais, como: os estudos de Aresi (1980), Asselin (2016), Azzi (1999), Knight (2001), Martins (1997), Stephanou (2004), Concílio Vaticano II (1991) e Maritain (1999). Na análise das obras de Charbonneau, na categoria família constatou-se que o papel dos pais para a educação contribui na formação do indivíduo. Ele defendia uma educação integral contemplando todas as dimensões do ser humano. A educação sexual deveria ser vista como uma fonte de alegria e uma realização com Deus. A opção cristã para o desenvolvimento dos povos enfatiza o papel da Igreja como proclamadora da humildade, da solidariedade, do amor, respeito ao cidadão e a justiça.

Palavras-chave: Educação integral. Escola. História da Educação. Igreja. Padre Charbonneau.

ABSTRACT

This dissertation is part of the History and Education Policies research line of the Postgraduate Program in Education of the Pontifical Catholic University of Paraná (PUCPR), and it is proposed to investigate the pedagogical thinking of Father Paul-Eugène Charbonneau during the period that was in Brazil in 1959 To 1987. The study of the works of this religious directed to the formation of the human being through the historiography, allowed to discover other pedagogical tools lived by the education. The general objective outlined for this research was to analyze the pedagogical ideology of Father Paul-Eugène Charbonneau in the education, production and circulation of pedagogical knowledge, as well as the acceptance of his school ideals. From the theoretical point of view, from the perspective of cultural history, the research was based on the works of Le Goff (1990), Chartier (1988, 2002), Block (1987), Certeau (1982) and Bourdieu (1992). The exploration of the sources needed support and theoretical understanding from studies of the school culture conducted by Frago (2001). The methodology of the work was oriented by the qualitative and documentary approach. We seek to analyze Charbonneau's pedagogical thinking through works directed at education, the family, sexuality and the political proposal: a Christian option for the development of peoples, according to the content analysis proposed by Bardin (1977). As far as documentary research is concerned, we have analyzed convergent authors who have contributed to answer questions of Christian humanist historiography of education of young people, adults and couples, such as: Aresi (1980), Asselin (2016), Azzi (1999), Knight (2001), Martins (1997), Stephanou (2004), Second Vatican Council (1991) and Maritain (1999). In the analysis of the works of Charbonneau, in the family category it was verified that the role of the parents for the education contributes in the formation of the individual. He advocated a comprehensive education contemplating all dimensions of the human being. Sexual education should be seen as a source of joy and fulfillment with God. The Christian option for the development of peoples emphasizes the role of the Church as proclaimer of humility, solidarity, love, respect for the citizen and justice.

Key words: Integral education. School. History of Education. Church. Father Charbonneau.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Colégio Saint-Laurent em Quebec.....	27
Figura 2 - Ordenação do Padre Charbonneau.....	29
Figura 3 - O Padre Charbonneau em 1953 no Canadá	30
Figura 4 - Padre Charbonneau em seu gabinete de trabalho.....	35
Figura 5 - Prédio onde iniciou o Colégio Santa Cruz de 1952 a 1956.....	36
Figura 6 - Pavilhão Ginásial do Colégio Santa Cruz em 1957	37
Figura 7 - Um Ensaio de Democracia.....	38
Figura 8 - Padre Charbonneau falando a jovens casais.....	40
Figura 9 –Frontispício de algumas obras do Padre Charbonneau.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias de Análise das Obras do Padre Charbonneau.....	72
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCE - Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa
AEC – Antes da Era Comum
AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CCC – Comando de Caça aos Comunistas
CFE – Conselho Federal de Educação
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CIMI - Conselho Indigenista Missionário
CONEN – Conselho Estadual de Entorpecentes
CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes
CPT - Comissão de Pastoral da Terra
EPU - Editora Pedagógica Universitária
FIEP – Federação das Indústrias do Estado do Paraná
HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
LEC – Liga Educacional Católica
LSD - Dietilamida do ácido lisérgico
MT – Mato Grosso
PAISM – Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
STP–Superintendência Técnico Pedagógica
UNIAPAC - União Internacional do Patronato Cristão
USAID - *United States Agency for International Development*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PADRE CHARBONNEAU: BIOGRAFIA	26
2.1 DOS PRIMEIROS ANOS ATÉ O BACHARELADO.....	26
2.2 DE SUA ORDENAÇÃO ATÉ A VIAGEM PARA ROMA	29
2.3 DA DOCÊNCIA NO COLÉGIO SANTA CRUZ ATÉ A SUA MORTE	31
3 A PRESENÇA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	47
3.1 HISTÓRICO DA PRESENÇA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	47
3.2 O PROJETO EDUCATIVO CATÓLICO NO BRASIL.....	60
3.3 A VINDA DOS MISSIONÁRIOS CANADENSES AO BRASIL.....	63
3.4 A CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ NO BRASIL.....	66
4 O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE CHARBONNEAU	69
4.1 FAMÍLIA.....	72
4.1.1 As Transformações na Família.....	72
4.1.2 O Papel dos Pais para com os Filhos.....	76
4.1.3 O Protesto dos Jovens.....	78
4.1.4 A Juventude e a Religião.....	80
4.2 EDUCAÇÃO.....	81
4.2.1 A Educação concebida pelo Padre Charbonneau.....	81
4.2.2 O Binômio Educação/Liberdade.....	88
4.2.3 Os Jovens e as Drogas.....	90
4.2.4 Educação: Instrumento de Prevenção contra as Drogas.....	96
4.3 SEXUALIDADE.....	98
4.3.1 A Educação Sexual dos Adolescentes.....	98
4.3.2 O Casamento.....	102
4.3.3 Namoro e Virgindade	105
4.3.4 Os Perigos da AIDS.....	108
5 A PROPOSTA POLÍTICA DE CHARBONNEAU: OPÇÃO CRISTÃ PARA O DESENVOLVIMENTO DOS POVOS	110
5.1 O PAPEL DO BRASIL: JUSTIÇA, INJUSTIÇA, DEMOCRACIA.....	110
5.2 A IGREJA DIANTE DOS PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS.....	113
5.3 O HOMEM A PROCURA DE DEUS.....	117
5.4 O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE CHARBONNEAU.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa se refere ao pensamento pedagógico do Padre Paul-Eugène Charbonneau para a educação brasileira: a produção e circulação de saberes pedagógicos no período de 1959 a 1987, bem como suas ferramentas pedagógicas direcionadas à educação nos meios escolares.

A atuação do religioso, guiado por uma educação cristã de fé com sólido embasamento humanista, teve suas origens no Colégio Saint-Laurent em Quebec no Canadá. Possuía uma “vasta biblioteca que lhe permitiu o contato com vários intelectuais franceses como Duhamel, Leon Bloys, Péguy, Mauriac, Bernanos e pensadores como Henri Gergson, Jacques Maritain e Emanuel Mounier” (MARTINS, 1997, p. 30).

A preocupação em propiciar ao educando condições de estudos e de habilidades que lhe permitam adequadamente viver no seu tempo com assimilação pessoal e espírito crítico propiciaram perceber assuntos que enfocavam a educação, sexualidade, drogas, filosofia de vida e espiritualidade. Serviram de embasamento para desenvolver ações concretas na cultura escolar do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, no Brasil (CHARBONNEAU, 1973, p. 67).

Sabe-se que o Brasil, no período de 1959 a 1987, enfrentou diversas dificuldades no meio político e social, especialmente a ditadura militar implantada no Brasil a partir de 1964. Os militares tomaram o poder e instalaram cinco generais na Presidência da República. Essa ditadura durou 21 anos, iniciando em 1964 e terminando em janeiro de 1985, com a eleição indireta de Tancredo Neves e José Sarney (SAVIANI, 2017).

Esse período ditatorial “se pautou em termos educacionais pela repressão, privatização do ensino, exclusão de boa parcela das classes populares do ensino elementar de boa qualidade, tecnicismo pedagógico e desmobilização do magistério” (GHIRARDELLI JÚNIOR, 1997, p. 163).

O Estado, que deveria ter a obrigação de financiar a educação pública, se descomprometeu de fazê-lo e os recursos foram repassados para as escolas particulares, ficando evidente que o governo militar pouco se incomodava com a educação. Para Saviani (2017, p. 3) o “governo militar reduziu sucessivamente

as verbas destinadas à educação. Em 1970, este percentual foi de 7,6%, caindo para 4,31% em 1975 e recuperando um pouco em 1978, quando foram gastos 5% do PIB”.

A educação ficou restrita a pequena parcela da população, privilegiando as camadas de renda mais elevadas. Nos idos de 1964 ocorreu a reforma da educação pública, que deveria estar voltada para a capacitação e preparação de profissionais necessários ao desenvolvimento econômico do País.

Esse evento trouxe profundas transformações na vida nacional. É nesse cenário de mudanças que o Padre Charbonneau procurou dialogar com seu tempo e compreender as transformações da sociedade brasileira. Não descansou em escrever diversos temas como: adolescência, sexualidade, drogas, matrimônio, ética, diálogo entre pais e filhos, religiosidade, justiça, democracia e espiritualidade, totalizando 45 obras dedicadas a esses assuntos. O contexto cultural e político dos documentos e pronunciamentos das ações de Charbonneau, destacava o papel decisivo da educação em todas as atividades humanas, como forma de promoção integral do ser humano (MARTINS, 1997).

Ele possuía uma personalidade enérgica e bem-humorada e apresentava um talento marcante para a escrita e a oratória. Dedicava-se de corpo e alma às suas tarefas, contemplando assuntos polêmicos para a época, tais como: os problemas de família, a educação de jovens e adultos, a religiosidade e a procura de Deus, sem esquecer da luta pela preservação dos valores morais e éticos. Acreditava numa educação de qualidade que deveria servir de apoio fundamental para a promoção da pessoa humana. Ressaltava questões de natureza existencial com apresentações de palestras, conferências, participações em eventos políticos, em empresas, mídias, encontros de casais e famílias (COLÉGIO SANTA CRUZ, 2017).

Com um pensamento pedagógico fecundo, esforçou-se para passar os valores espirituais de que era portador, numa sociedade como a brasileira cuja filosofia era somente de produção e consumo (CHARBONNEAU, 1973), com obstáculos difíceis de serem superados, especialmente, no que diz respeito à formação dos jovens e à sua inserção na sociedade. Investigar o ideário pedagógico do Padre Charbonneau abre portas para descobrir outros caminhos

pelos quais passou a educação no Brasil, outras interlocuções e modelos pedagógicos. É possível que esses caminhos tenham contribuído para a formação da cidadania e o desenvolvimento do espírito crítico dos alunos que estiveram sob a sua orientação.

As ferramentas pedagógicas que o Padre Charbonneau desenvolveu eram atribuídas ao centro de avaliação em que coordenava cursos de primeiro e segundo graus no Colégio Santa Cruz, com autorização para o funcionamento da instituição como escola experimental. A estrutura pedagógica de ensino constituía-se por um Plano Diretor de Ensino de 1º e 2º graus em 1972. A linha de trabalho constituía no processo educativo, atividades planejadas com ajustamento do aluno, sua integração no meio e sua recreação. Atividade de avaliação era medida pela ficha da vida escolar, seus resultados acadêmicos, entrevistas com pais, conceitos de relacionamento, organização, desempenho, observações dos professores ou outros educadores e a ficha de comportamento disciplinar. Como forma de padronização e orientação de conhecimentos pedagógicos, que estimulassem a promoção da pesquisa e o estudo individual dos alunos (CHARBONNEAU, 1973).

O problema identificado para esta pesquisa é: Qual a contribuição do Padre Paul-Eugène Charbonneau na produção e circulação de saberes pedagógicos nos meios escolares, no período de 1959 a 1987?

A análise da biografia do religioso mostra os ideais que nortearam a filosofia da educação, ferramentas pedagógicas que serviram à classe estudantil e a causa da cultura escolar.

O objetivo geral foi analisar o pensamento pedagógico do Padre Paul-Eugène Charbonneau na produção e circulação de saberes pedagógicos nos meios escolares, no período de 1959 a 1987.

Os objetivos específicos foram assim propostos para este tema:

- Verificar o histórico do projeto da escola católica no cenário da educação brasileira.
- Conhecer a trajetória do Padre Charbonneau no Brasil, no período de 1959 a 1987.

- Analisar a produção e circulação de saberes pedagógicos nos meios escolares, direcionada à jovens e adolescentes.
- Identificar as ferramentas pedagógicas utilizadas por Charbonneau e direcionadas à educação.

O Colégio Santa Cruz, como escola católica inspirada no cristianismo construiu valores na formação intelectual do indivíduo para melhor servir à classe estudantil e à causa da educação. A prática escolar propiciava ao educando condições de estudos e habilidades, preocupando-se com a eficiência, desempenho profissional e maturação humana cristã. Partindo disso, é que o trabalho desenvolvido pela filosofia da escola devia organizar-se num aprofundamento religioso, pedagógico e filosófico, composto por uma cultura de princípios que tornavam a memória do homem, capaz de integrar-se à relacionamentos da comunidade escolar com o ambiente vivencial fora da escola (CHARBONNEAU, 1973).

Segundo Le Goff (2003), são narrativas que rememoram a difusão do cristianismo com o monopólio intelectual da igreja e a memória coletiva com base na fé. Essas passagens auxiliam a compreender o valor individual do sujeito e torna-o depositário de um saber construído com base na experiência de vida.

O desafio de construir a história do Padre Charbonneau teve como uma das abordagens o estudo da memória que:

é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.
[...] A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 410).

François Hartog dedicou-se a refletir sobre a relação entre memória e história ao afirmar que a “história termina onde começa a memória. Mas somente há pouco tempo é que ocorreu uma reviravolta: a invasão do campo da história pela memória. Daí a obrigação de repensar a articulação das duas”

(HARTOG, 2011, p. 26). Para isso houve um longo caminho a ser percorrido e Nora (1984, p. XIX) apresenta as relações entre a memória e história em termos opostos, colocando em pauta antigas divisões:

Memória e história: longe de serem sinônimas, tomamos consciência que tudo as opõem. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, do inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetíveis a longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um lugar vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Por ser afetiva e mágica, a memória se acomoda com detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, como operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, tornando-a sempre prosaica.

A memória deixa aqui de ser limitação para a historiografia, mas passa a ser fator de enriquecimento de perspectivas. A compreensão da memória apresenta vários desdobramentos para a história, contribuindo para que a historiografia possa repensar seus pressupostos fundamentais.

A importância de preservar a memória está no fato de que ela “é também uma construção do passado, pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002, p. 321). Para Le Goff (1990, p. 411): “a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas”. Dessa maneira, o ato de lembrar o passado tem grande importância para aquele que lembra, pois as vivências de cada um podem contribuir para análise de uma conjuntura, dos valores e da cultura de uma sociedade.

Atenta a essas colocações, Loriga (2009, p. 32) faz uma análise da relação entre a memória e a história: “A história deve buscar descobrir o passado que a memória carrega em si sem saber”. Esses aspectos revelam que a memória “se imporia como um campo, uma área interdisciplinar e transversal, onde teria lugar uma fenomenologia hermenêutica da memória” (RICOEUR,

2012, p. 403). Para Loriga (2009), Ricoeur (2012) negligencia a historiografia do passado, e trata mal a imaginação histórica. Porém, Ricoeur (2012, p. 403) deixa claro seu posicionamento:

O processo de historicização da memória, versado em benefício de uma fenomenologia hermenêutica da memória, mostra-se, assim, estritamente simétrico ao processo pelo qual a história exerce sua função corretiva de verdade em relação a uma memória que exerce incansavelmente, a seu respeito, sua função matricial.

Desse modo, deve-se historicizar a memória, sem anulá-la. Ou seja, saber articulá-la seria sua tarefa primeira e, a seguir, se aproximar da maior objetividade possível dos fatos. O historiador não pode se esquecer de utilizar todo tipo de fonte, para que possa aproveitar as contribuições das experiências pessoais, que conseqüentemente, dialogam com a realidade.

Halbwachs (1990) relata que a memória individual constitui-se como ponto de vista da memória coletiva. A memória alimenta-se de lembranças vagas, flutuantes, particulares. No processar da memória estão presentes as dimensões do tempo individual e do tempo coletivo. A memória é seletiva e sua principal operação é compreender o esquecimento. Complementando com Ricoeur (2012), a memória demonstra como o passado é reapropriado no presente e retrata como a sociedade, com fins políticos pode ser reconstruída..

Na construção da história, o historiador se interroga a respeito das diversas modalidades da fabricação e da percepção de um fato. Nesta linha de pensamento, Certeau (1994) defende uma estrutura composta de três etapas da operação historiográfica. A primeira define a história que rompe com a memória quando objetiva os testemunhos para transformá-los em documentos. A segunda busca a explicação e compreensão, que é quando o historiador aprofunda a autonomia de seus passos em relação à memória. A terceira etapa contempla a representação histórica e tem na escrita o principal nível. É no plano da escrita que se situa a história nas suas três fases. Confirma-se aqui a dependência da história do passado em relação ao presente, porque:

Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tornar presente. Esta longa duração do passado não

deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para que se evite o anacronismo (LE GOFF, 1990, p. 26).

O historiador do tempo presente é contemporâneo do seu objeto e partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais, podendo superar entraves que limitam a investigação histórica (CHARTIER, 1988). A construção histórica torna-se então mais difícil, pois segundo Lacouture (2000, p. 63) “o historiador do presente não possui a arma inelutável que possui o historiador clássico e conhece a sequência numa duração bastante longa”.

Os estudos de Ferreira (2002) e Le Goff (1990), do ponto de vista da História Cultural, expressam formas simbólicas numa determinada época, no mundo e na sociedade. Entende-se que toda realidade não é um dado, mas sim uma construção social conjectural, fruto de estratégias e práticas que legitimam e justificam as escolhas condutoras dos indivíduos.

Dessa maneira, o historiador cultural “tem seu foco no passado, nas formas de ver estar no mundo que modelaram sociedades e indivíduos numa determinada época, e no estudo dos processos pelos quais uma dada realidade foi construída” (CHARTIER, 1988, p. 44). Assim, o papel do historiador cultural é a busca de modelos e significados, contribuindo para uma ampliação do conceito de fontes e multiplicação dos objetos de pesquisa.

Sobre as práticas da história, Bourdieu (1992) apresentou a noção de campo intelectual¹ que elucidou a configuração e a historicidade da produção e da recepção da obra de um autor, suas ideias e formas estéticas postas em circulação e inseridas no interior de um sistema de relações socioculturais edificadas publicamente. Pretendia-se com isso, compreender a relação a respeito da construção de identidades e as possibilidades de mudança social.

A questão essencial, que na minha opinião deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as

¹A noção de campo intelectual é composta de esferas de ações particulares que possuem sistemas de transmissão e reprodução capazes de unificar os valores ideais e as formas de consagração destas produções culturais (BOURDIEU, 1983, p. 259).

formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados (CHARTIER, 2002, p. 62).

Desse modo, “o papel do historiador é sempre estar questionando, pois o impresso é a representação de um estudo, e não o limite dos fatos” (CRUBELATI e COSTA, 2012, p. 2). Entende-se que esse papel seria “o de gerar dúvidas e refletir buscando a verdade”, conforme se posiciona Bloch (1987, p. 28). Diante das dúvidas em relação à realidade, o historiador deve fazer uma escolha, levando em consideração os fatos que produziram efeitos e geraram mudanças ao longo do tempo.

Tudo isso porque, “o historiador não pensa apenas o humano. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração” (BLOCH, 1987, p. 29). A noção do tempo histórico diz respeito aos acontecimentos característicos que ocorreram num determinado momento.

O aporte da Nova História foi providencial para pesquisa, por compreender que um estudo interdisciplinar no processo de descoberta historiográfica, permite uma interação com outras ciências, tais como: a geografia, a sociologia, muito utilizadas pelos grandes mestres da História. É preciso compreender que a história tradicional oferece uma visão dos acontecimentos, enquanto a Nova História está mais preocupada com a análise das estruturas.

Isso tem tudo a ver com as opiniões de Le Goff (1988), que situa a ampliação do documento histórico estabelecida pela Nova História, com uma multiplicidade de documentos e escritos de todos os tipos. A construção da história no século XX abrange um novo campo do saber, como: a afirmação das ciências humanas, a sociologia, a demografia, a antropologia, a etnologia, a etiologia. Um nível de ensino que renova e problematiza as áreas do conhecimento por meio da interdisciplinaridade. Desse modo, os historiadores precisam se preocupar com outras questões que por muito tempo só interessavam aos sociólogos e a outros cientistas sociais, tais como: a sociologia, a economia e a cultura.

Le Goff e Nora (1976), em sua obra *As mentalidades*, elencam alguns passos metodológicos para analisar as questões culturais da História, que abrangem: o inventário das fontes, os locais de produção das fontes

inventariadas, as concepções de tempo e espaço presentes no discurso documental, as heranças culturais das fontes, as possíveis estratificações sociais de seu tempo e precisar com clareza o período estudado.

Portanto, quem se propõe a estudar a história da educação “é aquele que toma como referência, o método histórico, o quadro pedagógico-educativo escolar e o contexto social” (SCHMIDT, 1996, p. 107). O “fazer história é uma prática. [...] A escrita histórica se constrói em função de uma instituição cuja organização parece inverter: obedece regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas” (CERTEAU, 1982, p. 56).

Para o saber-fazer história deve-se levar em conta:

O *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (...) ambição indispensável para tentar totalizar numa prática realmente cumulativa o conjunto dos saberes e do saber-fazer história em todos os conhecimentos – e por meio deles – realizados pelo colégio dos melhores, no passado e no presente. (...) A mesma atitude esteve na origem do emprego do conceito de campo (...) o modo de pensamento relacional é o de toda a ciência moderna (BOURDIEU, 1992, p. 165).

Nesse processo, o educador possui uma posição de destaque na análise dos fatos históricos, pois a superação dos problemas didáticos e metodológicos devem ser uma preocupação constante.

O historiador trabalha o fato histórico por meio de interpretações e o educador utiliza fontes como ferramentas em salas de aula para estabelecer relações do passado com o presente. Se antes a missão do historiador consistia em estabelecer os fatos históricos a partir de documentos, seu objeto “o fato singular deixou de dominar o horizonte do historiador e o que interessa é captar as pulsações, os ciclos de grande ou breve duração da vida econômica, seus efeitos sociais ou outros” (CARDOSO e BRIGNOLI, 1979, p. 24). Logo, o trabalho do historiador é estudar as experiências humanas vividas ao longo do tempo e interpretando os acontecimentos históricos.

As possibilidades de convergências entre a história cultural e os intelectuais, apontam ganhos nas interlocuções teóricas e filosóficas para a historiografia educacional. Para Fonseca (2003, p. 59), “a história da educação não tem fronteiras a definir com a História Cultural. Utiliza seus procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos, bem como muitos objetos de

investigação”. Segundo Souza (2017, p. 1) “o domínio historiográfico transita ainda na fronteira de outras disciplinas como a História dos Intelectuais, História Cultural ou das Mentalidades, a História das Ideias, a História Política e a Filosofia da Linguagem”. Dentro desse variado quadro de diálogos, o seu interesse tende a se renovar incorporando os progressos e novidades que ocorrem no campo da historiografia.

Do conjunto de trabalhos realizados, destacam-se: as obras *Intelectuais e a Igreja Católica do Paraná – 1926-1938*² de Campos (2010), *História intelectual e educação: trajetórias impressos e eventos*³, de Vieira (2015); *Escolanovismo e modelo católico de leitura na circulação e apropriação de modelos culturais: os manuais brasileiros nas bibliotecas de formação de professores em Portugal*, de Mogarro (2006); *Bibliotecas Pedagógicas Católicas: estratégias para construir uma Civilização Cristã e confrontar o campo pedagógico por meio do impresso*, de Sgarbi (2001).

Esse *corpus* documental reunido é pensado como uma Biblioteca Pedagógica que faz circular saberes e traz à luz um dos caminhos de construção intelectual do historiador, em que contar a história de uma pessoa como meio de fazer o leitor entrar em imaginação na vida de outra época permite ao historiador reconstruir o contexto em que agiu o biografado.

A biografia de um indivíduo concentra as características de um grupo, ou serve para esclarecer um contexto, que muitas vezes, não é percebido em sua integridade. Em linhas gerais, a capacidade da biografia é a de descrever o que é significativo em uma vida, segundo Levi (2000). Seguindo esse pensamento, a tarefa do historiador seria a de captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção dos significados de algo que teria acontecido um dia.

Biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo. O mistério do singular é, também, fortíssimo como elemento constitutivo do imaginário cultural de qualquer sociedade ou mesmo civilização. [...] Mas a fascinação biográfica tem um aspecto muito interessante, ao qual se pretende

² Esta obra discute o processo de constituição do grupo, as suas interlocuções com as vertentes teóricas e filosóficas em geral, as suas ideias e intervenções culturais, bem como suas relações com o Estado e com os grupos políticos no cenário paranaense.

³ Esta obra expressa o trabalho de um coletivo de pesquisadores na elaboração de conhecimento histórico, particularmente no âmbito da história da educação.

dedicar estas reflexões. Trata-se do que se poderia denominar sua *instrumentalidade educativa* (CARINO, 2016, p. 154).

Segundo Levillain (2003), a biografia promove relevantes questões teórico-metodológicas para a história desde a constituição desta como disciplina no século XIX. Provoca incômodo entre os historiadores mais céticos, que a criticam apontando seus problemas para o discurso historiográfico. Porém, as críticas não impediram que a biografia tivesse seus defensores ao longo da história e voltasse a ganhar espaço entre as pesquisas historiográficas, especialmente a partir dos anos 1980.

Para Loriga (2011), a relação da biografia com a história mostrou-se conflituosa por séculos, motivada pela veracidade dos fatos e estimula estudiosos a valorizarem as singularidades do indivíduo, como também serve para auxiliar o homem a pensar o seu papel na história. A biografia pode ser uma resposta para a história, é possível estabelecer os elementos de uma forma relativamente consciente e as mudanças significativas de um indivíduo, que refletem entre outras coisas, o peso dos fatos históricos, das práticas sociais e das relações emocionais. As perspectivas de se aprender história por meio da biografia de um indivíduo abrem possibilidades de aprender a dinâmica da história global.

Seguindo o pensamento de Lechner (2016, p. 129), “a pesquisa biográfica implica um processo de experiência, construção de sentidos e analisa saberes da experiência”. É possível acompanhar a vida de um indivíduo, suas experiências e o mundo em que viveu, tentando imaginar os modos de existir das sociedades naquele contexto.

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metarreflexão do conhecimento de si (SOUZA, 2016, p. 171).

Outra possibilidade em contar a história de uma pessoa serve para o leitor entrar em contato com a vida de outra época, conhecendo as especificidades, as características da sociedade, da vida de um determinado povo e suas políticas de governo. “A abordagem biográfica possibilita compreender o singular/universal das histórias, memória de formação, práticas

individuais/coletivas inscritas na itinerância dos sujeitos em aprendizagem e formação” (SOUZA, 2016, p. 176). A biograficidade é, por assim dizer, “Um código pessoal pelo qual “lemos” e “falamos” as novas experiências das quais nos “apropriamos”. Esta integração da experiência pode ser considerada uma série ininterrupta de experiências” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 36).

A experiência biográfica pode desempenhar um papel essencial no próprio processo de aprendizagem, permitindo “a estruturação, apreensão e construção dos objetos de aprendizagem, seja do conhecimento formal, do saber-fazer procedural e de competências multidimensionais, etc.” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 42).

Complementando com o pensamento de Lechner (2016, p. 135): “as noções de biografia contribuem para a aquisição e apropriação dos saberes e fazem da formação dos indivíduos um componente essencial do processo de aprendizagem”. Com isso, “emerge como tarefa urgente que cada sujeito, numa tripla relação consigo, com os outros e com o mundo, estabeleça um processo de releitura de si mesmo, de sua própria biografia em busca de significados” (ABRÃO, 2010, p. 46).

Com relação ao emprego da metodologia para esta pesquisa, escolheu-se a abordagem qualitativa, porque “Os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação” (CRESWELL, 2010, p. 206).

Na pesquisa qualitativa é possível avaliar o desenvolvimento natural dos acontecimentos e o significado das ações dos indivíduos e suas instituições. Nesse método, o pesquisador é introduzido nas experiências dos participantes e constrói o conhecimento, sempre de acordo com o fenômeno estudado. Entre as principais vantagens da abordagem qualitativa, está a de que o pesquisador pode utilizar diversas técnicas de pesquisa de uma maneira flexível, de acordo com as exigências da situação. Em linhas gerais, o enfoque qualitativo pode ser pensado como um conjunto de práticas interpretativas que podem tornar o mundo “visível” e o transformam numa série de representações por meio de observações, anotações, gravações e documentos (SAMPLERI, 2013).

“A característica da pesquisa é documental por estar restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 157).

As fases da pesquisa documental foram definidas por Gil (2000). A primeira fase foi a determinação dos objetivos da pesquisa que visam à obtenção de dados em resposta a determinado problema. Outra fase é a elaboração do plano de trabalho, ou seja, um planejamento da pesquisa. A identificação e a localização das fontes se refere à consulta ao material localizado em bibliotecas, consulta à internet, entre outras. O tratamento dos dados, deve ser feito em observância aos objetivos e plano da pesquisa. É aconselhável fazer um fichamento da coleta de material. A última fase é a redação do trabalho.

Segundo Marconi e Lakatos (2010) a pesquisa documental rende melhores resultados que outras técnicas, embora tenha limitações por não permitir continuidade dos dados ou não corresponder ao modelo conceitual adotado.

Para análise das obras do Padre Charbonneau foi utilizada a análise de conteúdo que tem como princípio “desmontar a estrutura e os elementos de um conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (RAUEN, 2002, p. 200).

De acordo com Bardin (1977, p. 95-97):

a descrição analítica começa já na pré-análise, quando o material é submetido a um estudo aprofundado orientado por algumas questões norteadoras e pelo referencial teórico-metodológico adotado. Nesta etapa, procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização são instâncias básicas, sendo que desta análise, surgem quadros de referências. É a etapa mais longa e cansativa. É a realização das decisões tomadas na pré-análise. É o momento da codificação em que os dados brutos são transformados de forma organizada e agregadas em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo. A categorização permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los.

Para categorizar, podem empregar-se dois processos inversos: a) tendo recebido o sistema de categorias, baseado em hipóteses teóricas, repartem-se os elementos à medida em que são encontrados; b) as categorias emergem da classificação analógica dos elementos, surgem da análise do trabalho. Para serem consideradas boas, as categorias devem possuir certas qualidades. A primeira qualidade se refere à exclusão mútua, na qual cada elemento só pode

existir em uma categoria. A segunda categoria se refere à homogeneidade, na qual para definir uma categoria, é preciso haver só uma dimensão de análise. Essa dimensão abrange a pertinência e a objetividade. Na pertinência, as categorias devem dizer respeito às intenções do investigador, aos objetivos da pesquisa, às questões norteadoras, entre outras. Na objetividade, as categorias devem ser bem definidas (BARDIN, 1977).

As categorias de análise das obras do Padre Charbonneau escolhidas para a pesquisa foram as seguintes:

- Categoria família abrangendo assuntos referentes às transformações da família, o papel dos pais para com os filhos, o protesto dos jovens e a juventude e a religião.
- Categoria educação: o papel dos pais na educação e a educação concebida pelo Padre Charbonneau.
- Categoria sexualidade: a educação sexual dos adolescentes e o casamento.
- Categoria: proposta política de Charbonneau, focalizando a opção cristã para o desenvolvimento dos povos, a igreja diante dos problemas sociais e o pensamento filosófico do Padre Charbonneau.

Para melhor situar o leitor, esta dissertação foi estruturada em cinco capítulos além da introdução e considerações finais. O primeiro capítulo abrange a biografia do Padre Charbonneau, mostrando sua trajetória no Brasil de 1959 a 1987, tratando dos fatos que permearam sua vida neste período.

O capítulo seguinte compreende uma análise da influência católica na produção dos saberes pedagógicos, começando com um histórico da presença católica na educação brasileira e a influência do catolicismo na educação do país. A abordagem histórica se iniciou desde a educação da Companhia de Jesus, que tinha como objetivo o desenvolvimento global da pessoa, inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo. O projeto católico de educação no Brasil apresenta os princípios basilares que nortearam a educação cristã, que tinha como propósito preparar o homem para um encontro íntimo com o seu criador, um comportamento mais justo, sincero, honesto e harmonioso. Também se abordou a importância da vinda dos missionários canadenses que tinha como

meta ampliar o papel da igreja no Brasil, fortalecer os ideais católicos e, para isso, utilizava-se de práticas assistenciais e instituições educativas.

O terceiro capítulo intitulado: O pensamento pedagógico do Padre Charbonneau, foi operacionalizado em categorias abrangendo família, educação e a sexualidade.

O quarto capítulo, apresenta a proposta política de Charbonneau com foco na opção cristã para o desenvolvimento dos povos, abrangendo assuntos relacionados ao papel do Brasil no contexto mundial, a Igreja diante dos problemas contemporâneos e sociais com o pensamento filosófico do Padre Charbonneau.

Nas considerações finais, ressalta-se a resposta ao problema da pesquisa e uma reflexão para futuros trabalhos.

2 PADRE CHARBONNEAU: BIOGRAFIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar a biografia do Padre Charbonneau, desde o seu nascimento, no Canadá, em 1925 até sua morte em 1987, no Brasil. É um relato dos principais fatos que nortearam sua trajetória como sacerdote, a sua ordenação e o seu trabalho no Colégio Santa Cruz em São Paulo.

Na década de 1920, o Brasil conheceu várias transformações, especialmente no setor educacional, quando surgiram educadores como Anísio Teixeira⁴, Fernando de Azevedo⁵, Almeida Júnior,⁶ entre outros. Esses educadores difundiram no País os ideais da Escola Nova.

A partir de 1920, surgiram as primeiras universidades brasileiras, como a do Rio de Janeiro em 1920, Minas Gerais em 1927 e Porto Alegre em 1934. No período que vai da queda em Estado Novo em 1945 até a Revolução de 1964, o sistema educacional brasileiro sofreu mudanças por conta de muitos fatos marcantes como a instalação do Conselho Federal de Educação, além da expansão do ensino primário e superior. A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1961 tinha como premissa a defesa da escola pública, universal e gratuita.

2.1 DOS PRIMEIROS ANOS ATÉ O BACHARELADO

Antes de mais nada, é importante conhecer um pouco da terra natal do Padre Charbonneau, que foi o Canadá. O Canadá tem uma área de pouco mais de 10 milhões de metros quadrados e uma população de aproximadas 32 milhões de pessoas (HUMAN DEVELOPMENT REPORT, 2007).

Ele nasceu em 15 de dezembro de 1925, na cidade de Sainte-Agathe-des-Monts, província de Quebec, Canadá. Em 1938, ingressou no Colégio

⁴Pode ser considerado o principal idealizador das mudanças na educação brasileira no século XX e foi um dos pioneiros da implantação de escolas públicas no País (TEIXEIRA, 1969, p. 5).

⁵Considerado um dos expoentes da Escola Nova no Brasil (AZEVEDO, 1996).

⁶Publicou várias obras destinadas à atividades didáticas, Defendia uma reorganização do ensino brasileiro, baseada nos ideais da Escola Nova (GANDINI, 2010, p. 11).

Saint-Laurent apresentado na figura 1, da Congregação de Santa Cruz, em Montreal, onde realizou os estudos primários e secundários. Esse Colégio tinha forte embasamento humanista cristão e foi fundado em 1847 pelos religiosos da Congregação de Santa Cruz – fundada em Le Mans, na França, pelo Padre Basil Moreau em 1835, com a finalidade de reconstruir o sistema escolar franco-canadense, desmantelado pelos ingleses um século antes. Essa Congregação objetivava a revitalização da cultura francesa local, ou seja, procurava fazer um resgate do pensamento pedagógico francês. Travou contato com os intelectuais católicos franceses como Duhamel, Leon Bloys, Péguy, Mauriac, Bermanos, além de outros pensadores como Henri Bergson, Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. Notou-se que a estrutura clerical era atuante e permeava todas as esferas da vida de Quebec.(MARTINS, 1997).

Figura 1 – Colégio Saint-Laurent em Quebec



Fonte: Martins (1997)

O pensamento humanista cristão é aquele em que o homem se liga a Deus pela fé e a crença religiosa. Por meio desses ideais cristãos, o homem estabelece uma relação com Deus, um fato essencial para a elucidação da vida

humana. Dessa maneira, a existência humana é um encontro pessoal entre Deus e o eu (NOGARE, 2008). Complementando com as palavras de Nascimento (2017, p. 59): “o Humanismo Cristão desenvolve uma concepção de natureza associada a um programa de estudo, que visa ao cuidado com a psicologia dos alunos, e à felicidade humana.”

Esse cuidado envolve a educação, que na acepção cristã é um meio educativo direcionado à transformação, libertação e capacitação do indivíduo no contexto em que atua. Essa educação não está divorciada da fé cristã e se desenvolve com a aceitação tácita da missão dada por Deus e revelada por Jesus Cristo, seguindo as escrituras bíblicas. Desse modo, a experiência com Deus se reflete no comportamento do indivíduo, direcionado a uma digna qualidade de vida em nível social e pessoal. Os princípios e valores norteados pelo cristianismo têm na ética um de seus principais alicerces, como se verifica a seguir:

A ética cristã tende a enraizar-se dentro do íntimo do indivíduo se tornando uma lei própria que irá guiar as suas escolhas e direcionar a sua vida. Portanto, como uma das orientações do cristianismo é amar ao próximo da mesma forma e com a mesma intensidade que ama a si mesmo, seguindo esta ideia, é possível deixar todos os homens em posição de igualdade e colocar de lado a obsessão desenfreada pelo poder e superioridade sobre o outro, que tanto corrompe e faz mal ao homem e à sociedade, dividindo-os em grupos e até mesmo individualizando-os, impossibilitando assim, a convivência entre eles como irmãos (PIMENTEL, 2015, p. 864).

Desta forma, a ética cristã auxilia as pessoas encarar valores e deveres tendo Deus como fonte inspiradora.

As influências do ideário cristão na formação do Padre Charbonneau, impulsionaram seguir à frente com seus objetivos, tendo como palavra de ordem a fé, igualdade, ética e o bom convívio social e harmônico entre os indivíduos.

Em 1944, o Padre Charbonneau iniciou seu noviciado no Instituto de Teologia da Congregação, Scolasticat Saint-Geneviève-de-Pierrefonds. Ele terminou esse noviciado em 1945. No período de 1946-1947, cursou o segundo ano de filosofia, obtendo ao fim do período o diploma de bacharel em Artes, pela Universidade de Montreal (MARTINS, 1997).

2.2 DE SUA ORDENAÇÃO ATÉ A VIAGEM PARA ROMA

No ano de 1950, ordenou-se padre pela Congregação de Santa Cruz e, nesse mesmo ano, iniciou o seu ministério no Oratório São José, em Montreal, indo trabalhar no serviço de preparação para o casamento da diocese local. A figura 2 mostra o Padre Charbonneau na época de sua ordenação. Como se observa nessa figura esse religioso possuía uma impressão de extrema jovialidade e decisão (MARTINS, 1997).

Figura 2 – Ordenação do Padre Charbonneau



Fonte: Martins (1997)

Nos anos de 1953-1954, foi professor de Teologia na Universidade de Montreal, no Instituto Superior de Ciências Religiosas. A figura 3 apresenta o

Padre Charbonneau em 1953 no Canadá, logo após a sua ordenação, no momento de seu ministério no oratório. Foi nomeado professor de filosofia do Colégio Saint-Laurent e professor de Teologia no Seminário da Congregação de Santa Cruz, em Montreal, em 1955. Em 1956, obteve o título de doutor em teologia pela Universidade de Montreal. Nos anos 1957-1958 viajou para Roma, onde trabalhou como vice-postulador na Cúria Generalista de Santa Cruz, colaborando na preparação do processo de beatificação de Alfred Bessette⁷. (MARTINS, 1997).

Figura 3 – O Padre Charbonneau em 1953 no Canadá



Fonte: Martins (1997)

⁷Também chamado de André Bessete, nasceu em 9 de agosto de 1845, em Mont-Saint-Grégone, em Quebec e faleceu em 06 de janeiro de 1937. Foi um religioso da Congregação de Santa Cruz em Montreal no Canadá. Acolhia pessoas doentes e deprimidas e as convidava para rezar à São José, para pagar as graças recebidas. Sempre negou ter qualquer poder de cura. Tinha tal maneira de falar sobre Deus que o levava a semear sementes de esperança nas esperanças que encontrava. Foi canonizado e reconhecido como primeiro Santo Oficial da Congregação de Santa Cruz em outubro de 2010 (CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ, 2017).

2.3 DA DOCÊNCIA NO COLÉGIO SANTA CRUZ ATÉ A SUA MORTE

A Congregação de Santa Cruz, no ano de 1959, designou o Padre Charbonneau a lecionar filosofia no Colégio Santa Cruz, em São Paulo (MARTINS, 1997). No Colégio “ele envolveu-se intensamente com a comunidade, assumindo a vice-direção em 1965, cargo que exerceu até 1987, quando veio a falecer” (COLÉGIO SANTA CRUZ, 2017, p. 1).

Em 1961, vinculou-se à ADCE – Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa⁸, na qualidade de assessor doutrinário. Foi designado para o cargo de delegado brasileiro para o Congresso Internacional da UNIAPAC – União Internacional do Patronato Cristão⁹, no Chile. No ano de 1962, foi nomeado delegado brasileiro para o Congresso Internacional da UNIAPAC em Bruxelas. Em 1963 foi indicado para o cargo de delegado brasileiro na Comissão Central de Delegados para a UNIAPAC, em Buenos Aires, e no Fórum Latino-americano de Desenvolvimento, em São Paulo (MARTINS, 1997).

O Padre Charbonneau participou ativamente da Escola de Pais do Brasil, fundada em São Paulo em 1963, por inspiração da Madre Inês de Jesus, cônego de Sto. Agostinho e lançada à família brasileira Pelo Padre Lionel Corbeil, seu Presidente de Honra, que tinha por objetivo aprimorar a formação dos pais e torná-los mais aptos para exercerem suas funções educativas na família e na sociedade. Ele adotou uma metodologia própria e procurava despertar o nível de interesse dos pais enfocando a real problemática educativa de cada grupo. Agrupava casais que colaboravam para que os objetivos da entidade pudessem ser atingidos como: reforço à família, conscientização da paternidade responsável, preparação para um mundo em mudanças constantes e conhecimento de psicopedagogia (ESCOLA DE PAIS NO BRASIL, 1989).

O reforço à família era importante naquela época, pois essa instituição atravessava um período difícil, por causa dos valores desprezados, da

⁸A ADCE foi fundada na cidade de Bruxelas, na Bélgica, por um grupo de empresários para disseminar os ensinamentos da espiritualidade, do evangelho, da ética e da justiça social nas organizações (ARRUDA, 1989).

⁹A UNIAPAC é uma entidade mundial que congrega associações de dirigentes cristãos em 40 países (ARRUDA, 1989).

crise do casamento originada da infidelidade do casal. Diante do choque de gerações, da crise espiritual que atingia a família e de outras crises como a falta de segurança, o abuso da permissividade e a falta de autoridade dos pais, a Escola de Pais pretendia equilibrar as relações familiares e ensinar aos pais como lidar com os filhos e com os problemas dos filhos (ESCOLA DE PAIS NO BRASIL, 1989, p. 10).

Para o Concílio Vaticano II¹⁰ (1962-1965), as tensões e desequilíbrios nas famílias ocorriam por causa das condições demográficas, econômicas e sociais, pelos choques das diferentes gerações e pelas relações sociais entre homens e mulheres. Também primava pela formação integral de alunos, incluindo a formação sexual, o acompanhamento psicológico e a formação social e profissional. A relação teórica, encontra semelhança com o ideário de Charbonneau (1991), que defendia uma formação integral do homem que deveria descer até as profundezas do espírito.

O Padre Corbeil tinha uma amizade fraternal e duradoura com o Padre Charbonneau. Eles dividiam a tarefa de coordenar o Colégio Santa Cruz. Corbeil analisava o Padre Charbonneau como uma pessoa de contrastes acentuados, era metódico, sério e decidido e deixou um nome inesquecível ligado à filosofia, em suas atividades como conselheiro. Tinha uma fé profunda, sólida e simples e estava constantemente à procura de fórmulas que lhe permitissem ajudar a todos, sobretudo aos mais necessitados (MIGUELES, 2002).

Charbonneau tornou-se querido como colega professor e conselheiro. Em Padre Corbeil, diretor do colégio de 1952 a 1992, encontrou um grande parceiro e um estimado amigo. Desenvolveu o projeto pedagógico idealizado por este fundador do Santa Cruz – sem, contudo, deixar de dar as suas próprias contribuições ao plano de ensino que se consolidaria na década de 1970 (COLÉGIO SANTA CRUZ, 2017, p. 2).

¹⁰Por meio do Concílio Vaticano II (1962-1965) foram promulgadas quatro Constituições Apostólicas de relevância histórica. A *Dei verbum* (Palavra de Deus) estabelecia a relação entre as Sagradas Escrituras e a Tradição e foi promulgada pelo Papa Paulo VI, em 18 de novembro de 1965. A *Lumen gentium* (A Luz dos Povos), tinha como tema: a natureza e a constituição da Igreja como instituição e como Corpo místico de Cristo, promulgada pelo Papa Pulo VI em 21 de novembro de 1964. A *Sacrosancum Concilium* (O Sacrossanto Concílio), tinha como tema: a liturgia e as modificações desejadas pelos participantes do Concílio no culto da Igreja e foi promulgada pelo Papa Paulo VI, em 04 de dezembro de 1963. A *Gaudium et spes* (A alegria e a esperança), tinha como tema a Igreja no mundo contemporâneo e seus desafios concretos e foi promulgada pelo Papa Paulo VI, em 7 de dezembro de 1965 (CONCÍLIO VATICANO II, 1991).

Em relação à psicopedagogia, alguns temas foram bastante discutidos na Escola de Pais como: educação no mundo atual, amor e segurança, o papel do pai e da mãe na educação dos filhos, dificuldades para se educar, sexualidade humana e a realização do ser humano. Havia reuniões de casais semanalmente à noite, para falar e ouvir tudo que é necessário saber para educar melhor os filhos. A sexualidade era amplamente discutida e mostrava-se a importância do desenvolvimento sexual dos filhos, por meio de uma sincera conversa com eles sobre o assunto. Os casais eram preparados e seu papel era multiplicado em paróquias, clubes, centros sociais e comunitários (ESCOLA DE PAIS DO BRASIL, 1989).

É nesse ambiente que o Padre Charbonneau participou e contribuiu ativamente na construção e circulação de suas obras literárias. Fazia palestras enfocando assuntos da sexualidade, drogas, educação e filosofia de vida. Deixou uma mensagem de amor direcionada a todos e, principalmente, aos casais. “Para a Escola de Pais, Charbonneau não morreu. Continua bem vivo em cada lugar, em cada um de nós e em cada uma de suas obras. Sua palavra bela, sábia, arrojada e fácil ainda ecoa entre nós e o fará sempre presente” (ESCOLA DE PAIS DO BRASIL, 1989, p. 10).

Preocupado com as famílias e a educação, o amor é a palavra de ordem nas relações humanas, sobretudo, na educação dos pais e filhos.

Segundo Martins (1997, p. 240-241):

Ele foi Vice-Diretor do Colégio Santa Cruz e professor de teologia no Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo, em 1965. Iniciou sua carreira jornalística no jornal A Folha de São Paulo, em 1966, além de outras publicações como Moral Conjugal no século XX e Educação Brasileira. Tornou-se professor de Antropologia na Escola Paulista de Medicina, onde deu aulas de planejamento familiar, em 1967. Publicou Amor e liberdade, em 1968, enquanto a Companhia Distribuidora de Livros lançou suas obras completas em cinco volumes. No ano de 1969, foi professor de moral, na Escola Paulista de Enfermagem. Nesse mesmo ano sofreu um enfarte e foi internado em São Paulo. Por causa dos problemas de saúde o Padre Charbonneau teve que interromper suas atividades por dois anos. Apaixonado pelos ideais altruísticos de São Tomás de Aquino (1225-1274), o Padre Charbonneau foi orientado para agir com humanismo, discernimento e boa vontade e sabia considerar a importância das ações concretas no cotidiano dos homens.

Em suas palestras, o Padre Charbonneau explorava temas ligados aos valores morais, como a ética, a justiça, entre outros. Além disso, foi uma figura destacada nos meios eclesiais de Quebec e, para a construção de sua personalidade, adotou um método rígido de viver, ao lado de uma formação intelectual notável, um desejo de atualização e não tinha preconceitos de ordem política ou religiosa. Foi, além de um intelectual, uma pessoa que se empenhou em lutar pelos valores humanos, tendo sido chamado por muitos intelectuais da época como um indivíduo eminentemente humanista, ultrapassando os interesses mesquinhos e considerando a justiça, uma palavra de ordem nas relações do homem com seu semelhante (MARTINS, 1997).

A influência humanista, de cunho cristão, foi fruto de sua educação em Quebec e norteou toda sua vida.

Apostando, portanto, na necessidade de a escola se dirigir sobretudo a pessoas, vistas como seres completos, e não apenas como alunos, o autor oferece diversas definições para a palavra 'educação' – todas, porém, essencialmente próximas 'tornar o homem cada vez mais homem', 'suscitar (nos candidatos) a grandeza'; 'conduzir o indivíduo a explorar ao máximo a sua capacidade intelectual'; torná-lo primeiro capaz de escolha, mas também de empenhar-se eficazmente na sua escolha' (COLÉGIO SANTA CRUZ, 2017, p. 2).

Segundo Martins (1997), o Colégio Santa Cruz, empreendimento dos padres canadenses, seguia uma perspectiva de educação centralizada no educando, presidida por uma pedagogia ativa, respeitadora dos seus interesses, da sua imaginação, de sua inteligência, dos dons criadores, do espírito de pesquisa e de suas opções livres. O Canadá representava a modernidade econômica e de costumes do capitalismo da América do Norte e essa influência contava com peso maior na formação das elites brasileiras. Foi neste local que o Padre Charbonneau começou a conquistar muitas amizades que lhe foram úteis para o seu aprendizado da língua portuguesa. Teve a incumbência de ministrar filosofia para turmas de primeiro e segundo ano do colégio. Estruturou um programa que já no início abordava os fundamentos do raciocínio lógico, para só então entrar na discussão dos problemas existenciais dos filósofos contemporâneos.

Acreditava na "capacidade humana de encontrar a sua própria grandeza, que era a principal marca de seus escritos – seja qual for o tema em questão:

sexualidade, drogas, adolescência, Deus, casamento, ciência e política” (COLÉGIO SANTA CRUZ, 2017, p. 2).

O Padre Charbonneau era bastante prático e dinâmico em suas aulas. Para ele, os alunos deveriam ser vistos como indivíduos que têm potencial infinito. O objetivo da educação com bases cristãs incluía o papel do professor, a ênfase curricular e metodologias de instrução apropriadas. Para o religioso, os alunos deveriam ser guiados a todos os níveis de desenvolvimento e crescimento, utilizando métodos de ensino com propósitos divinos e com uma ênfase especial em Cristo como Mestre Educador. Entendia a educação como um processo por meio do qual todos se conscientizam e se transformam, sempre à luz de sua relação com Deus em Jesus como o Cristo (MARTINS, 1997). Na figura 4, o Padre Charbonneau em seu gabinete de trabalho, local onde passava seu tempo dedicando-se à pesquisas, leituras e elaboração de textos.

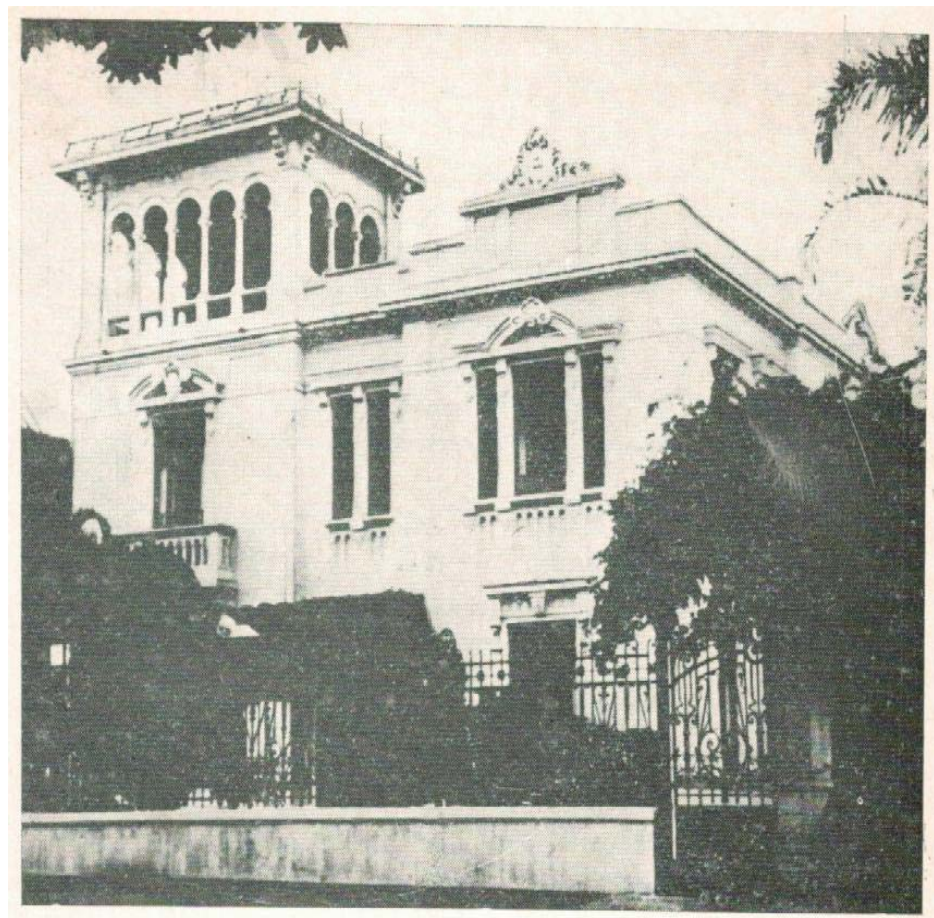
Figura 4 – Padre Charbonneau em seu gabinete de trabalho



Fonte: Martins (1997)

A trajetória do Padre Charbonneau no Colégio Santa Cruz está registrada em sua obra “A Escola Moderna, uma experiência brasileira: o Colégio Santa Cruz” (CHARBONNEAU, 1973). Esta obra foi composta em três capítulos, contendo no Capítulo I, a Educação; no capítulo II – o Plano Diretor/1972 direcionado ao primeiro grau e, por último, o Plano Diretor/1972 direcionado ao segundo grau. A figura 5 mostra o Colégio Santa Cruz, no período de 1952 a 1956, na Av. Higienópolis, na cidade de São Paulo.

Figura 5 - Prédio onde iniciou o Colégio Santa Cruz de 1952 a 1956



Fonte: Charbonneau (1973).

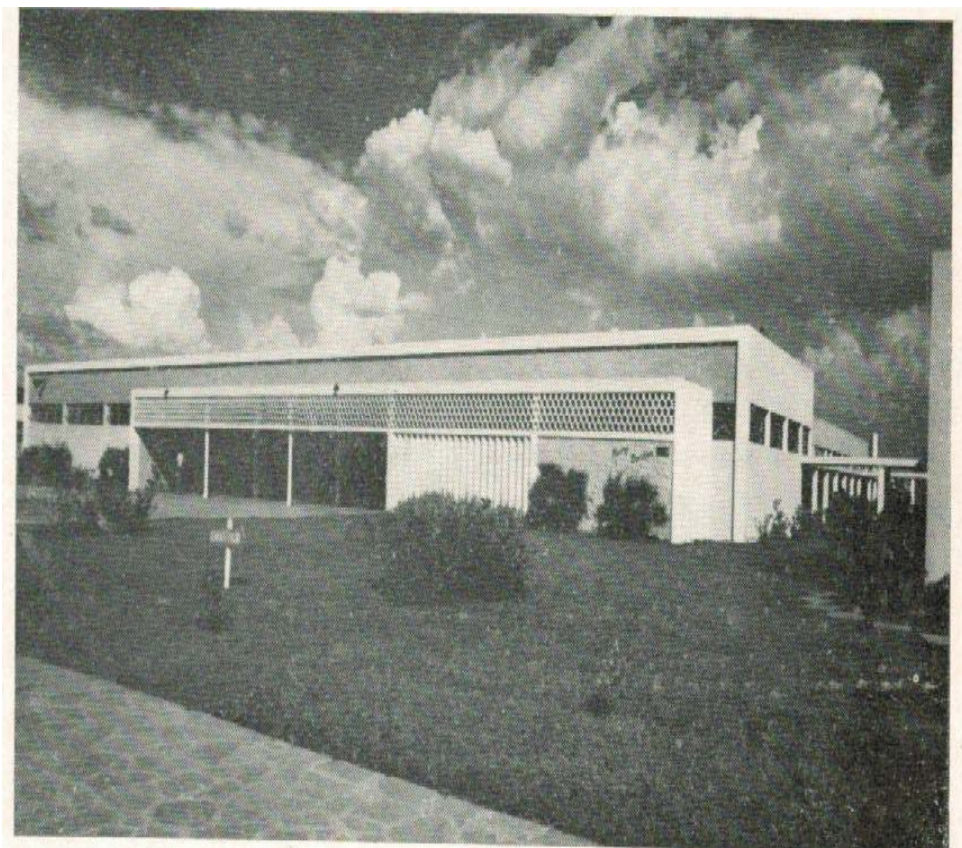
Na obra “A escola moderna”, Charbonneau (1973) mostrou que nos últimos decênios produziu-se uma ruptura irrevogável que obriga a inventar uma nova civilização, e exige uma mudança radical no regime das propriedades, da estrutura do poder, da cultura e da escola, da religião e da fé, da vida e de seu sentido. Isso tudo por causa das mudanças que estão transformando o mundo,

que já não é mais o que era e que estão alterando os rumos do conhecimento. Essa obra faz parte de sua biografia, pois mostra a prática pedagógica no Colégio Santa Cruz, na qual as premissas definidas no capítulo II e III foram basilares para que ele elaborasse o Plano Diretor de 1º e 2º graus no referido colégio.

Na figura 6 verifica-se o pavilhão ginásial do Colégio Santa Cruz em 1957, com instalações bastante amplas e, seguindo o pensamento do Padre Charbonneau (1973), deveria ser espaçosa e permitir um equilíbrio biológico necessário à saúde dos alunos. Sobre a importância do espaço escolar, Frago e Escolano (2001, p. 61) relatam:

Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender; com a educação. Dessa forma entende-se que a escola é pensada para ser um espaço para as práticas de ensino-aprendizagem, tendo um programa específico de necessidades destinadas a prática do educar.

Figura 6 - Pavilhão Ginásial do Colégio Santa Cruz em 1957



Fonte: Charbonneau (1973).

Importante citar que na década de 1970, quando foi escrita a obra: A escola moderna (CHARBONNEAU, 1973), o Brasil atravessava um período de transformações políticas e econômicas, por conta da ditadura militar implantada em 1964. Esse evento exigia uma educação profissionalizante e estabelecia novos rumos da pedagogia que deveria se adequar às demandas de formação dos alunos para o mercado de trabalho. A finalidade da educação seria a de estimular o desabrochamento total do homem e suscitá-lo à grandeza. A educação tem a ver com a construção do conhecimento a partir do sujeito, considerando os eventos e fenômenos que lhe exigem uma resposta, um sentido ou um significado total. O desenvolvimento do indivíduo deveria basear-se nas premissas cristãs da educação. A inteligência deveria se abrir a um horizonte muito amplo de conhecimentos que lhe permitissem avançar nas diferentes frentes do saber.

Figura 7 – Um Ensaio de Democracia



Fonte: Martins (1997)

A figura 7 apresenta um ensaio de democracia no início dos anos 60, quando um jovem calouro é submetido a um trote perante um tribunal, com promotores, juiz, advogados, pedidos de aparte e muita diversão.

Assim, o objetivo do desenvolvimento da inteligência seria de oferecer meios para conduzir o educando, de forma segura, nas diferentes fases do desenvolvimento, o que, certamente, permitiria que o jovem se desenvolvesse plenamente como pessoa humana. A ideia que se configura aqui é a de formar um indivíduo mais forte, com maior equilíbrio mental e com uma personalidade mais capacitada, valorizada e potencializada, tendo como suporte os objetivos da educação cristã, o conhecimento e a reflexão sobre as verdades bíblicas. Dessa maneira, os alunos com agilidade mental, poderiam ter sucesso e felicidade, em outras palavras, estariam preparados para vencer dificuldades e adversidades ao longo da vida.

Sobre a tarefa da Pedagogia, o Padre Charbonneau (1973) explicava que a mesma não é um truque para ensinar, deveria repousar numa visão global do fenômeno humano.

Educar, poder-se-ia dizer, é conduzir um indivíduo a explorar ao máximo sua capacidade intelectual. Ora isto só se realizará se lhe fornecermos os meios requeridos para tal desenvolvimento, isto é, criando uma nova pedagogia que corresponderá à qualidade de inteligência própria ao estudante contemporâneo (CHARBONNEAU, 1973, p. 24).

A ação pedagógica se fundamenta “como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; um *habitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após o fim da ação pedagogia”, segundo Bourdieu-Passeron (1975, p. 44).

Sobre a educação nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, a escola estava atrelada ao mercado de trabalho em função da reforma da LDB nº 5.692/71, que tornou o ensino de 2º grau obrigatoriamente profissionalizante. A pedagogia tecnicista oriunda dos Estados Unidos, na segunda metade do século XX, serviu de modelo de aprendizagem para a educação no Brasil. Esta pedagogia seguia o modelo capitalista, tendo como objetivo formar indivíduos capacitados para o mercado de trabalho. Tanto o professor como o aluno não eram valorizados e a

escola não trabalhava a reflexão e criticidade dos alunos. Pretendia-se que a tendência tecnicista de educação, atendesse às demandas do regime ditatorial implantado em 1964, alinhando o País às exigências dos Estados Unidos.

Figura 8 – Padre Charbonneau falando a jovens casais



Fonte: Martins (1997).

Na figura 8 percebe-se uma situação em que o Padre Charbonneau falava aos casais, ouvia com atenção, desenvolvia a capacidade de penetrar nos problemas alheios e compreendê-los, conforme Martins (1997).

A orientação do Padre Charbonneau (1973) no que se referia à tarefa de educar era ampla, pois verificava-se a preocupação em preparar o aluno a dominar as emoções, o nervosismo, a timidez, o orgulho, a preguiça, os apetites, o cansaço e o sofrimento. Para isso, o educador deveria preparar o aluno para que descobrisse os caminhos que deve seguir para se encontrar a si

mesmo e visando o desenvolvimento de uma personalidade equilibrada. O desabrochar da criatividade era um dos pontos principais quando a palavra de ordem é educação.

Em linhas gerais, para que as crianças sejam criativas, era preciso deixar que elas se arrisquem, ou seja, é preciso que elas ajam como se pudessem cuidar de si próprias, de maneira a estarem abertas para a experiência. Assim,

grande é a responsabilidade do educador em compreender os comportamentos dos indivíduos criadores, os traços da personalidade e as condições internas e externas, que favorecem ou impedem a sua realização e o desenvolvimento de suas aptidões, interesses, atitudes e motivações (CHARBONNEAU, 1973, p. 25).

Por isso:

A apresentação dos valores estimulantes deve seguir as exigências axiológicas naturais da pessoa. O educador não pode pretender, menos ainda exigir, que a escala de valores pessoais seja válida para o educando salvo quando se trata de valores essenciais e universais, assim mesmo, deverá apresentá-los sob roupagens motivacionais, adaptadas ao tipo do educando (ARESI, 1980, p. 86).

Contrário aos métodos tradicionais de ensino vigentes na época que esteve no Brasil (1959-1987), o Padre Charbonneau (1973) enfatizava que seria preciso renová-los, para evitar um fracasso catastrófico de todo o sistema da educação. A renovação da educação implica em grandes modificações e o corpo docente precisaria estar preparado. Nesta perspectiva, a educação tem um importante papel a desempenhar e o educador deve identificar-se com a opção que fez, isto é, precisa gostar de ensinar.

Como sacerdote, o Padre Charbonneau (1973) defendia uma formação cristã dos alunos, embora a iniciação ao ato da fé, a apresentação de Deus, de Cristo, da mensagem evangélica respeitando o direito de decisão de cada um, em matéria religiosa. Coerente com esses pensamentos,

A centralização ao serviço da ética cristã tem importantes implicações para temas educacionais como a função social da educação cristã e os tipos preferidos de relacionamento entre alunos, entre membros do corpo docente e entre alunos e docentes. Além disso, e talvez o mais importante, as implicações éticas do caráter amoroso de Deus são relacionadas diretamente ao papel da educação cristã na construção do caráter. Isto é central para a educação cristã, pois uma de suas

tarefas é ajudar os alunos a desenvolverem uma vida semelhante à de Cristo (KNIGHT, 2001, p. 192).

O professor tem sua importância bastante destacada pelo Padre Charbonneau (1973). Esse profissional deveria ser de grande confiança, honestidade profissional, muita paciência e maleável. Os professores não deveriam ser autoritários. O professor deve estar no meio dos seus alunos, procurando com eles penetrar na questão proposta e construir uma resposta às demandas dos alunos. Observando esses princípios, o professor deveria reconhecer, também, que o seu papel é ajudar seus alunos a identificar as interconexões e o íntimo relacionamento entre os campos: do desenvolvimento, dos direitos humanos, da saúde, da justiça social, da paz e de muitos outros (CHARBONNEAU, 1973).

Na opinião de Charbonneau (1973), a pedagogia precisava ser reformulada e dar maior mobilidade possível ao aparelho escolar. Deveria ser o centro de descobertas a serviço da cultura. Para ele, o papel da escola teria de ser um laboratório, no qual se cultiva a pesquisa, para chegar aos melhores meios de transmissão. Na sequência, a pessoa humana é o centro e razão de ser de toda escola. Para Chartier (2000), as mudanças nas práticas de ensino podem se relacionar com as definições de “conteúdos” a serem ensinados, que constituem transformações didáticas relacionadas à organização do trabalho pedagógico.

A escola deve ser um centro de pessoas, cada uma das quais gozando o mais plenamente possível de sua identidade. Numa escola, todo aluno precisa sentir-se absolutamente identificado com seus mestres e experimentar uma sensação fortemente personalizante. A escola tem a função de ser a casa da liberdade e os alunos não podem ser entregues à indisciplina, que poderia provocar a anarquia. A escola precisa promover a autodisciplina, identificada como o único modo de promover o encontro fecundo da disciplina e da liberdade e que não repousa no castigo, mas na convicção, no respeito e na liberdade dos outros, segundo o Padre Charbonneau (1973).

Nestas palavras, compreende-se o papel da escola que é bastante amplo e tem como fundamento o ajustamento do indivíduo por meio da aprendizagem.

A aprendizagem é um processo tão importante para o sucesso da sobrevivência do homem que foram organizados meios educacionais e escolas para tornarem a aprendizagem mais eficiente. As tarefas a serem aprendidas são tão complexas e importantes que não podem ser deixadas para obra do acaso. As tarefas que os seres humanos são solicitados a aprender, como, por exemplo, somar, multiplicar, ler, usar uma escola de dente, datilografar, demonstrar atitudes sociais etc., não podem ser aprendidas naturalmente (CAMPOS, 2010, p. 15).

Incansável em seu trabalho e defendendo a importância da aprendizagem, Padre Charbonneau (1973), participou da elaboração de um Plano Diretor de aprendizagem, em 1972, destinado ao Colégio Santa Cruz, para o primeiro e segundo graus. Este plano obedeceu aos seguintes objetivos: comportamento moral; técnicas e habilidades; conhecimento cultural; sociabilidade; integração e modificação do meio (responsabilidade social).

Segundo Charbonneau (1973), o comportamento moral seria inspirado pelo Cristianismo. As técnicas e habilidades deveriam propiciar ao educando condições de estudo e de habilidades que lhe permitissem adequadamente viver no seu tempo, capacitando-o a conhecer e usar os instrumentos que estão à sua disposição. Também existe a necessidade do conhecimento cultural de maneira dinâmica, favorecendo a assimilação pessoal e o espírito crítico do alunado. A sociabilidade precisa ser desenvolvida por meio de atividades grupais (equipes, grêmios, esportes, entre outros). Quanto à integração e modificação do meio, os professores têm a incumbência de desenvolver ao máximo o relacionamento com os alunos, procurando um conhecimento profundo de cada caso, para melhor orientar nas dificuldades.

Os objetivos educacionais para o 1º Grau seriam no sentido de que o aluno tivesse as melhores condições de integrar-se na comunidade escolar e no meio em que vivia, desenvolver a personalidade em suas múltiplas facetas, adquirir técnicas de trabalho, desenvolver atitudes e adquirir conteúdos previstos nas diversas disciplinas. Uma das preocupações da direção pedagógica do curso de 1º grau seria a de procurar, constantemente, melhorar os métodos e as técnicas de educação, os programas de cada disciplina, o ambiente geral das atividades pedagógicas, adequar as cargas horárias de estudos e tarefas. A orientação educativa teria por finalidade evidenciar o

ensino em alto grau de importância. O papel do centro de avaliação, seria de coordenar atividades de medida e avaliação, no curso do 1º grau do Colégio Santa Cruz (CHARBONNEAU, 1973).

Estas iniciativas representam um poderoso auxílio para a aprendizagem e, nas quais, os estudantes poderiam executar melhor seu trabalho. Tais medidas consistiram em encorajar o espírito de iniciativa dos estudantes fomentando a criatividade.

O ensino religioso definido pelo Padre Charbonneau (1973), teria como escopo um Plano de Animação Espiritual com intuito de despertar o interesse da juventude pelo conhecimento da vida de Cristo e responder às necessidades religiosas dos jovens da época. Para isso, definiram-se como objetivos: informar o aluno sobre o conteúdo histórico e espiritual da Bíblia e dar condições ao aluno de refletir sobre problemas existenciais, para assumir a sua liberdade (CHARBONNEAU, 1973).

O conteúdo do Plano Diretor do 1º e 2º Graus do Colégio Santa Cruz, em 1972, teve como um de seus objetivos, a formação “multidimensional, humana e cristã”, mas voltado à educação profissional. Foi fomentada a animação espiritual, que tem por objetivo favorecer a formação religiosa dos alunos em função da vida comunitária, a possibilitar trocas de experiências entre pais, professores, educadores e comunidade, estimulando-os a manter um relacionamento mais aberto e participativo nas decisões de seus atos, atribuindo-lhes responsabilidades como pessoas e cidadãos (CHARBONNEAU, 1973).

No ano de 1973, publica “A Escola Moderna”, uma experiência brasileira e “Educar, diálogo de gerações”, que revela as experiências pedagógicas realizadas pelo Padre Charbonneau no Colégio Santa Cruz, pautadas no ensino centralizado no educando, sempre respeitando sua imaginação, sua inteligência e seus dons criadores. Esta obra foi uma reflexão a respeito dos quinze anos de atividades no Colégio, que retratou ritmos da modernidade comportamental entre pais e filhos (CHARBONNEAU, 1973).

No período de 1974 a 1977, publicou “Educar, problemas da juventude” (CHARBONNEAU, 1974), descreve problemas da família, a natureza do

protesto da juventude, as relações entre juventude e religião e o equilíbrio entre liberdade e permissividade. A motivação para esta obra, foram os intensos ritmos da civilização que ocasionaram uma crise nos valores cristãos. Neste período viajou pelo Brasil proferindo várias conferências por meio da Escola de Pais.

Em 1981, o Padre Charbonneau foi nomeado delegado da FIEP – Federation International des Écoles des Parents – entidade membro da Unesco para a Semana de Estudos da Educação, Quito, Equador. Publicou “O homem à procura de Deus” (São Paulo, EPU, 1981) cujo projeto nasceu durante a crise de 1978. Retomou sua colaboração no jornal Folha de São Paulo, para o qual passaria a escrever regularmente.

Em 1982, publica “O Brasil: hora de desafio”(São Paulo, Almed, 1982), textos publicados na Folha de São Paulo, discutindo dramas éticos de nosso tempo.

Em 1983, publica “Entre capitalismo e socialismo: a empresa humana” (São Paulo, Pioneira, 1983), abordando temas do Cristianismo, sociedade e revolução.

Em 1984, publica “O Brasil: hora de perplexidade” (São Paulo, Almed,1984), nova coletânea de artigos publicados na Folha de São Paulo.

Em 1985, publica Namoro e virgindade (São Paulo, Moderna); Educar: de ontem para amanhã (São Paulo, Escola de Pais; Jovens: casamento à vista e da teologia ao homem (São Paulo, Edições Loyola, 1985).

Em 1986, torna-se membro do CONEN- Conselho Estadual de Entorpecentes. Publica Educação: amor, segurança e sexualidade (São Paulo, Escola de Pais, 1986); Da *Rerum novarum* à teologia da libertação (São Paulo, Edições Loyola, 1986) e Curso de filosofia: lógica e metodologia (São Paulo, EPU, 1986).

Em 1987, publica “AIDS: prevenção/escola” (São Paulo, Edições Paulinas, 1987) e alimenta planos de realizar um vídeo sobre o tema. Porém, a 10 de agosto, quando inicia uma conferência no Colégio Madre Cabrini, em São Paulo, é acometido de uma hemorragia cerebral. Removido para o Hospital

Santa Catarina, vem a falecer um mês depois, em 11 de setembro, de falência múltipla de órgãos, com 65 anos de idade.

Padre Charbonneau com sua ação missionária e educativa, revela um patrimônio intelectual e espiritual do saber pedagógico. No Brasil, desenvolveu sua produção e circulação de temas pertinentes à ética, à justiça, à moral, à sociedade, à família, às drogas, ao entusiasmo de viver e à liberdade. Fatores que permitiram a construção do pensamento pedagógico, por meio da historiografia direcionada à formação do ser humano.

3 A PRESENÇA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Este capítulo mostra como ocorreu a influência católica na educação brasileira que tinha como meta desenvolver o indivíduo em seus aspectos físicos, emocionais, espirituais e sociais e que eram convergentes com o pensamento pedagógico do Padre Paul-Eugène Charbonneau.

Conhecer o histórico da presença católica na educação nos remete aos primórdios da colonização no Brasil, quando os padres jesuítas tiveram presença marcante. Os estágios de evolução da educação são apresentados por meio de teóricos que adotaram a concepção do cristianismo na educação brasileira.

Foi apresentado o ideário católico na educação brasileira, suas origens, propósitos, os pactos da igreja com o Estado para formação do povo brasileiro. A chegada da missão canadense no Brasil, destinadas à propagação de princípios do cristianismo, tinha como fundamento o trabalho social e o desenvolvimento missiológico enraizado na construção do protagonismo social, em especial das camadas mais populares do mundo.

3.1 HISTÓRICO DA PRESENÇA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Quando o Brasil foi descoberto, o modelo da Igreja era o da Cristandade, no qual o Estado se confundia com a Igreja, embora o poder estivesse nas mãos do Estado que era quem financiava as instituições religiosas cristãs. A história da educação no Brasil teve início com a vinda dos padres jesuítas, comandada pelo Padre Manoel da Nóbrega (1549) e outros dois jesuítas, Padre José de Anchieta(1553) e Padre Antônio Vieira (1614), segundo Moura (2000). Esses padres faziam parte da Companhia de Jesus, uma ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola em 1534, na cidade de Paris, França. Essa ordem foi responsável pela escolarização do País por um período de duzentos e dez anos. Seu papel foi o de catequizar os indígenas em todo País, a educação dos colonos, a formação de novos sacerdotes, “bem como o suporte espiritual

necessário para os civilizados súditos da Coroa Portuguesa que se encontravam no Brasil” (GARCIA-VILLOSLADA, 1997, p. 25).

A Companhia de Jesus, como era chamada a ordem dos jesuítas, surgiu numa época de lutas religiosas entre várias correntes do mundo cristão. Essas lutas tinham como armas “a fé inabalável, a disposição a todos os sacrifícios e a disciplina exemplar, tornaram seus missionários uma força eficaz contra o protestantismo e implantação do poder da Igreja entre os povos infiéis” (RODRIGUES, 1999, p. 9).

Além dos jesuítas, outras ordens religiosas chegaram ao Brasil, como os beneditinos e os carmelitas por volta de 1580. Os beneditinos fundaram o primeiro mosteiro em Salvador em 1584. Os carmelitas vieram trabalhar na capitania da Paraíba. Os franciscanos chegaram ao País em 1587, para fundar conventos religiosos na Província de Santo Antônio, na Bahia (MOURA, 2000).

A educação da Companhia de Jesus seguia os princípios definidos na pequena obra denominada Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. É uma metodologia de desenvolvimento espiritual segundo Santo Inácio de Loyola. Serve para que a pessoa alcance a liberdade de espírito por meio da consciência do significado de sua existência. É um roteiro de exercícios, no qual o indivíduo retira-se para um local isolado e faz sua meditação contemplando os aspectos de sua vida (LOYOLA, 2004). Bingemer (1990) complementa:

Os *Exercícios* são uma ajuda, uma pedagogia, uma mistagogia, para que aconteça uma determinada experiência: a experiência de Deus, ou seja, a experiência de que esse mistério incompreensível que se chama Deus é algo próximo, fala ao homem e o escuta, vindo ao seu encontro como mistério da salvação (BINGEMER, 1990, p. 165).

A didática usada por Santo Inácio permeia e fundamenta os princípios da Pedagogia Inaciana e abrangem “o aspecto finalístico da existência humana e o fim perseguido por Deus na criação” (BINGEMER, 1990, p. 168).

A educação jesuítica se baseia em nove princípios referenciados na publicação Características da Educação da Companhia de Jesus (EDUCAÇÃO S.J. SUBSÍDIOS, 1987). O primeiro princípio se refere ao conceito de Deus como criador, princípio e fundamento de tudo e presente em todas as realidades da história, natureza e nas pessoas (KLEIN, 1997). Por esse princípio, fica claro que o ser humano deve conhecer a Deus que é a razão última de toda

existência. Esse é o ponto de partida da educação jesuítica e procurando unir o ser humano com Deus.

O segundo princípio, afirma que Deus ama e conhece cada pessoa, e seguindo esse princípio, “todos os alunos devem ser vistos como indivíduos que têm potencial infinito, por serem filhos de Deus” (KNIGHT, 2001, p. 207).

O terceiro princípio, aborda os pecados na vida humana, momento em que a educação jesuítica se orienta para valores, incentiva o conhecimento, amor e aceitação realista de si mesmo (KLEIN, 1997). Daí a importância de conhecer, de modo completo o ser humano e os seus valores, pois “onde se encontram o homem e os valores, ali há formação e educação” (ARESI, 1980, p. 87).

O quarto princípio, centraliza a pessoa histórica de Jesus Cristo que deve ser visto como modelo de toda vida humana (KLEIN, 1997). “Será, aqui, pedir a Nosso Senhor a graça ao seu chamamento, mas pronto e diligente em cumprir a sua santíssima vontade” (LOYOLA, 2004, p. 65).

O quinto princípio, deixa claro que o amor a Deus deve ser realizado de modo concreto nos negócios, na família, nos movimentos sociais e nas estruturas políticas e legais das atividades religiosas (KLEIN, 1997). Tudo isso porque “Deus quer que o louvemos e o sirvamos, não porque Ele precise do nosso serviço e louvor, mas porque deseja o nosso bem” (LOYOLA, 2004, p. 69).

O sexto princípio, da educação jesuítica vincula o compromisso da educação com o serviço leal e valoroso à Igreja Católica (KLEIN, 1997). Vislumbra-se aqui a importância da religião que consiste em:

Preparar o homem a um encontro íntimo com o seu criador e pai, fazendo com que suas normas e leis se integrem na vida diária. Portanto, devemos insistir na necessidade da educação religiosa, principalmente agora que a preocupação dos estabelecimentos escolares é mais instruir do que educar (ARESI, 1980, p. 121).

O sétimo princípio, enfatiza a importância de se prestar o maior serviço de Deus, por meio do seguimento mais próximo de Cristo. Essa é uma norma que busca a excelência na ação formativa proporcionada pelos jesuítas. O oitavo princípio, enfatiza a colaboração entre jesuítas e leigos, baseando-se no espírito de comunidade (KLEIN, 1997).

Este aspecto também é referenciado por Aresi (1980, p. 123): “toda a educação deve levar o educando ao amor e ao encontro com Deus e, como consequência, ao amor e ao encontro com o próximo, seu irmão”.

O nono princípio, revela que a educação jesuítica deve ter a maior eficiência possível (KLEIN, 1997). Corroborando com esse princípio, Knight (2001, p. 218) acrescenta: “O desafio na educação cristã é valorizar o ensino por seu verdadeiro potencial como uma forma poderosa e crucial de ministério”.

A educação jesuítica tinha como objetivo supremo o desenvolvimento global da pessoa que conduz à ação, inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo. Este objetivo baseia-se numa compreensão reflexiva e vivificada pela contemplação, desafiando os alunos ao domínio de si mesmos e a iniciativa, integridade e exatidão (FUENTES, 1994).

Durante aproximadamente dois séculos, os jesuítas deixaram no Brasil uma presença cultural e social bastante significativa. A instrução religiosa serviu para a promoção da cristianização da população local.

É importante registrar que a educação nos idos do século XVI, “adaptava-se ao tipo de sociedade teocrática e corporativa da época, dominada pelo clero, em sua maioria jesuítico” (TEIXEIRA, 1969, p. 290).

A posição do Estado português era a de ser fiel à autoridade papal, sem esquecer de seus interesses políticos e econômicos. Os jesuítas ensinavam aos indígenas brasileiros novas práticas sociais e novas maneiras de pensar. As missões jesuíticas tinham como missão a “expansão do capitalismo comercial, o que justificava o domínio e a exploração mercantilista no Novo Mundo” (WRIGHT, 2006, p. 78).

O objetivo da Companhia de Jesus era o de “assumindo um sistema de ensino e educação sistemática, os jesuítas poderiam se organizar melhor e atingir mais profunda e mais facilmente os diversos países e nações” (SCHMITZ, 1994, p. 129).

A educação dos jesuítas tinha como objetivo adaptar os índios à cultura do homem branco. Uma das primeiras escolas de que se tem notícia surgiu em Salvador, dedicada às atividades de ler e escrever. A partir da Bahia, propagou-se para o Sul até São Vicente, em São Paulo. Foi o Padre Manoel da Nóbrega que levantou os alicerces do ensino, definindo toda a obra de catequese e colonização (AZEVEDO, 1996).

Os jesuítas implantaram o sistema do “Padroado”, no qual certas funções “eclesiais” eram atribuídas aos governos da Colônia que exerciam o controle patrimonial que abrangia a construção dos edifícios de culto; o controle político que envolvia a escolha e o pagamento do clero; o controle ideológico e cultural, que abrangia a censura e autorização para as publicações e o controle do sistema de ensino (ALVES, 2002, p. 17-18).

Constatou-se que o objetivo dos colonizadores era o lucro, e a função das colônias era a de propiciar tais lucros às camadas dominantes da época (RIBEIRO, 1989). No Brasil, competia aos missionários a conversão dos indígenas, para torná-los adequados ao trabalho. Assim, constituiu-se no País uma pequena burguesia que necessitava um projeto de Educação para as elites, que começou com os jesuítas e tinha como objetivo evangelizar e catequizar toda a população da Colônia (ALVES, 2002).

Os jesuítas eram funcionários das Coroas portuguesa e espanhola, tinham a incumbência de manter a organização e os aparelhos do Estado em funcionamento nas colônias.

Tratava-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Porém, os aspectos religiosos também eram afetados por tal domínio. Padres, religiosos e bispos eram também funcionários da Coroa portuguesa no Brasil colonial. Isto implica, em grande parte, o fato de que religião e religiosidade eram também assuntos de Estado (e vice-versa em muitos casos) (ARNAUT DE TOLEDO e ROCKSTADLER, 2003, p. 26).

Os padres jesuítas fundaram escolas em algumas regiões do país e introduziram os costumes europeus, dando ênfase ao ensino clássico para os filhos dos senhores de engenho que constituíam a elite da sociedade a ser educada (CUNHA, 2016). A atuação dos jesuítas no Brasil durou 210 anos, se esforçaram para catequizar os índios, educar os filhos dos colonos, formar novos padres e a elite intelectual da colônia. Porém, os jesuítas enfrentaram sérios desafios para harmonizar-se com as exigências da sociedade colônia.

Para Gadotti (2004, p. 65), “os jesuítas desprezaram a educação popular. Atuavam em duas frentes: a formação burguesa dos dirigentes e a formação catequética das populações indígenas”.

Um plano completo foi elaborado pelos jesuítas, que era a *Ratio Studiorum*¹¹, por meio do qual os estudos contemplavam as aulas elementares de ler e escrever, além do curso de Letras, Filosofia, Ciências e o curso de Teologia e Ciências Sagradas. Esse plano era bem visto pela Coroa portuguesa, pois acreditava que a educação era importante para submeter os povos conquistados. A *Ratio* teve êxito incontestável, o que atesta a eficiência da obra dos colégios da Companhia, como também da contra-reforma católica (FRANCA, 1952). O cotidiano das aulas eram assim formulados:

Todos os dias exceto o sábado, os dias feriados, designe uma hora de repetição aos nossos escolásticos para que assim se exercitem as inteligências e melhor se esclareçam as dificuldades ocorrentes. Assim, um ou dois sejam avisados com antecedência para repetir a lição de memória, mas só por um quarto de hora; em seguida um ou dois formulem objeções e outros respondam; se ainda sobrar tempo, proponham-se dúvidas. E para que sobre tempo procure o professor conservar rigorosamente a argumentação em forma [silogística]; e quanto nada de novo se aduz corte a argumentação (FRANCA, 1952, p. 146).

O trabalho docente dos jesuítas formavam um homem erudito que pudesse ser fiel e defender a Igreja. Os métodos aplicados tinham como finalidade fazer com que o aluno gravasse as informações aprendidas e pudesse repetí-las sem questionamentos. Segundo Franca (1952), o método pedagógico dos jesuítas configurava-se como primeiro sistema organizado de ensino católico, pretendia fazer dos cristãos homens cultos e comprometidos com o apostolado, como também, propiciar aos não-cristãos, a orientação para o bem comum e o amor de Deus.

É importante ressaltar que os jesuítas:

Planejaram, e foram bastante eficientes em sua execução, converter, por assim dizer, seus alunos ao catolicismo, afastando-os das influências consideradas nocivas. É por isso que dedicavam especial atenção ao preparo dos professores – que somente se tornam aptos após os trinta anos -, selecionavam cuidadosamente os livros e exerciam rigoroso controle sobre as questões a serem suscitadas pelos professores, especialmente em filosofia e teologia (RIBEIRO, 1989, p. 25).

¹¹Foi um sistema criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuítas. Foi editada em 1599 e sustentou a educação jesuítica. Tinha por objetivo ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas (FRANCA, 1952).

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, o resultado da sua permanência no Brasil é visível no meio escolar. “Pode ser identificado, também, na tradição religiosa do ensino, que resistiu até o advento da República” (MOREL, 1979, p. 165). O ensino jesuítico promoveu a uniformização do pensamento brasileiro, impondo a religiosidade cristã sobre todos os segmentos sociais, segundo Azevedo (1996). Porém, segundo Moura (2000, p. 76):

A expulsão dos jesuítas do Brasil reduziu muito as possibilidades de a Igreja brasileira exercer a ação educativa que vinha realizando. Mesmo que outros agentes da Igreja não tenham sido diretamente impedidos de continuar a se empenhar na obra da educação, devemos lembrar que era muito escassa a estruturação institucional da Igreja no Brasil Colônia, não havendo assim grandes possibilidades de arregimentar novos elementos para o trabalho educacional: eram poucas as dioceses e pouquíssimas as paróquias existentes, e cada vez mais restrita a liberdade de aceitação da instalação no Brasil de ordens e congregações religiosas.

Por volta do século XVIII, a educação no Brasil passou por transformações, com o Estado assumindo o controle da educação. Mesmo assim, “a educação passou a ser mantida por padres, frades franciscanos e carmelitas, voltada exclusivamente para a elite brasileira, tendo as raízes no ensino jesuítico” (MOREL, 1979, p. 166). Esta educação interessava somente aos filhos das classes dirigentes, pois “era literária, abstrata, dogmática, afastada dos interesses materiais e utilitários e estranha ao ambiente agreste e rural da colônia” (MOREL, 1979, p. 167).

Em 1881, chegaram ao Brasil os dominicanos e se dirigiram à capital do Estado de Goiás para erigir um convento distante de 900 quilômetros. Em 1883, o Brasil recebeu os salesianos que se dirigiram para uma nova residência em Niterói. Seu trabalho era voltado à educação e evangelização dos jovens. Fundaram, em 1883, na cidade de Niterói, o Colégio Santa Rosa e, em 1884, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo (MOURA, 2000).

O retorno dos jesuítas ao Brasil aconteceu em 1842 em Santa Catarina, em Florianópolis, onde abriram um colégio que prosperou rapidamente. No ano de 1847 abriram um colégio em Porto Alegre (CEFAS, 2017). Nessa época, os

jesuítas sofreram manifestações de repulsa por parte dos membros do governo.

Mesmo assim:

Os jesuítas foram acolhidos em Salvador por dom Jerônimo Tomé de Souza. O arcebispo desejava melhorar o ensino primário na capital e orgulhava-se de haver ajudado na instalação de outras ordens religiosas e de dois colégios católicos, dirigidos por padres, em Salvador. [...] Em 1900 foi criado o Liceu Salesiano. E, em 1905, os maristas fundaram a Escola São Pedro. O terceiro colégio religioso numa cidade de mais de duzentos mil habitantes não era visto como inviável ou acirrada concorrência, e sim, como símbolo dos avanços educacionais na capital. Para os jesuítas, o colégio serviria para manter a coesão do grupo e reorganizar a Província portuguesa dispersa (COUTO, 2017, p. 2287).

Os jesuítas realizaram importantes obras direcionadas à educação, como a criação da Congregação da Imaculada Conceição e São José em que reuniam jovens de escolas superiores da Bahia em torno dos ideais cristãos. Também implantaram o Pensionato Mariano Acadêmico, voltado às aulas de preparação para a entrada nas escolas superiores de educação física. O retorno dos jesuítas ao Brasil permitiu uma reorganização das atividades religiosas no exílio (COUTO, 2017).

Segundo Campos (2010), a educação pública no país ficou deplorável e durante todo o período colonial e o Império, a Igreja mantinha uma estreita ligação com o Estado, pois trazia vantagens econômicas e assegurava o monopólio da religião católica. Neste contexto,

Os estadistas do Império procuravam manter o clero sob domínio, isto é, queriam manter um clero meramente instrumental e com isto, enfraqueceram ainda mais um dos últimos sustentáculos da monarquia e prepararam seu fim, confluindo, portanto, com as outras forças sociais que rumavam para a formação do Estado republicano. O regime monárquico foi destruído a partir do investimento da Igreja contra o regalismo do Estado e pelos estadistas do Império que desejavam enfraquecer o poder da Igreja e acabaram destruindo o próprio governo que pretendiam fortalecer (CAMPOS, 2010, p. 38).

A partir de 1889, a educação é ainda humanística e objetiva a reprodução da própria estrutura de classes. Os jesuítas tiveram de renunciar à sua postura discriminatória, e a educação começou a abranger um novo segmento da sociedade: a burguesia urbana, que aspirava à ascensão social.

O fim do “Padroado” católico¹² aconteceu no governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891) e sob a Constituição de 1891¹³ ficou assim instituído:

- reconhecer o direito de existir para todas as Religiões;
- garantir a liberdade de culto;
- suprimir a subvenção ao clero;
- proibir aos padres e aos religiosos o exercício dos direitos políticos;
- reconhecer somente os casamentos civis;
- ceder a administração dos cemitérios às municipalidades;
- eliminar o ensino religioso do Currículo escolar oficial;
- suprimir a ajuda financeira às Escolas Católicas (ALVES, 2002, p. 17-18).

Desta maneira, a Igreja foi excluída do poder público e político e foi colocada em igualdade com as outras religiões no Brasil, e, conseqüentemente, perdeu seus privilégios.

A Igreja redefiniu o seu papel, mais preocupada com os menos favorecidos e com as camadas populares. Negrão (1999) aponta que a igreja ofereceu cursos profissionalizantes direcionados a carpintaria, alfaiataria e sapataria, entre outros.

No início do século XX, Alceu Amoroso Lima¹⁴ (1931 e 1944) foi um dos representantes do pensamento católico da época. Ele defendia a tese de que o Estado deveria ser organizado de acordo com os princípios cristãos. Em 1928, ao aceitar a direção do Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro, propôs a criação de uma cultura católica superior por meio de cursos e palestras ligadas à filosofia, sociologia e religião com o objetivo de fortalecer a intelectualidade católica da época.

A reaproximação entre a Igreja e o Estado na década de 1920 foi motivada pelo medo de possíveis revoluções socialistas de caráter ateu que ameaçavam a hegemonia católica. Essas revoluções aconteceram na Rússia em 1917, a expansão de comunismo internacional; a revolução espanhola e a queda da monarquia em 1931 e a perseguição no México, sob o poder de

¹²Direito de autoridade da Igreja Católica nos territórios de domínio lusitano (ALVES, 2002).

¹³O Decreto 119/A do Executivo de 07/01/1890 proibiu a intervenção da autoridade federal e dos estados federados em matéria religiosa, consagrou a plena liberdade de cultos, e estabeleceu outras providências. (BRASIL, 1890).

¹⁴Alceu Amoroso Lima nasceu em 1893 no Rio de Janeiro e faleceu em 1983. Foi um crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico. Publicou diversas obras políticas, economia e sociologia. Escrever 80 livros. Sob o pseudônimo de Tristão de Atayde, foi reitor da Universidade do Distrito Federal, membro do Conselho Nacional de Educação e um dos fundadores do Movimento Democrata-Cristão da América Latina (LIMA, 1931 e 1944).

Calles, de 1926 em diante. A colaboração entre a Igreja Católica e o Estado visava à manutenção da ordem social, contra qualquer tentativa de mudança revolucionária (AZZI, 1999). A Igreja tinha o interesse num acordo com o Estado que proporcionasse a sua independência para o exercício da missão educativa. Mostrava que para ser um bom cidadão, o indivíduo precisava ser um bom cristão e, portanto, “somente a partir do temor de Deus, princípio sobre o qual se funda a autoridade, poderá existir a ordem, a tranquilidade e o bem-estar na família e na sociedade” (PIO XI, 1929, p. 37).

Na década de 1920, houve reformas educacionais no País, influenciados pelo movimento da Escola Nova. “A teoria da Escola Nova propunha que a educação fosse instigadora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança” (GADOTTI, 2004, p. 142).

No Brasil, a influência do pensamento pedagógico escolanovista tem sido muito grande, pois muitas escolas têm relevado a mesma filosofia educacional. Esse pensamento continha um corpo teórico já explorado nos Estados Unidos e na Europa no final do século XX. No Brasil, nos anos 1920, vários estados brasileiros promoveram reformas educacionais, adotando os princípios da Escola Nova. Os principais expoentes dessa escola foram Anísio Teixeira¹⁵, Fernando de Azevedo¹⁶, Lourenço Filho e Francisco Campos (GADOTTI, 1995, p. 93).

A Revolução de 1930 trouxe transformações para a educação no Brasil, que, a partir desse momento, começou a ter um perfil de sistema articulado, seguindo normas editadas pelo Governo Federal. Foi criado o Ministério da Educação e as Secretarias de Educação dos Estados. O Governo Federal pretendia com tudo isso, desenvolver instrumentos para disciplinar, articular, unificar e integrar os sistemas isolados estaduais, bem como, promover o relacionamento federal com os diversos sistemas estaduais (PUHL, 1995).

Nesse ano de 1930, os intelectuais católicos deram legitimidade ao Governo Provisório estabelecido no Brasil, ou seja, “fizeram uma aliança com o governo, o que permitiu o retorno do ensino religioso nos cursos primário, secundário e normal das escolas públicas” (LIMA, 1931, p. 45).

¹⁵Nasceu na Bahia em 1900 e faleceu em 1990. Teve sólida formação jesuítica, era a favor da democratização das oportunidades de acesso à educação pública, gratuita e de qualidade. (GADOTTI, 1995).

¹⁶Nasceu em Minas Gerais em 1894 e faleceu em 1974. Era um humanista e lutou muito por isso (GADOTTI, 1995).

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, pautava-se pela defesa da escola pública obrigatória, laica e gratuita e pelos princípios pedagógicos renovados. O Manifesto de 1932¹⁷ “provocou o ódio incontido dos católicos daquela época, pois eram contra as tendências da modernidade na educação” (LIMA 1931, p. 46)

O secretário da Liga Eleitoral Católica (LEC), combateu impiedosamente os liberais, escrevendo que o ‘Manifesto’, ao consagrar a escola pública obrigatória, gratuita e laica, retirava a educação das mãos da família e destruía assim os princípios da liberdade de ensino (GHIRARDELLI JÚNIOR, 1994, p. 43).

Como consequência, surgiu a tendência do escolanovismo, bastante combatida pelos católicos brasileiros. Até o próprio Papa Pio XI condenou a liberdade sem limites da criança e o direito que os novos métodos pedagógicos concediam à criança de forjar sua própria formação, segundo Ghirardelli Júnior (1994). A falta de preparo dos professores católicos para perceber e articular as novas técnicas educacionais, postas na Escola Nova, aos fundamentos da doutrina cristã “culminou em um esforço conjunto dos intelectuais católicos que dialogavam de perto com as novas teorias educacionais” (ORLANDO, 2013, p. 123).

De acordo com Lima (1931), as ideias liberais permitiam que o aluno ficasse privado da educação religiosa, que seria fundamental para a formação do corpo e caráter. Estas práticas liberais poderiam arrastar a inteligência para um estado de desordem e enfraquecimento e contribuindo para a deterioração da educação e formação humana. Por outro lado, a educação religiosa cristã funcionaria como uma preparação pedagógica dos indivíduos.

Em 1932, a pedagogia integralista aglutinou grupos de direita e extrema direita no país, posicionando-se como inimiga mortal da pedagogia liberal e das pedagogias provindas do movimento operário. Contrastante com a pedagogia católica, a pedagogia integralista foi teoricamente débil e esteve impregnada de um romantismo espiritualista e cristão. Seus teóricos mais importantes foram Plínio Salgado e Everardo Backheuser, que em diversas ocasiões manifestaram

¹⁷O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi um documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo. Tinha como objetivo oferecer diretrizes para uma política de educação (MENEZES, 2001).

sua posição escolanovista católica¹⁸ para uma militância integralista (MOURA, 2000).

A Constituição de 1934 estabeleceu para a educação a obrigatoriedade do ensino primário, que deveria ser obrigatório e gratuito. Também tornou obrigatório o concurso público para o provimento de cargos no magistério. Fixou que a União deveria reservar no mínimo 10% do orçamento anual para a educação, e os Estados, 20%. Além disso, definiu o ensino religioso obrigatório para as escolas (GHIRARDELLI JÚNIOR, 1994). Essas medidas foram o início da construção de um sistema nacional de educação, porém, revelaram uma centralização das atribuições e competências da esfera federal.

No período que vai de 1937 a 1945, conhecido como Era Vargas¹⁹, o então presidente Vargas outorga a Constituição de 1937, na qual o ensino religioso está presente, mas não consta como disciplina obrigatória nas escolas públicas. A educação foi valorizada, porém o Estado Novo se desincumbiu da educação pública por meio da legislação. O art. 133 estabelecia: “o Ensino Religioso ‘poderá ser contemplado’ como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigações dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos” (BRASIL, 1937). A Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto 4.244, de 9 de abril de 1942) em seu artigo 21, considerou a posição das lideranças católicas, determinando que os programas de religião e seu regime didático deveriam ser fixados pela autoridade eclesiástica (GHIRARDELLI JÚNIOR, 1994).

No final de 1945, foi criada a Associação de Educação Católica do Brasil (AEC) com o propósito de defender os interesses das escolas confessionais católicas e renovar suas ligações com o Papa e a Santa Sé. Nos anos 1950, embora a influência católica ainda estivesse presente na educação, ocorreram conflitos entre a ideologia católica e a ideologia liberal. Segundo Severino (1986), a ideologia católica não interessava aos empresários, embora fosse seguida uma ideologia política muito mais abrangente que estava por trás de sua alegada neutralidade.

¹⁸ Foi uma posição intermediária entre a Escola Nova, calcada na filosofia católica, que propôs a educação integral firmada no viés católico.

¹⁹ A Era Vargas acentuou a longa permanência de Getúlio Vargas no poder que ascendeu à presidência da República em 1930 (GHIRARDELLI JUNIOR, 1994).

Em 1961, a Lei nº 4.024, primeira Lei de Diretrizes e Bases, manteve a neutralidade do Ensino Religioso na escola, sendo homologada como Ensino Religioso Confessional, tornando-se uma catequese escolar, de acordo com Figueiredo (1996).

Os constantes desafios que a Igreja Católica atravessou na década de 60, exigiram uma tomada de posição para fazer frente ao quadro de miséria, violência, desequilíbrios pessoais, familiares e sociais. O Concílio Vaticano II (1962-1965), representou um esforço da Igreja para adequar-se ao mundo moderno. Primava pelo reconhecimento de valores como a liberdade de consciência, de expressão e de religiosidade. Em relação à educação, fixava a responsabilidade daqueles que possuem o dever de educar como: os pais, escolas, professores e educadores.

Abrangia o dever de descrever os direitos e deveres do Estado em matéria de educação. O Concílio adotava várias posições em relação aos valores como a liberdade de consciência, de expressão e a religiosidade.

Durante o período da ditadura militar (1964-1985), houve um apoio por parte do episcopado ao regime que se instalara no país. O grupo progressista da Conferência dos Bispos, reunido em torno de Dom Helder Câmara foi desarticulado momentaneamente.

Enquanto a hierarquia católica tomava essas medidas, os leigos engajados na luta contra as desigualdades sociais eram reprimidos com violência. Os militares se distanciaram da Igreja Católica e passaram a agir de forma repressiva contra bispos, padres, religiosos e leigos que se manifestassem contrários à ditadura.

Em 1966, apareceu o primeiro conflito entre a Igreja e o governo militar, por meio de uma declaração em que criticava as condições de vida da classe operária pela Ação Católica Operária.

Em 5 de novembro de 1967, a Rádio Arquidiocesana de São Luís do Maranhão questionava até que ponto o país e os brasileiros estavam independentes. Com isso, a Rádio foi fechada por oito dias pelo regime militar. Em 26 de junho de 1968, numerosos padres e religiosas tomam parte na marcha dos cem mil, em defesa da liberdade democrática. Em 28 de novembro desse mesmo ano, houve a prisão e a tortura de três padres e um diácono, assistentes da Juventude Operária Católica de Belo Horizonte, acusados de

terem instigado a greve de Contagem. Após a decretação do Ato Institucional nº 5, assistentes eclesiais foram presos em Recife, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Novo Hamburgo. Muitos militantes foram presos e torturados. Em janeiro de 1971, Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, destacou-se por suas lutas contra as torturas praticadas pela ditadura militar. Liderou a publicação de “Testemunho de paz”, documento com fortes críticas ao regime, que ganhou ampla repercussão (AZZI, 1999, p. 19).

3.2 O PROJETO EDUCATIVO CATÓLICO NO BRASIL

A educação pode ser conceituada como “o desenvolvimento integral do ser humano, quer seja da sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e personalidade social” (GUEDES, 2012, p. 58). Este conceito é normalmente aceito, o que em linhas gerais, significa desenvolver o caráter do ser humano. Já a educação cristã:

É um processo através do qual a comunidade de fé se conscientiza e se transforma, à luz de sua relação com Deus em Jesus como o Cristo, que o chama a viver em amor, paz e justiça consigo mesmo, com seu próximo e com o mundo, em obediência ao Reino de Deus (JESUS, 2016, p. 1).

Vista desta forma, a educação sob a égide do catolicismo tem como propósito “tornar o homem mais homem, só pode realizar-se autenticamente realizar-se num contexto relacional e comunitário” (CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2016, p. 3).

A educação cristã, propriamente dita, consiste em preparar o homem a um encontro íntimo com o seu criador e pai, fazendo com que suas normas e leis se integrem na vida diária. Portanto, devemos insistir na necessidade da educação religiosa principalmente agora que a preocupação dos estabelecimentos escolares é mais instruir do que educar. Um homem instruído que não tenha sido educado para o bem, é um perigo para a coletividade. Vale mais um ignorante educado e bom, do que um indivíduo instruído, destituído de formação moral (ARESI, 1980, p. 121).

Com isso, observa-se que a educação cristã está direcionada para que o homem tenha um comportamento cada vez mais justo, honesto e harmonioso. Em linhas gerais, o ensino religioso tem como uma de suas finalidades fomentar a criação de valores. A priorização que esse assunto requer deveria permear as atividades dos professores, porque valorar "é uma experiência fundamentalmente humana que se encontra no centro de toda escolha de vida" (MARTINS, 1992, p. 106).

Neste cenário, a busca de um programa de educação cristã deve pautar-se na estruturação do caráter e no desenvolvimento integral da personalidade. Tal pressuposto "leva o educando ao encontro com o único ser capaz de saciar plenamente as tendências humanas e que constitui o fim último do homem: a felicidade perfeita, a verdade suprema e a suma bondade" (ARESI, 1980, p. 124). A escola católica é caracterizada "como lugar de educação integral da pessoa humana através de um projeto educativo que tem seu fundamento em Cristo" (CONGREGAÇÃO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1998, n. 4, p. 15)

A escola católica tinha como meta formar pessoas capazes de impulsionar as transformações do mundo, colaborando para o desenvolvimento social e cultural da comunidade na qual está inserida. Isso é confirmado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1992, n.º 94, p. 15) que complementa: a educação deve "humanizar e personalizar o homem; ser constantemente reenvangelizada em face dos desafios que a sociedade apresenta; educar para a justiça e para o serviço".

Os padres Maristas chegaram ao Brasil em 1887. Fundaram em São Paulo o Externato Nossa Senhora do Carmo na década de 1890. No Rio de Janeiro fundaram o Internato de Mendes em 1904. Em 1908 fundaram o Externato Gratuito Nossa Senhora de Lourdes em Uberaba, Minas Gerais. Assumiram o Colégio Diocesano do Carmo em 1903, em Belém do Pará. Em 1921 assumiram o Colégio São José em Novo Hamburgo, RS. Fundaram Universidades Católicas em Curitiba e Porto Alegre (MOURA, 2000).

A preocupação da Igreja Católica quanto à educação nos dias de hoje ainda tem destaque, especialmente quanto ao surgimento das escolas dominicais que surgiram a partir do estado laico no Brasil que não favoreceu qualquer religião.

A Igreja Católica luta em prol da conservação dos valores como a ética, a humildade, a solidariedade e as escolas servem para manter esses valores. A Igreja percebe a escola como uma extensão da família que deve sempre estar envolvido na educação. Exemplo disso, é a Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios (AECEP) que adota um tipo de educação apoiada na Bíblia, focalizando os princípios da soberania, do trabalho, da mordomia, da liberdade e da individualidade (BORGES, 2002).

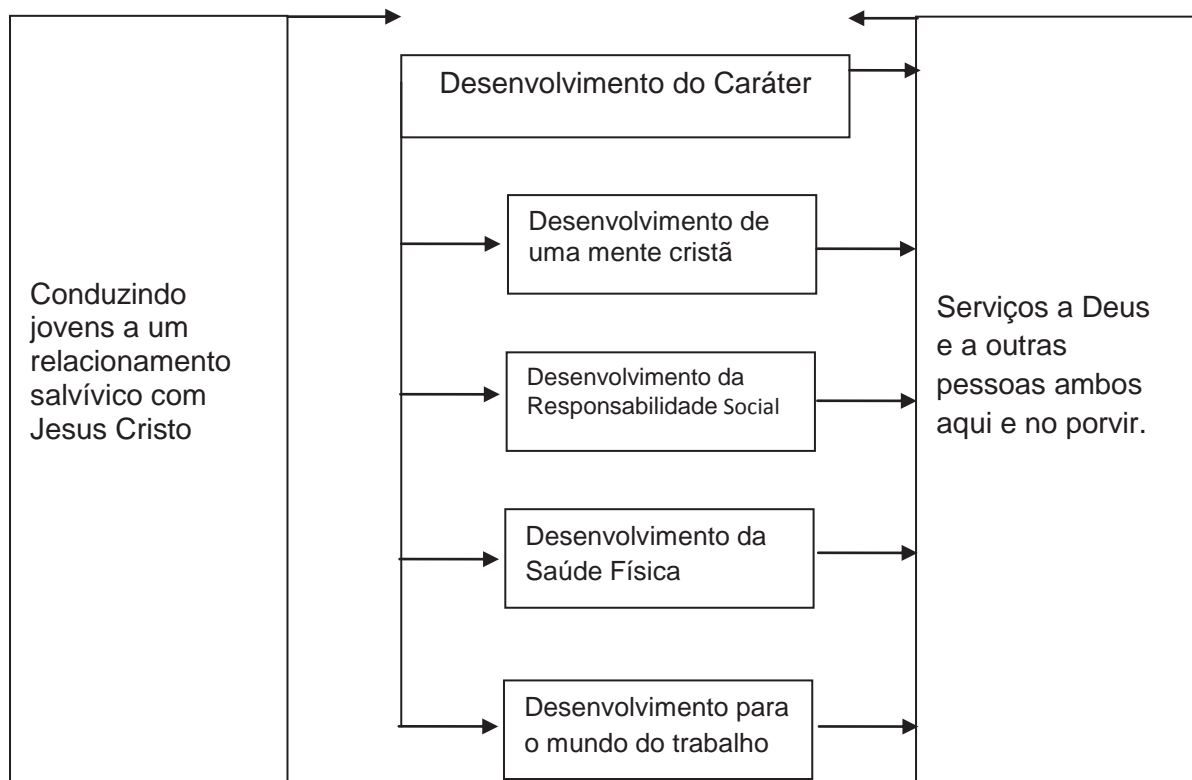
Ao longo da história, a Igreja Católica precisou efetuar mudanças em suas práticas educativas, com a finalidade de continuar difundindo os ideais católicos. Para isso, procurava sensibilizar a sociedade por meio de um discurso voltado à defesa da tradição e da família. Os colégios católicos procuravam se adequar ao quadro social conturbado que se manifestava ao longo das décadas de 1950 e 1960, adotando uma formação que atendesse às exigências do mundo em transformação (BOSCHILIA, 2002).

O papel do professor cristão é o de restaurar a imagem equilibrada de Deus nos alunos, ou seja, ele é um agente de reconciliação.

Os professores cristãos são agentes de reconciliação. São indivíduos que estão em busca de 'procurar salvar o que está perdido'. São pessoas desejosas de trabalhar no Espírito de Cristo, para que seus alunos possam ser trazidos à harmonia com Deus através do sacrifício de Jesus e serem restaurados à imagem de Deus (KNIGHT, 2001, p. 277).

Nesta linha de pensamento, Aresi (1980, p. 15) relata que o papel da educação "é de traçar à sociedade a linha de conduta a seguir para a consecução de sua felicidade temporal e eterna. [...] "O ponto focal do ensino cristão é a cura de relacionamentos quebrantados entre um indivíduo e Deus" (KNIGHT,2001,p.212). O desenvolvimento do caráter cristão nos alunos, deve ser o maior objetivo dos pensamento humanista cristão. O gráfico a seguir apresenta os propósitos da educação cristã.

Gráfico 1: Propósitos da Educação Cristã que Direcionam o Ensino



Fonte: Knight (2001).

O Gráfico 1 indica a importância do desenvolvimento do caráter do indivíduo sob a égide cristã, de acordo com Knight (2001), ao relatar que cada um deve ser um elemento essencial na preparação individual para o serviço de seus semelhantes. O desenvolvimento do caráter, boa saúde e preparação ocupacional não são suficientes.

3.3 A VINDA DOS MISSIONÁRIOS CANADENSES AO BRASIL

As missões católicas podem ser entendidas como um concílio pastoral eclesiológico, destinadas à atualização de práticas institucionais da Igreja, renovando o processo de formação de religiosos, promovendo a emergência de uma Igreja fortalecida capaz de servir à comunidade e, conseqüentemente, a Deus (BOFF, 1973).

No Brasil, um dos grupos missionários que aqui chegaram foi o dos canadenses, no ano de 1950, conhecido como Missão Canadense Irmãos de Nicollet, originária da cidade do mesmo nome no Canadá. A Congregação foi fundada pelo Bispo Canadense André Barbeau, um inconformado com os princípios conservadores da Igreja Católica, que criou um sistema próprio de ação, sem fugir à ética do catolicismo. Essa missão tinha como objetivo principal o trabalho social direcionado às camadas mais populares e sua ação consistia na liderança de seus membros junto à comunidade e tinham como meta influenciar, motivar e contribuir para o sucesso da organização. Os membros dessa missão procuravam chegar ao ápice do coletivo, por meio da comunhão de ideias e desenvolvimento em conjunto, formação de lideranças, carismas e recursos direcionados à uma vida consagrada aos fiéis (PESSOA, 2013, p. 65).

Estes religiosos inseriam-se nas comunidades, propondo estratégias de ação para o conhecimento das potencialidades das pessoas e visando os princípios da solidariedade e organização. Procuravam chegar ao ápice do coletivo, comunhão de ideias e desenvolvimento em conjunto.

Nas comunidades adotavam os princípios cristãos e assumiam uma dimensão social, econômica, educativa e assistencial. Isso permitiu aos religiosos a ampliação do seu objetivo de intervenção na vida pública que, além da espiritualidade, voltava-se também às questões ético-morais, políticas e econômicas (STEPHANOU, 2004).

Um dos fatores que impactaram a vinda desses religiosos, foi sem dúvida, o Movimento de Renovação da Igreja Católica, que tinha como finalidade fortalecer os ideais católicos, e por isso, utilizava-se de práticas assistenciais e instituições educativas. Ogelsby (1976) destaca que os religiosos enfatizavam o papel da igreja que precisava ser ampliado, haja vista a perda de fiéis católicos para outras religiões que tiveram crescimento acentuado no país. Essas missões procuravam fortalecer os princípios de solidariedade e organização nas comunidades em que se instalavam. Mesclando ações filantrópicas e assistencialistas, os missionários católicos canadenses uniam o trabalho de evangelização com a fundação de escolas, centros culturais, teatros, hospitais e asilos. A Igreja Católica se envolvia cada vez mais com o mundo social e ampliou seu escopo de intervenção na vida pública, diversificando suas esferas

de ação, inscrevendo-se em debates dos mais diversos, ampliando seus debates em torno da ética, moralidade e aspectos políticos e econômicos.

Faremos e verbalizaremos a história das nossas experiências missionárias. Em Montreal existem grupos que já realizam um trabalho missionário. Entraremos em contato com eles para uma melhor articulação e uma melhor apreciação do que se está fazendo em cada uma das experiências e ficaremos especialmente atentos aos elementos que os dinamizam.

Avaliaremos os caminhos da missão percorridos até hoje para descobrir a qualidade do que foi realizado (suas riquezas), para nos questionarmos sobre os nossos medos, bloqueios e limitações e para discernir os novos caminhos que se apresentam. Assim, estaremos em melhores condições para oferecer e para pedir. Quem sabe se, o Espírito não inspirará uma pista mais atualizada para a Missão *ad gentes* (ASSELIN, 2016, p. 2).

Visualiza-se com estes objetivos a solidariedade, a organização e a possibilidade de fortalecimento da Igreja e, conseqüentemente, fortalecendo a comunidade onde se faziam presentes.

As missões católicas procuravam fortalecer o papel da Igreja Católica como entidade interessada no desenvolvimento social das comunidades excluídas. Não se envolviam em polêmicas governamentais e procuravam edificar um desenvolvimento humano em oposição ao econômico, ao mesmo tempo que pregavam um ideário transformador e mesclando ações filantrópicas e assistencialistas, o que lhes permitiam a fundação de escolas, asilos, hospitais, centro culturais, tudo isso facilitado pelo trabalho de evangelização (KADT, 2007, p. 35).

Em 1953, um grupo de missionários católicos e protestantes haviam entrado no Brasil. Muitos desses missionários eram provenientes de Quebec, vindos de várias dioceses. Em 1955, chegou uma missão canadense nas cidades de Guimarães e Alcântara, no Maranhão, para desenvolver um trabalho religioso e educacional, causando impactos bastante positivos na população. Foram chefiados pelo padre João Baptista Caya, além do monsenhor Marcel Pepin e os padres Jorge Picard e Homero Proulx. Seu trabalho missionário foi bem aceito pela população, pois os religiosos, além de outros serviços, iam até as casas de famílias pobres ensinando práticas domésticas para uma vida mais limpa, abrangendo cuidados com o corpo, proteção contra doenças e a fé em Deus (OLIVEIRA, 2000).

A presença canadense marcou Minas Gerais, onde os irmãos de *Sacré-Coeur* se estabeleceram desde 1945 na pequena cidade de Campanha. Mais tarde, se expandiram para as cidades de Três Pontas, Paraguaçu e Marília, no estado de São Paulo. Outros missionários, também presentes no Brasil, foram os Oblades de Saskatton, que se estabeleceram em 1964, em Alagoas. Criaram escolas e oficinas profissionalizantes direcionadas aos povos daquelas regiões (OGELSBY, 1976, p. 202-203).

Outro exemplo são as irmãs de *l'Assomption* que, em 2006, comemoraram os seus 50 anos no Brasil, durante os quais estiveram presentes nos estados de Maranhão, Ceará, Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Missionários canadenses também estavam presentes em São Paulo, onde a Congresso do *Holy Cross Fathers* fundou o Colégio Santa Cruz em 1952, em um terreno doado pela Companhia *Light*. Um de seus professores, e vice-diretor entre 1965-87, foi o Padre Charbonneau, que ficou conhecido por seus programas de TV e rádio e suas publicações em francês e português (OGELSBY, 1976).

3.4 A CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ NO BRASIL

A história da Congregação de Santa Cruz começou na França pelo Pe. Jacques Dujarié²⁰ (1767-1838), que estava preocupado com a educação das populações rurais. Fundou a Associação dos Irmãos de São José em 1820. Em 1837, o Pe. Basílio Antônio Moreau²¹ (1799-1873) fundou a Associação de Santa Cruz, no bairro de Santa Cruz, em Le Mans, na França. Essa Congregação nasceu da união das sociedades: sacerdotes auxiliares e irmãos de São José. O Pe. Moreau incentivou seus religiosos não somente na França,

²⁰Nasceu em 9 de dezembro de 1767 em Rennes-em-Greouilles, Mayenne, França. Fundou em 1810 a Congregação dos Irmãos da Providência e em 1823 a Instituição dos Irmãos de São José, entidades direcionadas aos pobres, doentes e para a educação dos jovens (CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ, 2017).

²¹Nasceu em 11 de fevereiro de 1799, na aldeia de Laigné, perto do Mans, na França. Em 1835 dedicou a ocupar-se da educação de quarenta crianças, assumindo a direção da Associação dos Irmãos de São José, obra iniciada pelo Padre Tiago Dujarie (CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ, 2017).

como também em outros países como Argélia, Estados Unidos, Canadá, Itália e Índia (CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ, 2017).

Durante sua história, a Congregação se ocupou de importantes estabelecimentos de ensino. Chegaram ao Canadá em 1847 com o objetivo de reconstruir o sistema escolar franco-canadense, abrindo espaços para congregações femininas que inseriram-se no movimento de revitalização da cultura francesa local (MARTINS, 1997).

Os Estatutos da Congregação de Santa Cruz foram aprovados em 1857 pelo Papa Pio IX. Essa entidade seguiu seus caminhos vencendo os obstáculos e chegando aos dias de hoje, consolidada e fortalecida em sua luta pela formação cristã e integral de crianças e jovens.

O Pe. Moureau reuniu Padres, Irmãos e Irmãs numa só Congregação em 1857, como uma visível imitação da Sagrada Família, formando o que se chamou de Família de Santa Cruz, junto com Madre Maria das Sete Dores, em Le Mans, na França, em 1841. Era composta pelos padres Salvatoritas, os irmãos Josefitas e as irmãs Marianitas. A Congregação das Irmãs de Santa Cruz expandiu-se em 1843 para uma nova missão nos Estados Unidos, fundando várias escolas no meio oeste e na Paróquia de Notre Dame, onde existe até hoje, a casa Central da Congregação das Irmãs (IRMÃS DE SANTA CRUZ NO BRASIL, 2017).

No Brasil, a Congregação de Padres e Irmãos de Santa Cruz chegou no final do século passado, vinculadas à duas províncias independentes: a dos Padres, à província canadense francesa e a dos Irmãos, à Província estadunidense. Vieram ao país três padres canadenses, em plena Segunda Guerra Mundial, e quatro irmãos estadunidenses pouco anos depois, em 1951. Os motivos para essa vinda foram: a abundância de vocações na América do Norte, a dificuldade de encaminhá-las às missões já existentes, por causa da guerra e a tarefa de ampliar o horizonte de atuação da Congregação. Esses religiosos não demoraram para assumir sua vocação educacional: a fundação por padres canadenses do Colégio Santa Cruz em São Paulo, em 1952, mesmo ano em que os irmãos estadunidenses assumiram o Colégio Dom Armando em Santarém no Pará, e o Colégio Notre Dame em Campinas, em 1960 (CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ, 2017).

O Padre Charbonneau, que fazia parte da Congregação de Santa Cruz, chegou o Brasil em 1959, ano em que começou a sua luta em prol da educação no Colégio Santa Cruz.

4 O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE CHARBONNEAU

Este capítulo analisa o pensamento pedagógico do Padre Charbonneau para a educação brasileira. Ele defendia a educação integral do indivíduo que permite o desabrochar das seguintes dimensões: “o desenvolvimento da inteligência, cultura da vontade, despertar do senso moral, projeção da imaginação, exploração máxima da criatividade de iniciação viva da fé” (CHARBONNEAU, 1982, p. 113).

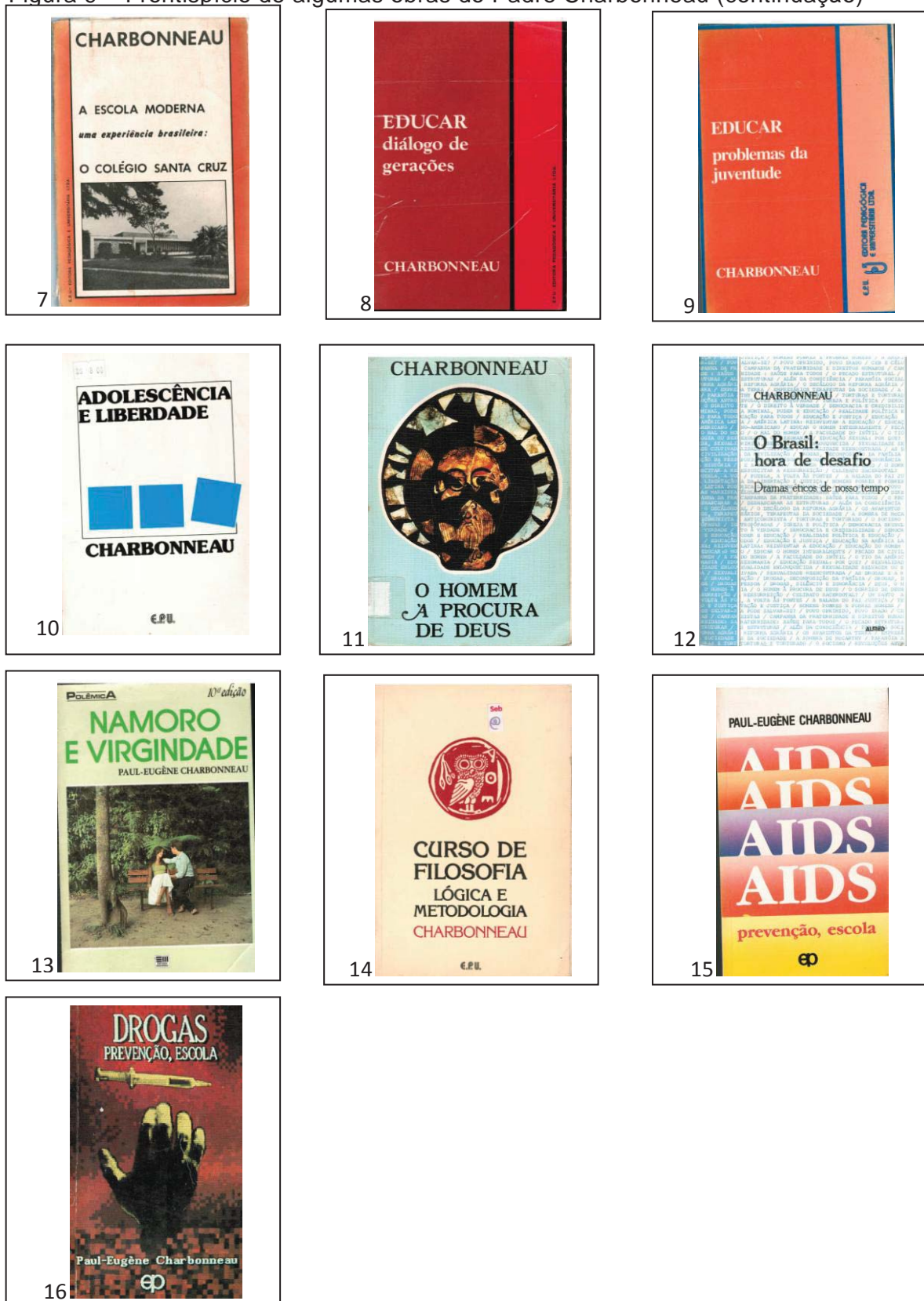
A análise das obras do religioso tem como base as categorias elencadas no quadro 1, que foram direcionadas ao Colégio Santa Cruz e Escola de Pais. Como critério de escolha, optou-se pelas obras mais conhecidas do Padre Charbonneau, temas típicos das relações humanas, como: família, educação, sexualidade e a proposta política para o desenvolvimento dos povos (MARTINS, 1997).

Figura 9 – Frontispício de algumas obras do Padre Charbonneau



Fonte: Charbonneau (1967, 1968, 1968a, 1968b, 1968c, 1971, na ordem de 1 a 6 da figura).

Figura 9 – Frontispício de algumas obras do Padre Charbonneau (continuação)



Fonte: Charbonneau (1973, 1973a, 1974, 1980, 1981, 1982, 1985, 1986, 1987, 1988, na ordem de 7 a 16 constante da figura).

No quadro 1 foram apresentadas as principais categorias de análise das obras do Padre Charbonneau. Na categoria família, foram explanados assuntos referentes às profundas mudanças no seio da família, que definem uma nova compreensão das relações intrafamiliares, abrindo espaços para entender as causas dos conflitos dentro da família, a revolta dos jovens, a influência das mudanças políticas e econômicas na entidade familiar. Nesta categoria foram adotadas as obras: “Amor e liberdade: ensaio de moral conjugal” e “Educar: problemas da juventude” (CHARBONNEAU, 1968, 1974).

Na categoria educação, explora assuntos com a experiência do Padre Charbonneau no Colégio Santa Cruz, por meio do seu projeto educacional para aquela entidade (Plano Diretor 1º e 2º graus).

Na categoria sexualidade, a análise permitiu identificar comportamentos sociais e familiares, entre a psicologia masculina e feminina, momento que foram discutidos os processo de formação para a educação sexual dos jovens.

Na categoria desenvolvimento dos povos, mostra a justiça como ordem necessária para manter a sociedade em equilíbrio contra os métodos abusivos da exploração econômica. Por meio da obra: “O papel do Brasil diante das justiças, injustiças e democracia”. O assunto seguinte, aborda o tema da Igreja diante dos problemas contemporâneos. Em seguida, analisou-se o homem a procura de Deus e o pensamento filosófico do Padre Charbonneau.

Quadro 1: Categorias de Análise das Obras do Padre Charbonneau

CATEGORIAS	CONCEITOS NORTEADORES
CATEGORIA FAMÍLIA	Transformações da família. O papel dos pais para com os filhos. O protesto dos jovens. A juventude e a religião.
CATEGORIA EDUCAÇÃO	A educação concebida pelo Padre Charbonneau. O binômio educação/liberdade. Os jovens e as drogas. Educação: instrumento de prevenção contra as drogas.
CATEGORIA SEXUALIDADE	Educação sexual dos adolescentes. O casamento. Namoro e virgindade. O perigo da AIDS
CATEGORIA DESENVOLVIMENTO DOS POVOS	O papel do Brasil: Justiça, injustiça, democracia. A igreja diante dos problemas contemporâneos. O homem a procura de Deus. O pensamento filosófico do Padre Charbonneau.

Fonte: Elaboração do autor, a partir de Bardin (1977) e Charbonneau (1967, 1968, 1968a, 1968b, 1968c, 1971, 1973, 1973a, 1974, 1980, 1981, 1982, 1985, 1987, 1988).

4.1 FAMÍLIA

Escrever sobre a família não é tarefa fácil, pois ao longo da história, vem atravessando crises que têm afetado o seu constructo. A análise destas mudanças, permite mostrar a entidade familiar, a definição do papel dos pais para com os filhos, o protesto dos jovens, a juventude e a religião.

4.1.1 As Transformações na Família

Em sua obra “Amor e Liberdade”, Charbonneau (1968, p. 282) define família como: “a célula primordial da sociedade”. Quer dizer, a família consiste num espaço onde se desenvolvem valores e o despertar da pessoa humana. Bourdieu (1987) definiu família como *habitus*, em que o elemento unificador está nos tipos de estratégias que estabelecem os processos familiares, biológicos e culturais. É pelo *habitus*, que os agentes determinam estratégias, como:

processos de escolhas, objetivos, opções, decisões, atuando de modo interdependente.

Como se observa, o amor é tido como cerne da família num mundo em que já imperava o materialismo, vê-se o esforço de fazer da família um lugar de felicidade e realização dos seus membros. Estas considerações refletem os diversos aspectos formadores da família, deixando claro que tal instituição, desenvolva aspectos da personalidade. Portanto, a família é um sistema interativo que tende dar respostas às necessidades de seus membros e sociedade.

Contudo, nem sempre é possível, pois a família, assim como outras instituições, está sujeita à transformações, muitas vezes, para atender diferentes situações sociais e econômicas do momento. Na visão de Charbonneau (1974), em sua obra "Educar: problemas da juventude", a família, em vez de ser o centro do encontro pessoal e se oferecer como um porto de afeição, torna-se um sistema que traz violenta contestação de relações humanizantes. Os pais tornam-se então, os primeiros inimigos dos filhos que, para sobreviver, precisam defender-se contra eles. O autoritarismo exagerado engendra uma contestação violenta e conduz à vergonhosa solução do abandono. Em lugar de conduzir à integração, a família tornou-se um lugar de desintegração precoce e radical que, quase sempre, é irrecuperável.

Outro fator de desagregação da família é a liberdade sexual que trouxe muitas incertezas à vida familiar e por causa disso, os antigos padrões de respeito, fidelidade e amor estão sendo destruídos (ANDRADOS, 1971).

Em sua obra Educação Sexual Charbonneau (1974), analisa os aspectos da educação sexual no seio da família, que deve ser compartilhada pelos pais, educadores e mestres, sob o risco de desagregar a instituição familiar. A sexualidade humana não pode ser deixada de lado, pois é indispensável que haja uma orientação quanto à evolução psicosssexual dos adolescentes. Deste modo, a família deve ser considerada de extrema importância para o desenvolvimento dos filhos, proporcionando um ambiente mental sadio e livre de desavenças.

O olhar da realidade familiar na época em que o Padre Charbonneau atuava no Colégio Santa Cruz (décadas de 1960 a 1980), mostra que a instituição já estava sofrendo transformações acometidas pela falta de valores e

referenciais, que nortearam o modo de educar dos filhos com reflexos negativos.

Na opinião de Charbonneau (1974), era o fim da família tradicional, que acabou perdendo muitas funções antes assumidas, tais como a sua função religiosa, ou seja, se antes era vista como sagrada, já não encontra terreno fértil para semear os valores cristãos. Porém, com todas essas perdas a entidade familiar ainda continuava sendo a unidade básica da sociedade e que provê as condições para a união do homem e da mulher. A família perdeu sua função política, acabando com ela o papel político da hierarquia familiar, dando autoridade também ao indivíduo que cabe pronunciar-se e dizer quem o governa.

Nestas palavras, o pai deixou de ser o “chefe” absoluto, e há casos em que a mulher assume a responsabilidade da família, pois ficou sobrecarregada das funções domésticas. Além de trabalhar fora em igualdade de condições com o homem, ela também precisava desempenhar as funções de esposa e mãe.

A família perdeu sua função econômica, pois se antigamente a família representava papel de primeira grandeza, quando a onda de industrialização chegou ao máximo de sua força, a ponto de gerar a sociedade pós-industrial, foram as grandes massas de indivíduos, que fizeram funcionar a imensa máquina, segundo Charbonneau (1974, p. 45).

O contexto da família não é mais o de ser a célula da pura economia de subsistência, e no curso da sua história, sofreu grande influência dos hábitos, costumes e ideias da sua época – especialmente do Código Canônico²². Os dogmas da Igreja Católica foram predominantes no delineamento e contornos do direito de família, que impregnaram a sacralidade do casamento.

Devido a influência da Igreja Católica Apostólica Romana, na vida política brasileira, desde a época da Colônia, o casamento foi considerado indissolúvel, até o advento da Emenda Constitucional nº 9, de 28.06.1977, que ensejou a adoção do divórcio no País (Lei nº 6.515, de 26.12.1977), permitindo ao divorciado contrair subseqüente casamento (SOARES, 2002, p. 45).

²²Conjunto de normas jurídicas que regulam a organização da Igreja Católica.

Ribeiro (2002) revela que na Idade Média²³ passou a fazer parte do rito matrimonial a autorização das famílias dos noivos, sempre influenciadas pela situação social e econômica das famílias, principalmente da mulher, cabendo a esta a entrega de um dote, ou seja, ao casar a filha, deveria o pai pagar ao noivo algo muito semelhante a uma indenização, um patrimônio que seria por aquele administrado, ficando assim solteiras as moças que não pudessem pagar um dote, ou unindo-se sem as bênçãos da igreja.

Na Idade Média, as relações familiares regiam-se pelo Direito Canônico que teve influência no direito de família, pois o cristianismo²⁴ estabeleceu regras sumamente importantes para o casamento, no que diz respeito à comunhão de bens, na qual a esposa passou a ter direitos sobre parte do patrimônio do marido.

As regras estabelecidas pelo cristianismo tiveram suas origens na Igreja Católica, que influenciava o modo de pensar e as formas de comportamento dos povos afetos a ela.

O final da Idade Média trouxe mudanças profundas nas famílias. Com a Igreja e sua Reforma e os Tribunais do mundo em conflito, nos países da Reforma Protestante, começavam a surgir as primeiras leis civis disciplinando o casamento não religioso e fazendo dele o único válido legalmente (COULANGES, 1999).

A partir do século XIX, apareceram as primeiras idéias liberais e o desenvolvimento do individualismo moderno, por meio do qual as pessoas podiam escolher suas profissões, parceiros e definir suas vidas. Essas tendências fizeram com que surgissem reivindicações para a separação do Estado e da Igreja no Brasil, havendo esta ruptura a partir da Proclamação da República em 1889.

Com a chegada da industrialização e da urbanização nos séculos XIX e XX, a família sofreu transformações em sua composição, passando de “grande família e a família nuclear, em razão de dois fatores: o ônus que representava a criação de um filho, e a desvalorização da mão-de-obra frente ao progresso da mecanização e da automação” (CARDOSO, 2004, p. 10).

²³Período compreendido entre o século V, quando houve a desintegração do Império Romano do Ocidente e o século XV, com a queda de Constantinopla que fazia parte do Império Romano do Oriente.

²⁴Pelo cristianismo, o matrimônio era considerado sagrado.

Por estes motivos, as funções da família foram reformuladas, embora alguns fatores elencados por Charbonneau (1974) permanecessem inalterados. A função biológica continua, ou seja, a família fica sendo sempre o lugar onde a vida é transmitida. A família acabou sendo um ambiente dedicado à educação no qual, as crianças, por meio de uma educação eficiente na família, poderiam ser capazes de enfrentar situações desafiadoras.

Nas palavras de Charbonneau (1974, p. 10), “a função educadora da família se faz sentir fazendo da família um porto de amor. No plano cultural, a função da família não é nem menos necessária nem menos vital, ela se tornou o refúgio do espírito”. Desse modo, no seio da família dar-se-á à criança e aos pais a cultura que livrará suas almas dos condicionamentos estereotipados do mundo exterior. A educação em grande parte assumida pela escola, exige que a família por sua vez a assuma a sua responsabilidade de estar presente no ambiente escolar. Enfim, é preciso redefinir o papel dos pais para com os filhos.

4.1.2 O Papel dos Pais para com os Filhos

Na época em que o Padre Charbonneau (1959-1987) esteve no Brasil, o empenho educativo dos pais não contemplava uma escala de valores muito nítida. De acordo com Belas (2016) nos anos 1960, 1970 e 1980 ocorreu uma distorção na forma de educar. Os pais tinham dificuldades em estabelecer os limites da liberdade para os filhos que se tornaram detentores de uma individualidade e de verdades que deveriam ser respeitadas. A escola incentivou as reuniões de pais e mestres, nas quais a palavra de ordem era a de como educar as crianças. Os meios de comunicação promoveram um estímulo aos jovens para que eles pudessem expressar suas motivações e suas ideias.

Para compreender o comportamento do adolescente diante dos pais neste cenário dos anos 1960, 1970 e 1980, Charbonneau (1980) relata que o adolescente tinha necessidade de sentir a maneira como os outros vivem, para aprender a viver, pois ele absorve tudo o que acontece na evolução do casal. É preciso que os pais compreendam toda a sua experiência de vida adquirida com os anos e que deve ser passada à criança de forma consciente e responsável, para que ela possa reunir subsídios e ser bem-sucedida no futuro.

Os pais tinham dificuldades em educar seus filhos nessa época, pois não sabiam fazer o somatório de suas vivências anteriores e queriam criar algo novo, mas inconsistente. Os filhos cresciam sem um projeto de vida, pois percebiam que sua família caminhava sem rumo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL, 1994).

Charbonneau (1973, p. 56) revela que para a educação “só há um caminho possível: o caminho do próprio amor, pois sem o amor, os filhos serão abandonados à própria sorte, para buscarem um amor que talvez jamais encontrarão”. Entende-se assim, que o amor é um dos valores essenciais quando o assunto é educar os filhos.

Aresi (1980) descreve que a falta de amor pode conduzir os filhos aos valores fictícios e negativos e prejudiciais ao seu desenvolvimento. O amor deve ser encarado como um dos valores que constituem a parte principal dos fatores educativos que compõem o núcleo psíquico do ser. Os outros fatores são a beleza, a bondade, a verdade e a perfeição.

É nesse clima que deve se desenrolar todo o processo de evolução da personalidade do filho. Para Charbonneau (1973, p. 57): “quando o filho descobre a harmonia que reina e o amor que triunfa entre o homem e a mulher de quem ele recebeu a vida, e por quem ele descobre o amor como uma realidade de todos os instantes, está salvo.”

Sob essa perspectiva, fica evidente que os filhos precisam dos pais e com eles estão sempre aprendendo, não somente no que dizem, mas também, no que fazem. É preciso que os pais compreendam que a experiência adquirida com os anos deve ser passada aos filhos de forma consciente e responsável, para que eles possam ser bem-sucedidos no futuro. Segundo Novello (1990) o diálogo com os filhos deve ser mantido com atenção e interesse, sem imposições, pois a principal luta do adolescente é contra tudo aquilo que é predeterminado. Muitas vezes, o relacionamento entre eles é deficiente e os pais sentem dificuldades para se colocarem integralmente à serviço de seus filhos.

Segundo Charbonneau (1973, p. 58), “somente os pais que tiverem ultrapassado seu próprio eu para se colocarem integralmente a serviço de seus filhos e filhas, estarão à altura da tarefa que Deus lhes confiou, chamando-os à paternidade”. A felicidade dos filhos depende basicamente dos pais, e “o que se

espera é que os pais se ponham a caminho e desçam do muro” (GONÇALVES, 1990, p. 167).

Essas reflexões mostram que os pais devem estar presentes junto de seus filhos. Devem estar atentos às relações que os unem e isso supõe grande coragem e perseverança.

4.1.3 O Protesto dos Jovens

O período compreendido entre a infância e a idade adulta chamado de adolescência traz consigo muitas dificuldades de adaptação. Quando o jovem chega a essa idade acaba se conscientizando de que os padrões adotados até aquele momento pelos seus pais são os mesmos recebidos pelos seus avós, sem jamais terem sido questionados. Em meio a essas contradições, o jovem tem a necessidade de questionar esses valores e adotar um novo posicionamento.

É o momento do protesto dos jovens, assunto amplamente discutido por Charbonneau (1974). Os jovens contestam seus pais e rebelam-se contra a civilização que foi planejada para eles. Esse protesto atinge todas as camadas sociais e os jovens do mundo inteiro interrogam o mundo. Muitos pais dão pouca importância a essa situação e fecham os olhos aos protestos dos jovens que causam surpresa, incompreensão, inquietação e contra revolta. A crise que se apresenta é resultado de um conflito entre o passado e o futuro, ou seja, é o jovem querendo sair do marasmo e adquirir um comportamento novo, verdadeiro e próprio daquela fase da vida.

É preciso repetir que o adolescente se define nesse momento da trajetória humana como um *ser-em-pleno-devir*. Por sua consciência, que literalmente toma corpo, ele encara a vida como uma aposta sobre o futuro. O seu passado é muito reduzido e a percepção que ele tem dessa fuga cronológica não o perturba. Traz o passado em si, como se nada fosse. [...] Para ele, o *ter-sido* é pouco e o *ser-amanhã* é muito; o passado é um fruto esquecido, o futuro uma colheita a ser recolhida (CHARBONNEAU, 1980, p. 41).

Os distúrbios de conduta dos adolescentes, segundo Novello (1990) abrangem a desobediência, mentira, inveja, agressividade, egocentrismo, devaneio, inatividade e insegurança. A desobediência geralmente ocorre quando o adolescente se revolta contra seus pais e pela necessidade de autoafirmação. A utilização da mentira serve para obter satisfação naquilo em que não se consegue triunfar. A inveja entre os adolescentes ocorre quando eles querem ser como os adultos e corrói a alma, implica atração, identificação, luta com sentimento de hostilidade, inferioridade, repulsa e ciúmes. A agressividade é manifestada por motivos insignificantes, ou por pequenos contratemplos. O egocentrismo acontece quando o adolescente sente que ninguém o compreende e sente-se abandonado. O devaneio é um período repleto de sonhos e fantasias que surgem no adolescente. A inatividade ocorre quando o adolescente fica fechado em seu quarto e não quer ser incomodado. A insegurança se manifesta por causa da falta de conhecimento de si próprio e do que pode ocorrer.

Esses distúrbios geravam intranquilidade e o jovem começava a perceber que seus caminhos ainda estão cheios de percalços, trazendo dúvidas e insegurança para o seu futuro. O jovem sentia a necessidade de protestar, de ser contra tudo e todos que tentam dificultar sua jornada. Aparecem várias atitudes dos jovens configuradas como protestos.

Charbonneau (1974) elenca algumas atitudes, como os cabelos longos usados pelos jovens, roupas unissex e alguma coisa estilo *hippie*. A juventude tornou-se violenta, rompeu com os valores tradicionais, a antiga moral sexual foi abolida e o matrimônio tornou-se decadente. Os jovens rompiam com as religiões estabelecidas procurando outras práticas religiosas, como o misticismo e cultos esotéricos. Campos (1987) descreve que o adolescente apresentava características especiais, podendo ser chamado de personalidades marginais, no sentido de adaptação e integração. As lutas e revoltas do adolescente podem ser oriundos de conflitos de dependência infantil, que persistem e apresentam especificidades defensivas do tipo psicológico, fóbico, maníaco, conforme o indivíduo e as circunstâncias.

Diante desse quadro, muitos pais procuravam compreender o que se passava com os seus filhos e quais as razões desses protestos. Conforme

Charbonneau (1980, p. 65), “o casal se encontra em crise diante do adolescente em crise”.

As soluções encontradas para esse estado de coisas poderiam ser a busca de novos caminhos que possibilitassem o diálogo com os jovens, para que reencontrassem os valores do amor, da justiça, paternidade e família. Na força do amor, a existência torna-se uma riqueza quando está balizada por essa luz. O jovem com o conhecimento da justiça sabe quais são seus direitos e deveres em relação às pessoas, ou seja, vai procurar pensar melhor antes de tomar uma decisão. Os pais devem estar presentes na vida de seus filhos, atentos às relações que os unem e pensar na educação que eles realizam (CHARBONNEAU, 1974, 1980). Confirma-se o pensamento de Weber (1994, p. 25): “quanto mais amada uma criança se sente, melhor ela aceita as regras e desenvolve amor e compaixão pelos outros”.

4.1.4 A Juventude e a Religião

A juventude dos anos 1960 e 1970 poderia ser classificada como “holista, dotada de atitude de ruptura, uma busca de independência econômica, carregada de ideologias, espiritualizada e, sobretudo, como uma vanguarda estética, moral e políticas” (ROCHA e PEREIRA, 2009, p. 84).

Ramos (2011) faz uma perspectiva da juventude do Brasil nas décadas de 1960, 1970 e 1980. No período do regime militar, nas décadas de 1960 e 1970, a juventude fazia voz crítica ao sistema político e econômico vigente. Na década de 1980 a juventude passou a criar grupos de referência identitária, manifestando-se e organizando-se em movimentos religiosos, porém ainda bastante tímidos. Na década de 1960, a Igreja Católica, influenciada pela Teologia da Libertação, movimento que interpreta o Evangelho sob o prisma das questões sociais, inaugurou a fase de conflitos entre a Igreja e o Estado.

Os jovens interrogavam sobre a existência de Deus e de sua essência e queriam preencher um vazio que tomava conta de suas vidas. Estavam orientados para uma religiosidade que buscava se adequar à realidade daquela época. Querer “destronar Deus e condenar à morte as religiões estabelecidas, parece ser o primeiro passo na via da contestação” (CHARBONNEAU, 1974, p.

115). A juventude queria respostas para suas questões e a Igreja Católica nem sempre lhe dava suporte. O comportamento antirreligioso dos jovens era o de censor supremo de Deus, e riscaram-no do seu mundo, rejeitando um cristianismo que para eles era só moralizante.

A descrença deles é enorme, e se torna múltipla. Eles não creem, em primeiro lugar, no nível do humano. Não creem em nossa civilização, em nossa sociedade tecnicamente superdesenvolvida, mas moralmente subdesenvolvida a ponto de não ter mais alma; não creem nos valores do passado, porque o presente mostra que não conseguiram salvar o espírito; não creem nas gerações que veicularam esses valores e construíram essa sociedade renegada; não creem no caráter transcendental da vida e, mergulhados no absurdo existencialista, emergem em pura anarquia niilista; enfim, não creem mais nos polos morais antigos e encontram-se completamente desorientados diante do mundo adulto que está nadando na mais infecta imoralidade (CHARBONNEAU, 1974, p. 136).

A raiz dessa descrença contempla muitas causas, entre as quais uma falta de instrução religiosa, a qual se “dirige ao intelecto, não atingindo o centro pessoal do indivíduo” (ELL, 1971, p. 242). Para Charbonneau (1974) é preciso restaurar o cristianismo na vida dos jovens através da fé. É preciso expandir o Evangelho, que era a única saída para a juventude encontrar Deus.

4.2 EDUCAÇÃO

Neste subcapítulo aborda-se o assunto da educação concebida pelo Padre Charbonneau, ou seja, um modelo de formação a ser seguido. Outros assuntos também foram abordados como o binômio educação/liberdade e a educação como instrumento de prevenção contra as drogas.

4.2.1 A Educação concebida pelo Padre Charbonneau

De acordo com o Charbonneau (1982) a educação integral deve contemplar o desabrochar do indivíduo, o desenvolvimento da inteligência, cultura da vontade, despertar do senso moral, projeção da imaginação, exploração máxima da criatividade de iniciação viva da fé.

A educação integral é comentada por Oliveira e Oliveira (1991) que a subdivide em: educação para a vida, educação afetiva, educação e orientação sexual, educação vocacional e educação religiosa. Educar para a vida compreende orientar a criança para uma vida de liberdade, com disciplina e organização, fortalecendo a sua identidade como pessoa. A educação afetiva tem como objetivo orientar a criança para o desenvolvimento da afetividade positiva e começa na família, onde os filhos devem aprender o significado do amor e do amar. Quanto à educação e orientação sexual, os pais devem dar as informações sobre o sexo da mesma forma como transmitem noções de higiene, hábitos alimentares e conduta social. O papel dos educadores quanto à educação sexual é o de orientar sobre órgãos e funções sexuais levando a compreensão de sua finalidade. A educação vocacional tem como meta orientar a criança para decidir sobre a escolha de uma profissão. A educação religiosa tem como finalidade a escolha de uma fonte religiosa e de muita importância para organizar a conduta das pessoas.

Nas décadas de 1960 a 1980 já se falava na importância dos pais na educação de seus filhos, pois é na família que a criança vai desenvolver padrões de socialização. Os pais devem dar todo o apoio e afetividade para o crescimento da criança.

Charbonneau (1973a) revelava que a presença dos pais é essencial na educação dos filhos e que deve marcar toda a dinâmica psicológica do indivíduo que, conforme o caso se enriquecerá de esplêndido potencial de felicidade e equilíbrio ou ao contrário verá, desde a sua tenra infância, se acumular em si sementes de grandes desequilíbrios e infelicidade. Os efeitos podem ser sentidos pelos filhos na sua vida afetiva, além de trazer segurança para poder vencer os eventuais obstáculos, animada de profunda e constante alegria. Os pais conscientes são aqueles que se obrigam a pensar na educação. A presença dos pais é absolutamente indispensável e está ligada a felicidade dos filhos. Por isso, os pais devem estar presentes com seus filhos, pois estes só podem ser felizes com essa condição.

Essas opiniões reforçam a necessidade da participação dos pais no processo de aprendizagem dos filhos. Em outras palavras, trata-se de fazer do filho autêntica pessoa humana.

Por outro lado, quando os pais são omissos na educação de seus filhos, isso acaba prejudicando o desenvolvimento simultâneo da personalização e da autonomização ²⁵ do filho. Na personalização, afeta o desenvolvimento equilibrado e harmonioso do filho. A autonomização fica prejudicada, uma vez que o filho se obriga a assumir precocemente sua vida e as decisões aí envolvidas (GONÇALVES, 1990). Charbonneau (1973) vai além nessas colocações, mostrando que toda paternidade é um compromisso fundamental diante do filho, pela vida que lhe foi dada gratuitamente. O pai é também responsável diante de Deus, pois toda paternidade vem dele. Outrossim, não é fácil praticar uma atenção constante com os filhos, especialmente no que se refere à educação. Muitos pais se tornam omissos e, portanto, indignos. A omissão tem muitas formas e a mais horrível é seguramente a não aceitação pura e simples da criança, a recusa de sua existência. Esta atitude não é rara no seio da família, e os pais esquecem de que todo filho nasceu de Deus e, portanto, não podem condená-lo a existir.

O esquecimento dos filhos pode conduzir a muitos problemas. Gonçalves (1990) enumera alguns. Na infância, a demissão dos pais debilita o componente espiritual da personalidade da criança, com reflexos na sua personalidade. Na adolescência, a demissão dos pais causa alguns problemas importantes, como a falta de sentido e vivência do amor. Ou seja, o jovem pode ficar isolado e não aprender a amar.

Charbonneau (1973), ao declarar que a falta de amor dos pais pelos filhos tem influência na sua maneira de ser e no seu comportamento, uma vez que todos os filhos têm direito ao amor total de seus pais. As causas mais frequentes da demissão dos pais são filhos arruinados, filhos revoltados e filhos infelizes. No caso dos filhos arruinados, isso acontece porque a demissão dos pais ocorre num momento em que os filhos estão construindo a sua personalidade e o abandono enseja um desmoronamento de sua vida. No caso dos filhos revoltados, a demissão atinge-os fatalmente, pois quando precisam de ajuda, sem a qual não podem crescer, não a encontra. Pode acontecer que os filhos se tornem infelizes, por causa da falta de amor dos pais.

²⁵Tornar independente (VOLPI, 2009).

Diante do cenário, é importante que pais assumam a sua missão e saibam amar como se deve a seus filhos, evitando qualquer demissão ou omissão.

Em 1965, o processo de educação católica teve início, caracterizando-se por uma intensificação da renovação pedagógica e a Igreja influenciou o crescente progresso social das sociedades. O trabalho educativo cristão tinha como finalidade fazer dos homens cristãos, homens cultos e comprometidos com o apostolado moderno. O processo formativo contemplava o ensino humanístico e técnico associado com a formação moral e doutrinal. Em linhas gerais, procurava-se inculcar na mente dos alunos a busca do progresso por seu próprio esforço. Deve-se provocar a superação dos seus próprios limites, tendo em vista a sua participação nos problemas da comunidade (KLEIN, 1997). Como se observa, cabia ao educando participar na comunidade educativa e prosseguir no seu desenvolvimento em direção à compreensão do mundo, de forma segura, afetiva e espiritual.

Em relação à educação cristã, George (2014) mostra o exemplo de Cristo como modelo de formação a ser seguido, que se inicia com o batismo que implica num crescimento integral, um desenvolvimento total e uma missão abrangente. Ele quer dizer que os caminhos do Cristo abrangem um crescimento integral, holístico e completo sempre com equilíbrio.

Maritain (1999) destaca que a educação cristã se esforça para desenvolver as energias e as virtudes naturais do ser humano, tanto intelectuais como morais, conforme a seguir expõe:

A educação deve ter em mira o grupo social e o papel que o homem nêle desempenha. Formar o homem para uma vida de cooperação útil e norma na comunidade, ou orientar o desenvolvimento da pessoa humana na esfera social, despertando e fortificando seus sentimentos de liberdade, obrigação e responsabilidade, constitui objetivo essencial. [...] E a sociedade humana é um agrupamento de liberdades, que se submeteram à obediência, ao sacrifício, a uma lei comum, para dar a todos uma real plenitude humana (MARITAIN, 1963, p. 33 e 34).

Charbonneau (1982) traz à tona o direito à educação, considerando-o como soberano, imperativo e intransigente, embora nos idos em que esse religioso estava entre nós, a realidade brasileira era a de uma sociedade na

qual a educação era privilégio de poucos, uma espécie de monopólio para as classes mais abastadas. Ele reforça:

Para que uma sociedade seja viva, é preciso que os cidadãos que a formam estejam vivos; portanto, que sejam educados como é preciso, não de uma educação que doméstica, integra, assimila, adormece, mas de uma educação que, tendo começado na necessária alfabetização, ultrapassa-a de longe para tornar-se libertadora, despertar de consciência, apelo à participação, capacidade de contestação equilibrada, porém enérgica, instrumento de transformação que se aplicará a criar uma sociedade nova, arrancando a sociedade de hoje da sua imobilidade para elaborar uma nova, na qual reinarão Dignidade e Justiça, Fraternidade e Amor, Solidariedade e Responsabilidade compartilhada, Liberdade sem nenhuma coerção (CHARBONNEAU, 1982, p. 98).

Um olhar sobre estes pensamentos, revela que proclamar que toda pessoa tem direito à educação, que é um direito social de cidadania genuíno por que o objetivo da educação é moldar o adulto em perspectiva (MARSHAL, 1967).

Porém, falar de educação para todos não é uma demagogia, é descer ao fundo do problema do Brasil, que é a educação. Para Charbonneau (1973, p. 25):

Educar é ensinar alguém a viver, é colocar alguém nos caminhos impossíveis mas necessários da perfeição. A educação se adquire aos poucos, pelo próprio esforço da pessoa. Educar uma criança é levá-la a adquirir o domínio pleno de sua liberdade, e ensiná-la a dispor de si. Em resumo, educar é ajudar alguém a se criar.

[...]

Educar uma pessoa não é simplesmente fazer dela um sábio, ou pelo menos um ser informado razoavelmente, é sobretudo, fazer dela um ser realmente livre, capaz de aderir às opções que a inteligência lhe propõe.

Estes posicionamentos se identificam com o pensamento de Ell (1971, p. 269): “para todos aqueles que pretendem educar o homem de amanhã, é preciso dever de impostar bem e favorecer, com todos os meios, a sua constituição do corpo e do espírito, ao menos que depende de nós homens”.

Assim, a educação tem como meta levar a pessoa a entender e ser protagonista de sua história, de forma a vencer cada obstáculo de forma generosa e constante.

Charbonneau (1982) defendia a adoção de uma educação integral, que para ele é a única dimensão verdadeira e aceitável da educação. Quer dizer, a prática pedagógica deve se ocupar da formação do ser humano em todas as dimensões abrangendo a biológica, antropológica, afetiva, cognitiva, histórica, cultural e política. Contudo, “a educação brasileira atravessava um difícil período, era má, arcaica, antiquada e deficiente e se degradou” (GHIRARDELLI JÚNIOR, 1994, p. 163).

Em parte, contraria o pensamento de Charbonneau (1973), pois a educação, deveria possibilitar o desabrochamento total do homem, e não apenas o profissional, incluindo o desenvolvimento da inteligência, cultura da vontade, despertar do senso moral, projeção da imaginação, exploração máxima da criatividade e iniciação viva da fé.

O desenvolvimento da inteligência ocorre quando o indivíduo entra em contato com outras pessoas, momento em que aprende a enfrentar os fatos, sem vergar ao peso que lhe impõe as exigências da vida moderna.

O sistema de ensino da época não desenvolvia totalmente a inteligência da criança, inibindo as suas capacidades. A necessidade de desenvolver a inteligência pressupõe uma verdadeira revolução de todo o ensino naquela época que ainda era ineficaz e ao invés de desenvolver a inteligência dos alunos, parecia inibir suas capacidades (CHARBONNEAU, 1973). Oliveira e Oliveira (1991) discutem a importância de desenvolver a inteligência, o que permite aos alunos usar todas as suas capacidades para construir um estado psíquico e emocional de harmonia, equilíbrio e realização.

Nos anos pré-escolares e nos iniciais elementares, a educação e a instrução devem enfatizar a oportunidade de estimulação de todas as inteligências. É durante esses anos que as crianças devidamente orientadas e estimuladas pelos educadores, podem descobrir alguma coisa sobre seus interesses e capacidades peculiares (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1991, p. 198).

Os educadores precisam inventar métodos novos de educação que fomentem o desenvolvimento da inteligência e, segundo, Oliveira e Oliveira (1991), é de máxima importância estimular as variadas inteligências humanas e todas as suas combinações, o que vai permitir ao indivíduo se sentir melhor em

relação a si mesmo e capaz de se integrar ao restante da sociedade em que vive.

Além da inteligência, é preciso cultivar a vontade, que é fator decisivo para o desenvolvimento da personalidade. “A vontade se forma como a inteligência; ela se desenvolve pela aprendizagem graduada do querer exercida desde tenra infância até a época da adolescência” (CHARBONNEAU, 1973, p. 25).

O despertar da vontade deve ser oportunizado por um sistema de aulas dinâmico, no qual o professor é comunicativo, não pressiona os alunos e mantém-se atualizado acerca das novidades no mundo da educação. Também é preciso compreender o aluno e atendê-lo nas suas dúvidas e questionamentos (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 1991).

O despertar do senso moral diz respeito ao sentimento que condiz com a moralidade, como o bem, o mal, o certo e o errado. Para o educador, a dinâmica da evolução moral deve mostrar aos alunos os caminhos que devem seguir para se encontrar a si mesmos.

A moral é eminentemente positiva. Preocupa-se pouco em proibir; deseja antes de tudo, o amor entre os seres humanos, com tudo o que isto implica de engajamento vigoroso. Ao invés de ser freio que segura, é uma força que empurra para a frente e levanta mais alto. Aquele que se sente animado por ela, é lançado para os ser-melhor através do agir-melhor: está em constante progresso. (CHARBONNEAU, 1968b, p. 92).

O Evangelho de Cristo define a moral como uma regra de vida, um apelo ao amor. Vidal (2010) descreve a moral com base cristã, como um caminho de vida plena e de felicidade. Compara as leis morais como placas de trânsito que guiam os motoristas, especialmente em estradas perigosas, nas quais se o motorista desrespeitar poderá pagar com a sua própria vida e a daqueles que o acompanham. Identifica a moral humana como um caminho de ida para a moral cristã e também como uma mediação do compromisso ético que é inerente à fé cristã.

Knight (2001) explica que a visão cristã jaz no fundamento da própria existência da educação, na qual a aceitação da revelação como a única fonte de autoridade coloca a Bíblia como o cerne da educação.

A projeção da imaginação, comentada por Charbonneau (1968, 1973, 1981) diz respeito a uma afirmação teológica que descreve Deus como a unidade de todas as coisas em seu estado final de ser. O mundo da imaginação comporta um universo paralógico, ou metalógico que encerra em cada um de nós, recursos inauditos. A iniciação viva da fé em Deus sobre todas as coisas deve ser o ponto máximo da fé cristã.

Na visão de Charbonneau (1973), a exploração máxima da criatividade se refere a usá-la em todas as situações da vida e os professores devem levar os alunos a uma criatividade sempre mais fecunda e original. Para Miel (1972), o professor precisa ser criativo e deve preencher alguns requisitos para essa tarefa. Deve utilizar todo seu potencial, ser consciente, receptivo e sensível em relação às pessoas, ideias e acontecimentos. É empreendedor e transmite aos alunos todas as suas conquistas.

A função da escola cristã é a de ser uma agência que ajuda jovens de lares cristãos a se encontrarem com Jesus Cristo e render suas vidas a Ele, segundo Knight (2001). Conseqüentemente, nas escolas e na família, se não for ensinada a existência de Deus e a sua adoração, faltará motivação da maturidade afetiva para com o próximo (ARESI, 1980).

4.2.2 O Binômio Educação/Liberdade

O conceito de liberdade e sua presença no discurso pedagógico cristão brasileiro tem como objetivo evitar a redução da educação a um mero adestramento dos alunos. A presença da liberdade deve ser o mais importante princípio dos encarregados de crianças ou adolescentes, pois nela repousa tudo que o adolescente se tornará e sua qualidade futura de adulto dependerá do quanto ele tenha aprendido a ser livre. Em liberdade “o homem oscilar entre o alto e o baixo, entre a dignidade e a indignidade, entre a nobreza e a baixeza, em ter a grandiosidade e a mesquinhez” (CHARBONNEAU, 1974, p. 175).

Na obra: a educação para a liberdade sob a égide cristã, Comblin (1998) revela que a educação cristã sempre foi orientada para esse princípio, embora apareceram reformas, renovações, redescobertas do princípio da liberdade, considerada como a base da vida e, conseqüentemente, da educação cristã. O

conceito de liberdade visa o serviço mútuo e voluntário é um dos temas basilares do cristianismo, pois o ser humano torna-se livre no encontro com os irmãos e as irmãs, no dom de si que expressa o dom da vida por Deus.

De acordo com Comblin²⁶ (1998), a liberdade, segundo a doutrina cristã, é um dom de Deus e deve ser buscada com paciência e perseverança durante toda a vida. Partindo desses princípios, não se pode banir Deus da educação (ARESÍ, 1980).

É importante e indiscutível a necessidade da liberdade e sua relação com a educação é intrínseca, não surge da moda do momento e nem é uma opção pessoal do educador. A unicidade desses dois conceitos é tanta, que eles não teriam nenhum sentido se fossem desunidos.

Quem reflete sobre a condição humana percebe toda a ambivalência da liberdade. Se, por um lado, ela é a grande aspiração do ser humano, aquilo que o engrandece e o torna responsável pelo próprio destino, por outro ela se revela um peso quase insuportável. Ser livre implica tomar decisões e responder por elas, com o risco permanente de errar (PRETTO, 1998, p. 1).

Dessa maneira,

A liberdade não é uma opção pessoal do educador, não é, de maneira alguma, uma concepção facultativa. Ela traz em si mesma a sua razão de ser. Oferecer uma liberdade é, com absoluta certeza, supor uma educação; dar uma educação é propô-la. Toda educação é, pois, necessariamente uma libertação e esta, inteira, deve repousar sobre uma formação (CHARBONNEAU, 1980, p. 133).

A liberdade é necessária, porém, ela tem alguns perigos que é importante citar. O primeiro perigo é o arbitrário, momento em que os jovens devem aprender que sua liberdade não pode tornar-se legítima nenhuma arbitrariedade de sua parte. Sob o prisma da liberdade, o jovem pode tornar-se arrogante e não medir esforços para prejudicar os outros. Outro perigo da liberdade é o egoísmo que aflora no jovem quando ele se vê viver e imagina que todos devem viver em função dele. O jovem pode tornar-se irresponsável, pois entendem que tornar-se responsável pela liberdade é inconcebível, contraditório. A insegurança é outro perigo da liberdade e acontece quando o jovem descobre

²⁶Sacerdote e missionário belga e teólogo da Teologia da Libertação (COMBLIN, 1998).

que a liberdade para ele é um privilégio e também uma ameaça, e por isso sente-se inseguro. A liberdade pode se manifestar pela angústia, situação que ocorre quando o adolescente se sente livre e sua alegria se transformou imediatamente numa angústia (CHARBONNEAU, 1980).

4.2.3 Os Jovens e as Drogas

Na década de 1960, ocorreram muitos protestos no Brasil, especialmente contra os valores incorporados pela sociedade. Apareceu o movimento *hippie*²⁷ no país, que procurava criar um mundo alternativo e novas formas de pensar, defendia uma ideologia libertária, utilizando roupas extravagantes, músicas e, principalmente, drogas psicodélicas que proporcionavam efeitos prazerosos e permitiam alterar a consciência. Nos anos 1970 e 1980 os jovens recorreram às drogas com maior frequência, especialmente a maconha e a cocaína (LESSA, 1998).

A Igreja Católica no Brasil entrou em conflito com o poder político durante a ditadura (1964-1985). Tornou-se uma força de oposição aos regimes totalitários, contestando a ordem política estabelecida no país. O Concílio Vaticano II (1962-1965), já abordava essas transformações com reflexos nos jovens, que se tornaram impacientes e rebeldes, contestando os valores presentes na sociedade, ocasionando aos pais e educadores muitas dificuldades para o desempenho de sua missão. Muitos jovens acabaram se emprenhando pelo mundo das drogas, por acharem uma espécie de refúgio para seus problemas.

Embora as drogas já fossem conhecidas no país, é nessa época que o seu uso se ampliou e se tornou um dos problemas mais angustiantes do presente século. Charbonneau (1988) já estava no Brasil nessa época e procurava combater o uso das drogas, mostrando seus efeitos negativos principalmente nos lares, onde os pais se mostravam atônitos diante disso.

²⁷Esse movimento nasceu nos Estados Unidos da América (EUA), composto de uma juventude que combatia as injustiças e desigualdades da sociedade americana. No Brasil, esse movimento combatia o governo militar e deu origem ao Tropicalismo que revolucionou a música popular brasileira (LESSA, 1998).

Outros teóricos também mostram os efeitos dessas substâncias, tais como: Vizzolto (1992), que relata que as drogas causam discórdias, violência e atiram uns contra os outros e Santos (2006) elenca: agressividade, insegurança, insatisfação e incompreensão.

Este cenário incentivou Charbonneau (1988, p. 13), a reconhecer que “as drogas lançam os adolescentes na mais sórdida das guerras, que lhes impõe uma batalha que parece perdida antes de começar”. Essa mensagem é um alerta para os adolescentes, embora pareça não tê-los convencido nas décadas de 1960 e 1980.

Outros efeitos das drogas são relatados a seguir:

Ansiedade, inquietação, náuseas, tremor, sudorese, podendo, nos casos muito graves, ocorrer convulsões, coma e morte. Em geral, o uso de drogas leva o indivíduo a: distanciar-se da família, ficar irritado, diminuir a autoestima e perder vínculos sociais que não estejam ligados às drogas. No caso da dependência, os sintomas são mais graves, podendo haver autonegligência, ataques de pânico, evasão escolar, defasagem de valores morais e éticos, psicoses e desnutrição (DANTAS, 2010, p. 2).

É nessa amplitude de sensações que parece residir a atração e a magia quase inevitável das drogas, e nos jovens isso ocorre de modo sutil, podendo levá-los à dependência.

Considerando essas situações, Charbonneau (1982, p. 157) sugere que “o papel dos pais deve ser o de ajudar seu filho para que o mesmo não seja embalado pela onda de tóxicos que ameaça transformar nosso mundo num imenso asilo de toxicômanos”. O recado aos pais mostrava que eles devem manter um diálogo atencioso com seus filhos, pois tanto a saúde como a vida dos filhos podiam estar em perigo. Percebe-se que o religioso combateu sem descanso o uso das drogas entre os adolescentes, mesmo acreditando que isso não era tarefa fácil e por acreditar na reconstrução dos jovens drogados.

Para Sodelli (2010), os jovens quando usam drogas estão vulneráveis e, complementando, com Charbonneau (1982, p. 158): “o jovem, ao ser entregue aos domínios das drogas, acaba se decompondo, que é um processo triste e se torna lúgubre, conduzindo à mais triste decrepitude”. O jovem não se importa com mais nada e acaba se tornando um pária da sociedade e sofre por ter perdido todos os valores que poderiam orientar o seu projeto de vida.

A variedade de drogas existentes à disposição dos usuários é grande e Charbonneau (1988) dividiu as drogas em três grupos: as depressoras, as estimulantes e as perturbadoras da atividade do sistema nervoso. Este material teve a colaboração da Dra. Maria de Lurdes de Souza Zaemel – Presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes – CONEN e Dr. Elisaldo Luís de Araujo Carlini, membro do Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEN e do Conselho Estadual de Entorpecentes – CONEN.

As depressoras têm a função de diminuir a atividade do sistema nervoso como o álcool, além de inibir o sistema nervoso, modifica os reflexos do indivíduo, conferindo-lhe vivacidade desordenada e perda do controle de si mesmo. Nesta mesma categoria estão os soníferos que acalmam e fazem dormir, como os barbitúricos que provocam efeitos destruidores, incluindo: perturbações profundas no plano emocional e social, negligência na aparência, incapacidade para o trabalho e comportamento infantil. Os tranquilizantes têm a função de reduzir ou suprimir as reações emocionais. Também causam dependência. Nesta classe, podem ser citados os narcóticos, drogas perigosas e que causam grande dependência. O ópio é outra droga que causa uma dependência cada vez mais intensa. A morfina é outro exemplo, e uma das mais poderosas substâncias analgésicas. Tem efeitos mais potentes que o ópio. Todas elas podem levar à dependência e ao vício incontrolável, e no caso específico dos jovens, afetam toda a sua vida se não for contida (CHARBONNEAU, 1988).

As drogas estimulantes provocam sensação de euforia e bem-estar, reduzindo o apetite e o sono, estimulam a atividade do cérebro, fazendo com que o estado de vigília aumente, como as anfetaminas que tiram o sono e o apetite. A reação vai desde o pânico agudo até as psicoses agudas, subagudas e crônicas. A cocaína é um estimulante do sistema nervoso central e simpático, produzindo efeitos muito fortes como alucinações e estado psicótico. Aceleram o funcionamento do cérebro, dá a pessoas a impressão de serem mais fortes, mais corajosas e a sensação de render no trabalho. As drogas perturbadoras da atividade do sistema nervoso desorganizam o funcionamento dos mecanismos cerebrais, como os alucinógenos, que compreendem o LSD, a mescalina, a psilocibina e o STP, provocam disfunções no sistema nervoso central e dão lugar a alucinações ou perturbações da função psíquica. O LSD é um composto

sintético e seus efeitos variam de um indivíduo para outro. Pode causar dor de cabeça, frio intenso, angústia, medo, alucinações e ilusões (CHARBONNEAU, 1988).

A mescalina, outra droga sintética é usada sob a forma de cápsulas e comprimidos ou cigarro. Causa inúmeras perturbações afetivas, perturbações da visão, modificação do humor e da atividade emocional. A psilocibina causa efeitos somáticos, sensação de vertigem e alterações sensitivas do tipo de cafaleia, câimbras e formigamento das extremidades, efeitos psíquicos, mal-estar, fadiga e sonolência. A maconha, derivada da *Cannabis*, também conhecida como droga da adolescência, causa um relaxamento e bem-estar, euforia, aceleração cardíaca, boca e garganta secas, fome incontrolada, olhos vermelhos e intoxicação aguda. O uso regular da maconha gera perda de interesse nos estudos, queda da motivação, obstrução da memória, impedimento da função pulmonar, entre outros. O haxixe é derivada da *Cannabis* e causa profunda ansiedade e também outros fenômenos negativos e psicossensoriais como zumbido nos ouvidos, estado de euforia, excitação intelectual, modificações da sensibilidade, superexcitação dos sentimentos, ilusões e alucinações.

Também existem os solventes, como: as colas, petróleo e derivados, dissolventes, diluentes e tintas, éter, clorofórmio, entre outros. Têm ação estimulante, estados de euforia e de agradável vertigem. Tiveram seu uso propagado na década de 1960 pelos *hippies*, como forma de contestação. Proporcionam alterações no funcionamento cerebral que resultam de vários fenômenos psíquicos anormais, como: alucinações, falta de motivação e perda de memória (CHARBONNEAU, 1988).

Os jovens desprovidos de maturidade emocional e com medo de confrontar-se com as dificuldades da vida acabaram se embrenhando no mundo das drogas, na tentativa de serem mais fortes e corajosos e com isso, terem capacidade de vencer os obstáculos. De acordo com Charbonneau (1987), os jovens têm dificuldades de formar uma personalidade adulta e ficam com uma sensação de incompletude, motivo pelo qual procuram essas substâncias para vencer a sensação de vazio. Permitem reduzir a tensão emocional e a ansiedade tão comuns na juventude, por causarem um estado de euforia e

coragem. Alteram o humor e expandem a consciência e conduzem a um prazer imediato, tão necessário em situações de crises.

O conflito com os pais muitas vezes contribui para isso, e “Desde que a droga faz sua aparição na vida do adolescente, ela não atinge apenas um momento da sua resistência, um só momento da sua vida. É a vida inteira que está em jogo” (CHARBONNEAU, 1988, p. 19). O adolescente precisa compreender isso, caso contrário vai fazer parte de um contingente de “milhares de moços e moças, que foram levados pelos caminhos do vício, e outros milhares correm o mesmo risco a cada momento” (SCHIMIDT, 1975, p. 5).

Frente a esse cenário, “os jovens não devem considerar o discurso dos adultos que os previnem contra as drogas como uma censura a mais que vem limitar sua liberdade” (CHARBONNEAU, 1988, p. 27). Importante citar que os pais, geralmente, têm poucas informações sobre a questão das drogas e os adolescentes recusam-se a ser manipulados pelos pais, professores ou autoridades. Os adolescentes acham que “a proibição das drogas é irracional, gratuita, sem justificativa, sem fundamento e que só estaria visando privá-los de prazeres que eles próprios não conheceram” (VIZZOLTO, 1992, p. 55).

Em sua obra *Drogas, prevenção, escola*, o Padre Charbonneau faz reflexões a respeito do adolescente diante dessa realidade, apontando caminhos em direção à construção de uma personalidade livre dos adolescentes. Defende a seguinte tese:

Os educadores precisam, pois, inventar uma nova linguagem, acessível aos jovens, para esclarecê-los sobre esse assunto e fornecer-lhes os elementos necessários a uma decisão que somente eles podem tomar; sem que nenhum adulto possa substituí-los (CHARBONNEAU, 1988, p. 10).

Nessas palavras é possível perceber que o Padre Charbonneau apresenta elementos de reflexão e orientação oferecidos aos jovens tendo em vista a opção que deverão fazer entre o uso ou não das drogas, pois o “homem, mesmo adolescente, é senhor do seu destino. E se torna o que escolheu ser” (CHARBONNEAU, 1988, p. 85). Outro momento de reflexão sobre as drogas é o seguinte:

A morte pela droga é lenta e imperceptível. Ela se infiltra primeiro na regressão cerebral mais deletéria. A desagregação do cadáver é brutal e malcheirosa: a que o drogado sofre é graduada e perfumada. Mas talvez ela seja mais dolorosa porque é vivida com consciência, e não acaba mais de se operar. Trata-se de uma morte lenta que consome o que faz que o homem seja um homem: os elementos biológicos que asseguram e condicionam o seu poder racional (CHARBONNEAU, 1982, p. 158).

Os elementos de reflexão permitem situar-se diante dos jovens que enfrentam as drogas, tais como: as atitudes dos adultos, profissionais da saúde e moralistas a respeito de seu “enfrentamento do problema” e que preferem deixar os jovens à sua própria sorte. É preciso encarar essa situação com mais realismo, menos desespero e o questionamento a seguir leva a reflexões: Tudo isso leva a um questionamento: “estamos ajudando a formar cidadãos ou charlatões, pessoas solidárias e comunitárias ou os párias da sociedade?” (SIELSKI, 1999, p. 15).

Diante das drogas, a primeira impotência se refere aos profissionais da saúde que se veem confusos diante dos desafios que o tratamento dos drogados lhe impõe. E não é só um desafio para os profissionais da saúde, mas também para os moralistas que preferem abandonar os “adultos à sua fúria, aos seus medos, à sua tristeza, sem procurar falar-lhes da droga” (CHARBONNEAU, 1988, p. 18). Esse abandono revela uma certa acomodação dos adultos, que muitas vezes, por suas próprias razões, dão pouca importância a um assunto que merece tanta reflexão como as drogas e tomada de atitudes como é o combate ao uso dessas substâncias.

Após o término da Segunda Guerra em 1945 é que as drogas praticamente invadiram o mundo. Contribuíram para isso a derrocada dos valores sociais, as contestações dos jovens e o surgimento de novas espécies de drogas. “Foi nos Estados Unidos que a grande onda das drogas começou a açoitar o país e outros países ocidentais” (SCHMIDT, 1975, p. 104).

No Brasil, acredita-se que o uso das drogas ainda estava começando, mas já trazia problemas para o governo e para o povo. Na década de 1960 e nos primeiros anos da década de 1970, “a curiosidade dos jovens a respeito das drogas era quase tão grande quanto a dos cientistas que em seus laboratórios enchiam páginas sobre o assunto” (SCHMIDT, 1975, p. 105).

Esse era o cenário das drogas que o Padre Charbonneau (1988, p. 11) encontrou e defendia a tese de que “é preciso informar aos jovens sem aterrorizá-los, pois é assim que serão capazes de se apropriar de informações, refletindo sobre elas e, podendo assim, fazerem escolhas conscientes”.

4.2.4 Educação: Instrumento de Prevenção contra as Drogas

Vizzolto (1992) descreve que a construção das relações afetivas dentro do espaço escolar é um desafio aos educadores, já que exercem forte influência sobre os alunos e cada um deve levar em conta a própria personalidade, suas características e suas atitudes, de forma que a sua influência seja a mais positiva possível. Para defender a ideia de que as dimensões afetivas influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem do indivíduo, tem-se que levar em conta a questão da relação sujeito-objeto. Essa relação é central no processo de construção do conhecimento e do desenvolvimento humano.

É preciso lembrar que a “educação afetiva exige que se adotem métodos e técnicas pedagógicos que despertem o interesse dos alunos e os transformem em participantes ativos das experiências de aprendizagem” (CHARBONNEAU, 1988, p. 31).

Como utilizar tudo isso para que os adolescentes compreendam a dimensão do problema das drogas? O mergulho das drogas pode acontecer quando a pessoa não pode mais suportar o mundo real e precisa se refugiar num outro mundo, que lhe oferece apenas alguns momentos de suposto prazer.

Os jovens são mais vulneráveis às drogas que “oferece alguns instantes de fuga e assume o papel de refúgio, torna-se sedução. [...] parece ser o último recurso de quem quer sobreviver” (CHARBONNEAU, 1988, p. 40).

É neste momento que os pais não devem fazer drama nem se apavorar, mas ter uma postura equilibrada emocionalmente. “Aos pais cabe ajudá-los a perceber essa dimensão da opção que eles são chamados a fazer, no início da sua adolescência, comprometendo, nessa escolha, toda sua vida” (CHARBONNEAU, 1988, p. 42). Os pais não devem ficar ausentes da vida de seus filhos, mas ajudá-los por meio de uma conversa franca e descontraída.

Quando o jovem chega à escola, ele já está exposto às drogas. É a idade em que ele procura sua identidade, contestação sistemática, exigência de liberdade, despertar sexual turbulento, descoberta do amor, alegrias e dramas. É o momento em que o adolescente procura pela primeira vez a droga, no intuito de descobrir em si forças novas, de fugir das duras exigências da realidade. Essa instabilidade do comportamento do jovem provoca flutuações emocionais incontroláveis conduzindo ao triste estado de um drogado (CHARBONNEAU, 1988).

As causas do processo de engajamento nas drogas são muitas. A autoafirmação é uma delas, e ocorre quando o adolescente começa a tomar liberdade questionando tudo que aparece. No momento em que ele se insurge contra a sociedade, muitas vezes, por pressão do grupo, o jovem é empurrado ao mundo das drogas.

Esses momentos são terríveis para os jovens, embora muitos gostem de tudo isso. Vizzolto (1992) comenta que o jovem quer buscar energia, animação, bem-estar, por modismo, protestos contra os adultos, solidão, carência de afeto, incentivo ao uso, procura de novas experiências, entre outras. Charbonneau (1982), revela que o jovem vive um clima de insegurança e isso pode conduzi-lo a procurar essas substâncias para fugir de suas incertezas e dar a si mesmo a ilusão de autossuficiência. Mas como vencer esse desafio?

O drama que a droga gera toca diretamente o mais profundo da pessoa, será necessário abordá-lo, de pessoa para pessoa, para tentar esclarecê-lo. Os jovens não querem ser uma peça da engrenagem social. Eles pedem que nos inclinemos sobre ele sobre unidades inassimiláveis e inconfundíveis. Assim, será pelo diálogo atencioso, compreensivo, caloroso que se poderá encontrar as esperanças frequentemente subentendidas apenas, mas sempre vivas. Tal diálogo não poderia ser mais bem conduzido do que pelos próprios pais que tomarão para si ajudar seu filho a não ser embalado pela onda de tóxicos que ameaça transformar nosso mundo num imenso asilo de toxicômanos. Terão de vencer o silêncio de corrigir a ignorância, de recusar a omissão (CHARBONNEAU, 1982, p. 161).

Percebe-se claramente que os pais precisam manter um diálogo constante com seus filhos sobre os problemas das drogas, pois eles precisam mostrar os caminhos de um viver saudável. A ação de prevenção elaborada pelo Padre Charbonneau contempla passos importantes em direção ao

conhecimento dos efeitos das drogas e a forma como deve trabalhar com os pais na escola. Não se deve esquecer que a realidade das drogas é cada vez mais preocupante e atinge todos aqueles que estão interessados no bem-estar e na construção de uma sociedade sadia e que possa oferecer aos seus cidadãos uma barreira contra o mundo das drogas.

4.3 SEXUALIDADE

Neste subcapítulo será abordada a sexualidade humana vista pelo Padre Charbonneau, abrangendo: o casamento, namoro e virgindade e os perigos da AIDS.

4.3.1 A Educação Sexual dos Adolescentes

Ao longo da história, a Igreja Católica se preocupou com a sexualidade humana, pois escreveu tratados com o propósito de convencer as mulheres a evitar o casamento e dedicar-se à castidade, bem como, redigiu documentos destinados a ensinar os monges a proteger-se dos desejos que ameaçavam a santidade da alma.

Charbonneau (1968b) definia a sexualidade humana em dois aspectos: expressão carnal de uma realidade espiritual e como expressão carnal do amor pessoal. Vista como expressão carnal de uma realidade espiritual é que no nível mais elevado da vida do espírito, encontra-se inevitavelmente a tensão sexual que acompanha e dinamiza toda a expressão da vida humana. Entendia que a atividade sexual é sinal do amor, pois este é o dom por essência, assim também a união sexual será por sua vez, um dom, em lugar de uma mesquinha tomada de posse. Portanto, o exercício da sexualidade deve ter como base a busca do absoluto pessoal e um oferecimento a Deus, e “só em Deus, como Supremo Outro, arquiteta-se a dinâmica gigantesca da nossa sexualidade” (ZANINI, 1997, p. 80).

É necessário que o homem tenha dominado os determinismos biológicos que eles têm de cego, e que tenha impresso em sua sexualidade o dinamismo

próprio da liberdade. A liberdade deve impor-se ao determinismo biológico para informar todo o dinamismo sexual. Não é o sexo que deve comandar: nem no nível do gozo nem no da procriação, mas a razão do homem. A união substancial, ontológica, da alma e do corpo, que resulta da procriação, responde na ordem ética um apetite recíproco da carne e do espírito, que encontra seu clima no instinto genital, nas palavras de Charbonneau (1985). Percebe-se que “o sexo é coisa grandiosa que constitui nossa existência, sendo a primeira informação que se tem de um ser quando nasce” (SOUZA, 1991, p. 14).

Convergente com esses pensamentos, Charbonneau (1985) relata que a sexualidade não é justaposição dos sentidos e da energia espiritual, é esta energia mesma projetada no fisiológico – energia que sustém a atração dos casais, mas também condiciona o dinamismo profundo dos indivíduos e finalmente lança-os ao infinito. Assim, “o sexo é uma manifestação da vida e na conduta das pessoas” (SOUZA, 1991, p. 15). Isso confirma as palavras de Zanini (1997, p. 54): “a grande ambivalência humana é sexualidade. O masculino fascinado pelo feminino. A mulher ama aquilo que tem o rosto masculino.”

Para Charbonneau (1985), quando se fala em sexualidade, o equilíbrio humano depende de uma adaptação do homem à sua condição existencial que é corporal, sensível e sexual em todos os momentos. É simultaneamente em todos os momentos, também, espiritual. Assim, não há sexualidade verdadeiramente humana a não ser quando em seu exercício é sinal do amor. Sem amor, a sexualidade torna-se desumana. Logo, “o ato sexual, sendo posse e doação recíprocas, exige amor total, amor eterno, amor fiel, enfim, amor contratual, de aliança, amor conjugal” (ZANINI, 1997, p. 41).

Esses pensamentos vêm ao encontro de Charbonneau (1985), que vê a sexualidade humana como expressão carnal do amor pessoal, e que não pode ser reduzida simplesmente a uma atividade biológica, mas só no amor encontra sentido. O amor deve estar em tudo: no casal, nos filhos, em Deus.

O próprio amor a Deus floresce e agiganta-se na estrutura de nossa sexualidade. Desse modo, “a sexualidade é um direito e um dever universais. Aí de quem não realiza sua sexualidade. Torna-se um histérico, um estéril,

desumano, monstruoso, sádico. Ninguém é tão sujo e impuro como aquele que não aceita sua sexualidade” (ZANINI, 1997, p. 22).

Confirmando essas postulações, Charbonneau (1985) revela que a sexualidade é em essência verbo do amor humano, seu exercício é não somente legítimo, mas impõe-se como uma expressão normal e necessária da criação. A verdade e a beleza total de uma realização sexual pessoal não possa situar-se senão na unidade de tudo o que se chama as intenções profundas do encontro sexual humano.

A sexualidade humana ganhou importância a partir da afirmação de que o sexo não é um atributo meramente biológico, mas influi na formação do caráter do indivíduo e das relações sociais dos homens entre si e consigo próprio. O cristianismo, por ter despertado na pessoa o cuidado com a salvação de sua alma, passou a considerar a sexualidade como um assunto mais amplo envolvendo o respeito ao próximo e a diversidade e com a finalidade de proporcionar ao indivíduo uma existência livre e bem orientada (SCHELISKY, 1968). A sexualidade pode ser vista como uma dimensão totalizante do ser humano, “é um eixo absolutamente central e envolvente da estrutura psicossomática de toda pessoa humana, ao longo de sua vida” (ZANINI, 1991, p. 20).

A publicação da *Humanae Vitae*, em 1968, abrangeu assuntos referentes à ética sexual, reconhecendo que a sexualidade é um dos fatores que confere a vida de cada um dos indivíduos e no plano biológico, psicológico e espiritual define as características do homem e da mulher e a sua inserção na sociedade (DOCUMENTOS DE PAULO VI, 1968, p. 6).

O magistério católico define o sexo fruto da ação direta de Deus, ou seja, elevou o ato sexual ao domínio do sagrado, colocando-o sob seu controle e vigilância. Pela moral cristã, a sexualidade era permitida somente para reprodução e só era legítima mediante o casamento do homem e mulher (FLANDRIN, 1986). Essas considerações mostram que a preocupação da Igreja Católica era com o estado conjugal, visando à reprodução da espécie.

As reflexões de Charbonneau (1971, 1980), sobre a sexualidade humana são importantes para quem quer compreender o laço essencial entre sexo e amor, confirmado pela união ontológica da alma e do corpo, que resulta da procriação, responde na ordem ética um apetite recíproco da carne e do

espírito, que encontra seu clímax no instituto genital. Esse momento é um crescimento do ser, uma fonte de alegria e uma realização com Deus. Os desvios da sexualidade são vistos como uma mutilação do homem. É necessário recolocar o homem nas sua natureza espiritual e racional.

Nas décadas de 1960 e 1970, a educação sexual nas escolas passou por fluxos e refluxos. As primeiras tentativas de implantar a educação sexual nas escolas foram tímidas, pois o assunto era tratado pelo professor de biologia, que se limitava a mostrar os aspectos biológicos. A medicina tinha o papel de regulamentar a atividade sexual, ou seja, o sexo passou a ser um problema clínico e de saúde, deixando de ser responsabilidade da religião ou de moralistas. Algumas escolas públicas desenvolveram experiências de Educação Sexual, mas deixaram de existir em 1970 após a Comissão Nacional de Moral e Civismo dar parecer contrário a essa prática. Na década de 1980, as questões que envolviam o sexo aumentaram por força da ocorrência de alguns eventos. O primeiro deles foi a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), que tinha como objetivo situar a mulher não apenas como mãe, mas como cidadã com a opção de maternidade. Nesta época, surgiu a epidemia da AIDS e o aumento dos casos de gravidez na adolescência, motivo pelo qual evidenciou-se a importância da educação sexual (ROSENBERG, 1985).

A educação sexual deve ser vista como um dos aspectos da educação dos jovens e permite ao indivíduo o seu pleno desenvolvimento na promoção dos valores. “Educar sexualmente é orientar o indivíduo para que passe pelas fases evolutivas de sua sexualidade de forma que sua vida afetiva se estruture de modo sadio” (SOUZA, 1991, p. 17).

Coerente com esses pensamentos, Charbonneau (1971, p. 22) em sua obra “Educação sexual”, revela que “o mais importante na preparação para a sexualidade é a educação para os valores, educação para o amor e para a felicidade: amor e felicidade sem inversão de valores”.

A educação sexual dos adolescentes nos anos 1970 a 1990 seguia um enfoque tradicional, no qual era dada importância à promoção da saúde sexual, à prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

Naquela época, o problema da educação sexual do adolescente era fazer com que ele assumisse a sua real dimensão humana e tornar-se um ser livre. O adolescente deveria perceber que o sentido da sexualidade humana é o de

preparar para a felicidade conjugal. Os pais deveriam assumir a responsabilidade da educação sexual dos filhos sem reservas, evitando situações de adiamento, mentiras, silêncio ou camuflagem da verdade, e agir de maneira simples e natural, com a superação de seus complexos, mostrando que o sexo só tem sentido quando exprime o amor. A sexualidade deveria ser encaminhada para o crescimento interior do adolescente, fortalecendo seus valores espirituais, pois o objetivo cristão é formar um indivíduo física e mentalmente saudável e que saiba conviver com o sexo que possui (CHARBONNEAU, 1971)

Em sua obra “Namoro e Virgindade”, Charbonneau (1985), faz referência à educação sexual e liberdade. Relatava que o valor humano do sexo é extraordinário e por isso, na sexualidade humana deve triunfar a liberdade, o projeto e o amor. O sexo não deveria ser visto como uma escravidão irracional do indivíduo, pois isso conduz à infelicidade. Os pais deveriam impor aos adolescentes alguns sacrifícios para que ele desenvolvesse sua sexualidade de maneira a caminhar para a maturidade e se integrar numa personalidade plenamente desabrochada. Mostrava também, que o adolescente não deveria se alienar com o sexo, mas dominá-lo para não perder o domínio de si que é a chave de uma sexualidade desabrochada. A sexualidade deveria ser orientada aos adolescentes tendo como fim precípuo o amor, que é o valor que deve conduzir as pessoas à felicidade.

4.3.2 O Casamento

Em seus comentários sobre a moral, Charbonneau (1968b) descreve que a moral constitui-se de práticas que fortalecem cada vez mais a coesão dos laços que garantem a solidariedade social. Essa opinião é corroborada por Durant (1971), que mostrava a relevância da moral como adesão aos costumes considerados essenciais à saúde e à preservação da sociedade. Percebendo estes conceitos, cabe ao homem descobrir seu caminho em busca do bem ou do mal, e assim, situar-se diante da moral.

O cristianismo oferece uma moral que faz o homem sobrepujar-se a si mesmo em direção a Deus, quando o homem é chamado para descobrir seu

caminho e o cristianismo não o desobriga dessa dolorosa e difícil necessidade (CHARBONNEAU, 1968b). A moral cristã tem como objetivo dirigir o comportamento do homem para alcançar a Deus. É uma resposta a todos que lutam e querem se desviar do mal e buscam uma conduta positiva.

É preciso que a moral cristã deixe de apresentar unicamente regras rígidas, normas pormenorizadas e irreversíveis, e forneça traçados luminosos, que permanecem imutáveis a despeito de variações menores (CHARBONNEAU, 1968b). A compreensão desta moral situa-se em um esquema em que “de um lado, existe a gratuidade de Deus e, do outro, a resposta amorosa do homem” (BRITO JUNIOR, 2010, p. 144).

Um dos ingredientes da moral cristã é o amor, no qual o Evangelho se define, na medida em que é uma regra de vida. A moral deve ser eminentemente positiva, preocupa-se pouco em proibir, desejar, antes de tudo o amor entre os seres humanos, com tudo o que isto implica em engajamento vigoroso. Estes pensamentos mostram que a moral cristã está fundada em objetivos transcendentais e o “cristão ao obedecer à lei do Espírito Santo, cresce na liberdade e a luz que ilumina sua conduta é o amor, no qual o Cristianismo é a revelação essencial e definitiva” (CHARBONNEAU, 1968b, p. 45).

Quais são os fins do casamento? Charbonneau (1968a) faz um relato sobre o assunto, apontando a importância deste evento. Mostra que Deus os dá um ao outro e faz o amor desabrochar em seus corações. Nenhum casal pode viver sua vida conjugal à margem de Deus. Tanto o homem como a mulher devem saber que sua vida não se vive a dois, vive-se a dois e em Deus. Infere-se que o casamento cristão não é simplesmente um contrato de vidas entre o homem e a mulher, mas é entendido como um chamado de Deus para toda a vida.

Quanto à vida do casal, o amor não pode ser violentado no decorrer dos anos, para não sentir a própria felicidade vacilar, mas de viver com vistas voltadas para Cristo que os uniu, em perspectiva simultaneamente humana e divina, temporal e eterna. O casamento, sob a base cristã, deve ser indissolúvel e sua finalidade é o filho que deve ser criado e educado pelos pais. A procriação exige paralelamente a educação, que deve ser o ponto de referência a partir do qual se estabelece o potencial procriador do casal, que não se encontra mais ligado ao exercício material e cego da sexualidade, mas ao exercício racional e

responsável (CHARBONNEAU, 1968a). Esses princípios mostram a importância do cristianismo para o casamento, que deve ser mantido por toda a vida. Se o amor não for afirmado como fim do casamento, o laço que liga os esposos, no casamento não poderá ser corretamente compreendido.

A sexualidade deve ser entendida como uma nova ética da família, e diante de perspectivas de espiritualidade conjugal inteiramente renovadas e repletas de um dinamismo insuspeitado. A sexualidade é um gesto humano que tem um sentido de relação, de comunicação afetiva e amorosa entre os dois seres (CHARBONNEAU, 1968a).

Quando se fala na finalidade do casamento, um assunto que vem à tona é a limitação dos nascimentos, que é um tema muito debatido pelo Padre Charbonneau, por relatar que a finalidade do casamento não pode ser apenas vista sob o ponto de vista biológico, mas se abre para uma nova liberdade, que é a dos filhos.

A visão da procriação, segundo Charbonneau (1968c), é uma obra de liberdade, especialmente porque é humana e não existirá se não for desejada. A limitação dos nascimentos é uma necessidade diante da qual, os esposos devem se inclinar, pois o casal, em sua consciência julga não poder assumir o encargo de uma nova gravidez se não tiver condições. Aconselha o uso dos anticoncepcionais que podem inibir a ovulação da mulher.

A maioria dos casais contemporâneos é levada a praticar a limitação de nascimento, e este dever se impõe, de um lado, pelas circunstâncias da vida moderna, de outro pela obrigação moral grave dos pais de dar aos filhos que geram uma educação decente, de acordo com as exigências do século XXI, em que eles viverão (CHARBONNEAU, 1968c, p. 129).

Como exemplo do uso desses anticoncepcionais, os progestágenos foram os primeiros anticoncepcionais fisiológicos que impediam a concepção modificando a cronologia de certas funções do organismo feminino ao invés de recorrer a processos mecânicos ou à ação química totalmente artificial. Contam com ampla base experimental e extensa experiência clínica, tendo sido empregados como profiláticos da gravidez em centenas de milhares de casos. É um tratamento considerado 100% eficaz (CHARBONNEAU, 1968c).

A pílula anticoncepcional foi descoberta nos Estados Unidos, na década de 1960, numa época em que este tipo de medicamento era proibido. Foi criada por Margareth Sanger, o cientista Gregory Pincus, o ginecologista e obstetra John Rock e a bióloga feminina Katharine McCormick. Foi Margareth Sanger quem criou o termo “controle de natalidade”, lutando sozinha pelo movimento dos direitos contraceptivos das mulheres nos Estados Unidos. Esta pílula é formada pela progesterona que é a responsável pelo efeito contraceptivo, enquanto o estrogênio controla o fluxo menstrual e potencializa o efeito do outro hormônio. Para evitar a gravidez, a progesterona contida no medicamento engana o cérebro e impede a liberação do hormônio FSH, responsável pelo crescimento do óvulo (OLIVEIRA, 2017).

4.3.3 Namoro e Virgindade

Um assunto de fundamental importância no que diz respeito ao casamento é o namoro e a virgindade. Charbonneau (1985) descreve o valor do namoro, que é o primeiro passo no caminho do amor. Se o namoro for mal vivido, ele tornará o amor impossível e a união infeliz. O caminho do namoro pode levar a um fortalecimento das relações românticas em que a autorrealização passa a ser praticada. Pode-se dizer que o namoro é o início de um longo percurso de compromissos para o casal.

O namoro é uma necessidade para ambos os sexos, pois durante sua vida o homem vai ao encontro de vínculos amorosos capazes de levá-lo à satisfação, à felicidade e uma maneira de preencher o seu vazio existencial. Para Bowlby (1969) o homem tem a necessidade de formar vínculos afetivos com os outros, especialmente com o sexo oposto. Na adolescência, o homem, assim como a mulher querem sustentar um relacionamento amoroso por meio de um namoro. Através do namoro, ele procura “amar para tornar-se homem autêntico. Amar para tornar-se inteiro. Ele sabe que é incompleto. É metade. É apenas masculino ou apenas feminino” (ZANINI, 1997, p. 14).

No século XX, o namoro acontecia de diversas formas. Del Priore (2012) relata que o início do namoro podia acontecer nas praças, alamedas, largos e avenidas, onde circulavam os homens e mulheres. Assim, uma moça ao passar

pelas lojas ou de uma praça à outra, era o momento para os primeiros contatos com os rapazes. Se organizavam passeios, nos quais as moças se expunham tendo em vista o namoro. Após um certo tempo, o namoro amadurecia e chegava a ser conhecido da família da moça, momento em que assumia um caráter de compromisso.

Holanda & Cavalcante (2013) analisaram um livro denominado: *Do amor ao casamento: a comunhão de vida segundo a natureza*, escrito por Hans Wirtz, autor alemão refugiado na Suíça e membro da Ordem Terceira de São Francisco, que funcionou como um manual de costumes e civilidade católica para casais e com a finalidade de preparar as moças para o casamento, para assumir seus deveres de esposa, mãe e dona de casa. A obra que circulou no Brasil nas décadas de 40 e 50 continha regras morais e disciplinares, dirigidas à conduta sexual, que foram utilizadas pela Igreja Católica para manter a moral patriarcal imune às repercussões do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

A partir da década de 1970, com a mudança nos costumes, que afetaram as relações entre os sexos e os efeitos das alterações das regras que regiam a escolha dos cônjuges, priorizou-se a pessoa e as relações de afeto (DEL PRIORE, 2012). Charbonneau (1985), descreve que no namoro, o amor é o seu princípio básico. Para amar, o adolescente deve se desprender e possuir um inesgotável potencial de compreensão do outro. Deve saber perdoar e se isso não acontecer, a vida se tornará impossível de viver.

Rougemont (2003) considera que o amor só pode existir na aceitação entre o casal e para que o amor aconteça deve superar os obstáculos que ocorrem no relacionamento. Charbonneau (1985) ressalta que o vínculo entre amor e sexo é de suma importância e o adolescente deve preocupar-se com isso. Quando se fala em preparação para o amor, o que se pretende é que o adolescente prepare seu corpo para a tarefa de amar que pode definir a adolescência no que ela tem de mais essencial. O homem deve entregar-se ao amor e não se entregar à sexualidade que deve ser dominada senão vira uma sexualidade louca. Na relação de namoro, o amor é o encontro de duas pessoas: o homem e a mulher, que decidem unir-se para sempre. Os adolescentes devem preparar-se para o amor durável, pois quando o amor morre, vai com ele toda esperança, toda alegria, toda segurança e todos os projetos.

O amor é sempre criativo. Sonha com grandes coisas, mesmo quando não é correspondido. E quando é correspondido – amor retribuído com amor -, já não somente sonha com projetos ambiciosos, mas tem a ambição de realizá-los e sente toda a força necessária para levá-los a cabo (BURKE, 1991, p. 21).

O adolescente que quer amar deve assumir uma gratuidade que o levará a dar, mesmo que nem sempre receba, a oferecer, sem sempre pedir, propor, sem reclamar. A ligação entre o ser virgem e o ser feliz é tão estreita que não podemos rompê-la sem ferir a felicidade e toda a vida conjugal (CHARBONNEAU, 1985). De acordo com Ricardo (2016), a virgindade marca a sacralidade do corpo feminino, pois é nele que Deus quis que fossem formadas novas vidas.

Resguardado pelo véu da virgindade, que se identifica aqui com a integridade do hímen, o corpo da mulher pode ser comparado a um santuário em cuja intimidade só deve ingressar o sacerdote. Na relação conjugal, pois, o marido se apresenta como aquele que é digno e capaz de aproximar-se, sem profaná-lo, do templo da vida, que é também, pela graça de Deus, morada do Espírito Santo. A virgindade física, sob esse ângulo, diz algo significativo sobre a mulher que assim se preserva: a sua espera pelo esposo. Esta preservação, quando se transfigura numa dedicação livre e exclusiva a Deus, orienta aquela espera para o único e verdadeiro esposo (RICARDO, 2016, p. 1).

Por isso, a descoberta que a mulher faz do seu corpo, por intermédio do homem que compartilha com ela sua primeira relação, é da mais alta importância. “Poder-se-ia dizer que o homem recebe uma virgem, quando ela lhe confia seu corpo, num gesto de abandono total e radical, assinala com sua marca a sexualidade de sua parceira” (CHARBONNEAU, 1985, p. 46). Portanto, não pode haver na primeira relação a semente do desabrochar, se esta não for vivida na calma e na paz. O que deve haver são dois corações que se encontram com dois corpos e que se entregam num encontro de amor.

A virgindade é vista por Zanini (1997) como a melhor opção da sexualidade, pois não a elimina, mas a realiza em sua máxima dimensão, que é a dimensão cristológica. Dessa maneira:

A virgindade é, pois, a máxima opção do “eu” polarizado, seccionalizado. Não se trata, é óbvio, da virgindade física. Trata-se da

virgindade coracional, evangélica, como opção afetiva e efetiva de Deus, com ou sem sacramento, com ou sem o sinal de um parceiro terrestre e exclusivo. A pessoa virgem por carisma celeste não é mais solteira à luz da psicologia profunda. Ela está definitivamente comprometida, casada. Deve amar as criaturas, principalmente o homem e a mulher, pois representam o seu Bem-Amado (ZANINI, 1997, p. 63).

Levando em conta esses aspectos “afirmar a importância da virgindade é afirmar a importância do amor e permitir que ele atinja a plenitude sexual” (CHARBONNEAU, 1985, p. 54).

4.3.4 Os Perigos da AIDS

Quando se fala em sexualidade, é importante conhecer a AIDS²⁸, uma doença que vem ceifando muitas vidas. Segundo O’Dell (1991) a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi reconhecida em junho de 1981. A pessoa infectada pelo HIV demora entre oito a dez anos para desenvolver os sintomas da doença e só então ela é notificada sobre isso. A infecção pelo HIV tem a propensão de envolver múltiplos órgãos e sistemas debilitando o indivíduo. O manejo da AIDS consiste no controle e na prevenção de futuras infecções pelo HIV juntamente com as estratégias de tratamento para aqueles que já estão infectados, tanto sintomáticos como assintomáticos.

Partindo da análise da obra “AIDS: prevenção, escola” de Charbonneau (1987) é possível perceber a preocupação desse religioso com os portadores do vírus da AIDS, um perigo que ameaça a todos, pois os portadores desse vírus estão em toda parte. Revela ser indispensável que a Escola e todos os educadores se dediquem à tarefa preventiva de alertar os adolescentes sobre esse mal. Considera a AIDS um mal extremamente agressivo que condena todos os homens que são pegos desprevenidos e incapazes de se defender. Essa pandemia prolifera seguindo um crescimento geométrico e o número de casos tende a dobrar em cada dez meses. Os chamados grupos de alto risco abrangem os homossexuais, os toxicômanos, os bissexuais e os heterossexuais. Esses grupos estão expostos ao contágio por terem um

²⁸Sigla de Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida

comportamento sexual promíscuo, o que facilita a proliferação da AIDS. Também pode ser transmitida através do beijo e da transfusão de sangue.

Estes fatos impulsionaram o Padre Charbonneau a apresentar medidas de prevenção contra a AIDS. A primeira foi a de reconhecer a dimensão moral da sexualidade, considerando-a importante demais e permeada de dignidade. Criticava o homossexualismo sem deixar-se prender por um moralismo que ignoraria a dimensão da pessoa do homossexual. Defendia a volta da monogamia, por considerá-la uma espécie de imperativo vital e que deve ser respeitada. Atacava a promiscuidade, a prostituição e as relações anais. A promiscuidade por ser uma prática que deve ser recusada a todo custo. A prostituição deve ser evitada, pois as prostitutas são grupos de contaminação. As relações anais representam um dos fatores mais poderosos e mais frequentes da transmissão do vírus da AIDS e por isso, antes de uma relação sexual deve ser usado o preservativo (camisinha de Vênus) (CHARBONNEAU, 1987).

5 A PROPOSTA POLÍTICA DE CHARBONNEAU: OPÇÃO CRISTÃ PARA O DESENVOLVIMENTO DOS POVOS

O assunto apresentado neste capítulo se refere ao desenvolvimento dos povos, o papel do Brasil em relação à justiça, injustiça e democracia. Analisaram-se o comportamento da Igreja Católica diante dos problemas contemporâneos, a concepção do homem a procura de Deus com o pensamento filosófico do Padre Charbonneau.

5.1 O PAPEL DO BRASIL: JUSTIÇA, INJUSTIÇA, DEMOCRACIA

No final dos anos 1950 e início de 1960, respirava-se um clima de nacionalismo desenvolvimentista. Antes de 1964, iniciou-se um processo acentuado de acumulação acelerada de capital, utilizando-se tecnologia avançada, elevando a produtividade do trabalho nos setores de ponta da economia. Após o golpe de 1964, quando os militares assumiram o governo no país, houveram reformas do ensino promovidas no período ditatorial corresponderam a um esforço dos grupos coligados no chamado pacto político autoritário em alinhar o sistema educacional com a ideia do desenvolvimento com segurança. Um dos fatos marcantes dessa época, ocorreu entre junho de 1964 e janeiro de 1968 quando foram firmados doze acordos MEC-USAID, comprometendo a política educacional do país às determinações dos técnicos americanos (GHIRARDELLI JÚNIOR, 1994).

O direito à saúde sofreu uma piora no período de 1968 a 1973, aumentando as taxas de mortalidade infantil, a incidência de tuberculose, malária, os acidentes de trabalho, entre outras, segundo Charbonneau (1982). Há manutenção das endemias rurais como Chagas, esquistossomose, malária e outras. Nos anos 80 ocorrem doenças crônico-degenerativas, acidentes do trabalho e de trânsito), e as doenças do aparelho circulatório a ocuparem o primeiro lugar da mortalidade proporcional do Brasil.

A mortalidade infantil, também era elevada por causa da fome crônica que afetava o País, que não assegurava o mínimo vital para as crianças. “Quando

existem tantas e tantas doenças é porque as próprias estruturas estão também doentias, enfermas, e a situação exige corretivos incisivos” (CHARBONNEAU, 1982, p. 28).

A justiça no Brasil deveria ser capaz de garantir alguns direitos essenciais, como o direito à educação, o direito de cuidados médicos, o direito ao trabalho, entre outros, caso contrário, impera a lei do mais forte, sem respeito ao ser humano, que sofre as consequências da ganância de poder das grandes nações. Portanto, a justiça precisa ser praticada de acordo com as necessidades de todos. “O avanço da justiça será muito positivo, desde que todos respeitem seus direitos numa perfeita comunhão democrática” (CHARBONNEAU, 1982, p. 28).

Nos tempos da ditadura militar (1964-1985), a justiça estava nas mãos de um poder autoritário e os abusos que eram cometidos nesse período causavam muita revolta. Alves (1984, p. 31) relata que “os métodos utilizados eram absurdamente horríveis”. A importância de citá-los para que se compreenda também, o nível de educação que existia no país, o que naturalmente serviu de alerta para o Padre Charbonneau.

Na lista encontram-se o uso de animais, como besouros, que eram introduzidos na garganta dos prisioneiros, e ratos, pelo ânus; o uso de descargas elétricas, o pau-de-arara, cadeira do dragão, palmatória, afogamento, telefone, corre dor polonês, produtos químicos que alteravam a consciência, injeção de éter, sufocamento, enforcamento, geladeira, crucificação, coroa de cristo, churrasquinho, estupros, tortura psicológica, além de episódios de violência praticados contra grávidas e crianças (ALVES, 1984).

No Brasil criou-se uma cultura do medo, pois participação política, quase necessariamente, significava prisão e tortura. A cultura do medo tinha três componentes: o primeiro era o silêncio imposto à sociedade pela rigorosa censura, que provocou profundo sentimento de isolamento naqueles que sofriam diretamente a repressão e/ou exploração econômica. Amplos setores da população viram-se marginalizados e isolados de outros segmentos que poderiam oferecer-lhes apoio e ajuda. Parecia impossível enfrentar o poder do Estado. Um sentimento de total desesperança passou a prevalecer na sociedade.

Silêncio, isolamento e descrença eram os fortes elementos dissuasivos da “cultura do medo. Não se pode olvidar também dos episódios de censura que ocorreram, as cartas enviadas à imprensa por familiares das vítimas contendo denúncias de censura simplesmente desapareciam. Não só a liberdade de expressão foi atingida, mas também a própria liberdade em si (ALVES, 1984).

Depois de determinado horário era proibida a permanência na rua. A tortura, os desaparecimentos e as mortes foram necessários para manter o ambiente econômico ‘convitativo’, com salários reduzidos, impostos baixos e sindicatos sem voz, no entanto essas medidas não seriam acolhidas pela população sem que essa se opusesse, e para que isso não acontecesse, fizeram uso dos métodos abusivos.

Para manter esse plano econômico, mais de quatro centenas de pessoas vieram a óbito e desapareceram. A tortura nesse período recebeu até mesmo caráter científico, os métodos eram literalmente ensinados aos militares, para que isso ocorresse mendigos eram sequestrados e serviam de cobaia para disseminação das técnicas de tortura norte-americanas (ALVES, 1984).

De abuso cometido pelos interrogadores sobre o preso, a tortura no Brasil passou, com o Regime Militar, à condição de “método científico”, incluído em currículos de formação de militares. O ensino deste método de arrancar confissões e informações não era meramente teórico. Era prático, com pessoas realmente torturadas, servindo de cobaias neste macabro aprendizado.

Sabe-se que um dos primeiros a introduzir tal pragmatismo no Brasil, foi o policial norte-americano Dan Mitrione, posteriormente transferido para Montevidéu, onde acabou sequestrado e morto. Quando instrutor em Belo Horizonte, nos primeiros anos do Regime Militar, ele utilizou mendigos recolhidos nas ruas para adestrar a política local. Seviciados em sala de aula, aqueles homens permitiam que os alunos aprendessem as várias modalidades de criar no preso a suprema contradição entre o corpo e o espírito, atingindo-lhes os pontos vulneráveis. Para esconder as atrocidades, quando as vítimas vinham a óbito devido às torturas médicos legistas forneciam laudos falsos ocultando as marcas de tortura e apresentando como causa da morte atropelamentos, suicídios, mortes em tiroteio ou causas naturais. O tratamento não foi reservado somente as pessoas que eram suspeitas de estar lutando

contra o governo, essas inclusive sofriam ainda mais, por não terem o que confessar aos seus torturadores (ALVES, 1984).

Os abusos não foram poucos, e por mais que hajam diversos estudos sobre o tema, análises e leitura de relatos nunca se poderá ter a mais ligeira noção do que foi esse período, tampouco poderá se mensurar a dor sofrida pelas vítimas e seus familiares que até hoje lamentam o fato de terem conseguido sequer dar um destino digno ao corpo de seus entes queridos. “A ditadura representou uma mancha de sangue na história do nosso país e a Lei da Anistia, vista por muitos como a luz no fim do túnel, apenas consagrou esse período como um dos mais terríveis na história brasileira” (ALVES, 1984, p. 24).

5.2 A IGREJA DIANTE DOS PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

Atento aos efeitos da Ditadura no Brasil, o Padre Charbonneau se empenhou em analisar os problemas contemporâneos da época, especialmente as injustiças que eram praticadas no Brasil por conta do regime político no País.

Importante citar a obra de Natusch (2016) sobre o papel da Igreja na Ditadura Militar que iniciou em 1964. Nos primeiros momentos da revolução o golpe militar encheu de euforia alguns religiosos do país, especialmente o Padre Paulo Evaristo Arns, que foi ordenado arcebispo de São Paulo em 1970. Com o passar dos anos esse religioso assumiu uma posição de contestação e denúncia dos crimes da ditadura. Tão forte foi sua luta que nos dias atuais ele é considerado um herói da resistência aos generais que estavam no poder na época da ditadura. Os movimentos da Igreja Católica influenciavam a própria postura da sociedade civil diante do estado de exceção que estabeleceu no Brasil e que num primeiro momento parecia promissor, mas logo se tornou intolerável. O temor diante do comunismo, tido como destruidor da família e que vinha esmagar os preceitos cristãos era visto pelos religiosos como uma verdadeira ameaça a todos.

Outro fato que ocorreu entre 1962 e 1965, foi o Concílio Vaticano II, uma das maiores reformas da história do catolicismo. Essa reforma transformou a sua relação com a sociedade, pois estava preocupada com a justiça social, a

defesa dos direitos humanos e o auxílio aos necessitados de todos os tipos (NATUSCH, 2016).

Diante do caos no Brasil, onde florescia a injustiça em todos os graus, a Igreja se posicionou para intervir e denunciar o mal, baseada nos seguintes princípios: “A Igreja continuou a transportar o facho da justiça que o Evangelho lhe legou” [...] O exercício da justiça tem de ser temperado pela presença da caridade” (CHARBONNEAU, 1967, p. 39).

Desse modo, fiéis ao espírito evangélico, os Padres da Igreja foram definidos como os campeões da justiça e da caridade.

Em 1966, o Padre Henrique Pereira Neto, auxiliar de Dom Hélder Câmara, foi assassinado pelo Comando de Caça aos Comunistas (CCC), um grupo paramilitar. Esse foi um dos fatos que influenciaram toda a Igreja, e o regime militar se voltou contra a Igreja Católica. Em maio de 1970 veio o primeiro documento da Igreja Católica denunciando a prática de tortura no país. Em outubro de 1970 houve a prisão do secretário geral da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos no Brasil, Dom Aloísio Lorscheider, que ficou preso por quatro horas. Isso serviu de pretexto para o clero atacar o regime militar com muita coragem e ousadia. Para tentar apaziguar essa situação, foi criada a Comissão Bipartite entre 1970 e 1974, com o objetivo de promover diálogos entre a Igreja e o Estado, na tentativa de evitar uma ruptura (NATUSCH, 2016).

Os dominicanos foram os religiosos que mais se opuseram ao regime militar no Brasil e passaram a apoiar os perseguidos políticos que queriam fugir do País. Com isso, os serviços de inteligência passaram a fiscalizar os dominicanos, efetuando várias prisões, como a dos Frades Fernando, Ivo e Tito, que foram torturados e expostos pelos militares como terroristas. No final dos anos 1970, as Forças Armadas tentaram deportar Dom Pedro Casaldáliga, bispo que atuava na região de São Félix do Araguaia (MT). A partir da segunda metade de 1970 em diante, a Igreja Católica Brasileira se alinhou com a sociedade civil visando o retorno à democracia. Nos anos de 1976 e 1977, a CNBB lançou documentos denunciando as vítimas do regime militar, como o Padre João Bosco e o operário Fiel Filho. A abertura política permitiu uma redução dos conflitos entre os religiosos e o regime militar. No final da década de 1970, a CNBB assumiu um papel ativo na campanha pela anistia e contribuiu

para a articulação do movimento Diretas Já. Por conta da publicação da obra *Brasil nunca mais*, de autoria de Dom Paulo Evaristo Arns conheceram-se vários processos dos militares contra seus oponentes (NATUSCH, 2016).

Um dos eventos importantes dessa época foi a promulgação da encíclica *Mater et Magistra* em 15 de maio de 1961, que abria uma ampla defesa da propriedade privada. Preocupava-se amplamente com o social e confirmava o direito de associação sindical, como também, pretendia ampliar a doutrina estabelecida a certos fenômenos que estavam acontecendo na época como as relações individuais capital-trabalhador e o tema da reforma agrária. Foram contempladas as dimensões da luta social, que não poderiam mais ser reduzidas ao plano interindividual (CHARBONNEAU, 1967). A encíclica foi de cunho eminentemente social e buscava esclarecer algumas dúvidas que apareciam na época, o que permitiu mais tarde a elaboração da doutrina social da Igreja. A principal preocupação da época era deixar claro o papel da Igreja Católica com os filhos, e pregava um mundo igual para todos que devem cumprir seu dever cristão.

O lançamento da encíclica *Pacem in Terris* pelo Papa João XXIII, em 11 de abril de 1963 lançou as diretrizes de uma moral política internacional. Incorporou a doutrina social da Igreja a Carta dos Direitos do Homem, elaborada em 1948 pelas Nações Unidas. O documento demonstrou que a Igreja desenvolve suas ações numa perspectiva de eternidade e promove a ordem sobrenatural. Revelou também uma perspectiva natural, porque não existe ninguém que pudesse negar que são os vinte séculos de Cristianismo que prepararam e tornaram possível este código da dignidade humana. Elencava vários direitos, como o direito à vida e a integridade física, direito ao respeito da dignidade pessoal, direito à liberdade de escolha, direito dos pais em assegurar o sustento e a educação dos seus filhos, direito à liberdade na pesquisa da verdade, direito de prestar culto a Deus, direito à segurança jurídica, direito à informação verídica sobre os acontecimentos públicos, direito à propriedade privada, direito de exercer a atividade econômica (CHARBONNEAU, 1967).

A Igreja assumiu uma postura vendo no acesso à consciência de direitos um verdadeiro e fundamental progresso humano. Estas perspectivas foram as mais vastas traçadas naquela data e se antecipam à consciência da humana, ainda solidamente encerrada em

nacionalismos agressivos que lançavam os povos uns contra os outros (NUNES, 2016, p. 564).

A grande Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo (Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*), foi promulgada pelo Papa Paulo VI em 07 de dezembro de 1965, e tinha como objeto a Igreja no mundo atual e afirmava a solidariedade total e profunda à família. O papel da Igreja era o de fazer o levantamento das esperanças e angústias do mundo contemporâneo, e se situar diante das inquietações (CHARBONNEAU, 1967).

Isso é confirmado na obra Fundamentos Teológicos da *Gaudium et Spes* (MANZATTO, 2009), ao mostrar que esse documento é a palavra que a Igreja tem a dizer à humanidade, que deve ser de fidelidade a Jesus Cristo e permitiu uma valorização das realidades terrestres. Afirmava que a história humana deve ser vista como um lugar de construção do humano. A presença de Deus tem como objetivo proporcionar a salvação do homem, que é identificada como a comunhão da vida divina para a qual toda a humanidade é convidada. A Igreja se define no seguimento de Jesus, não como a única destinatária da Salvação, mas como mediação, para que alcance todos os povos da humanidade. Foi enviada a às pessoas, povos, nações e culturas para anunciar-lhes a presença salvadora de Deus.

A partir da ditadura implantada no Brasil em 1964, o Estado autoritário brasileiro procurava legitimar-se ante a sociedade, apoiando-se nos altos índices de crescimento econômico e na Doutrina de Segurança Nacional. Não só o Brasil, nessa época, estava em ebulição, mas toda a América Latina. Os militantes marxistas exploravam este estado de coisas, por constituir um campo ideal para a pregação de seus propósitos.

Face à essas contradições, os bispos e a Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB) romperam com a censura imposta à palavra livre no Brasil, a partir de 1968, e denunciaram as violações aos direitos humanos, às torturas, a insuficiência dos salários e a expropriação de terras. Criaram-se vários organismos no país para lutar a favor da justiça. A Comissão Justiça e Paz ao nível Nacional, diocesano e em muitos lugares e paróquias do País. Foi criado o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) com a finalidade de ajudar os índios na defesa de sua terra e de sua cultura. Foi criada a Comissão de Pastoral da Terra (CPT), uma entidade que acompanhava os problemas das

terras. O Movimento Custo de Vida, que mobilizou mais de um milhão de pessoas. Todos esses órgãos serviam para defender os interesses do povo (BOFF, 1980).

Preocupado com essa situação, Charbonneau (1967) analisou e criticou as soluções propostas pelos sistemas socialistas e marxistas, o capitalismo, e apresenta o que o Cristianismo pode oferecer, revelando que estes sistemas eram contrários à verdade cristã.

Em 11 de setembro de 1962, o Papa João XXIII, aponta que a Igreja está preocupada com os pobres e continua alertando para o ateísmo marxista, mostrando que a ação da Igreja é muito mais vasta e complexa. Afirma a necessidade de facultar às classes trabalhadoras o acesso à propriedade (ALBERIGO, 1996).

Charbonneau (1967) revela que a Igreja endossava o capitalismo e a ele se ligava, em defesa do princípio da propriedade privada, que para ela tem valor permanente, por fazer parte da natureza das coisas. Considerava a propriedade como uma instituição na qual se deve fundar a ordem social cristã. Em linhas gerais, é um direito da lei natural, considerada como uma instituição na qual se deve fundar a ordem social cristã.

5.3 O HOMEM A PROCURA DE DEUS

Diante de uma Ditadura Militar que não respeitava os direitos humanos no Brasil, mas era inflexível e prejudicava várias pessoas, o Padre Charbonneau deixou uma mensagem muito relevante para todos, especialmente para a formação educacional e espiritual dos indivíduos, que é o homem a procura de Deus.

Compreender Deus na visão teísta de Charbonneau (1981), nos remete ao início da história humana, na qual se fazia presente a dimensão religiosa e congênita do homem. O dilema de encontrar Deus é praticamente inesgotável. “Assim Deus quer fazer-nos compreender que Ele não é o Inacessível, o longínquo Mestre, o Criador sem rosto. Ele se coloca entre nós sob o tríplice sinal do Renascimento, do Amor e da Esperança” (CHARBONNEAU, 1982, p. 173).

Refletindo sobre a existência de Deus, Cabral (2017) cita São Tomás, que apresenta maneiras de provar essa existência. A primeira parte da dedução do movimento como causa motora suprema, que por sua vez, é imóvel. Assim, todos os seres se movimentam e por assim dizer, possuem Deus. Logicamente, aqueles que estão parados devem estar sem Deus. Ao se ler que nas Escrituras Sagradas Deus teve cólera ou tristeza por causa dos pecados dos homens e outras coisas semelhantes, é que se tornaram os efeitos pela causa, como quando dizemos que o sol está mais forte e mais no verão do que no inverno, embora não tenha mudo de lugar nem adquirido forças novas.

Outra prova é a da distinção do ser necessário e do ser contingente:

Todos os seres são instáveis, mas é forçoso que algum seja necessário. Este ser necessário é Deus, que é uma virtude infinita, um ente perfeitíssimo que age livremente. Deus tem uma perfeição infinita ou um ser infinito, está em toda parte. A ideia desta perfeição é que nos aproxima de Deus. A existência como causa de um ser supremo que age com objetivo de chegar ao fim, esse ser, que é inteligente. A infinidade de Deus é o que há de mais positivo, pois só dizemos que é infinito enquanto nos referimos à sua suprema perfeição (CABRAL, 2017).

Deus é a substância, ou seja, o Ser que é causa de si, que existe em si e por si, que é concebido. Assim, Deus não é só causa da existência deste ou daquele Corpo, mas também da sua essência, que, por esta razão, deve ser concebida necessariamente por meio da própria essência de Deus. Desta forma, Deus é o caminho, e este caminho é inteligente, porque é a Alma de todas as almas, a essência em todas as existências e realização neste mundo de aparências (CABRAL, 2017).

Em interessante abordagem sobre a existência de Deus, Rocha (2016) postula que essa crença está na base do cristianismo e quando uma pessoa crê nisso, tem um sentido para a vida e sabe que um dia deverá prestar contas a um ser superior e perfeito.

O Padre Charbonneau explica que mesmo com o crescimento do ateísmo e do agnosticismo, o homem não dispensa a fé em Deus, que toma um novo aspecto, ou seja, ela é sempre infantil, como infantil é o espírito que a concebe (CHARBONNEAU, 1981).

O caminho de Deus, segundo Charbonneau (1982) é longo e difícil. Para salvar-nos do colapso da existência, Deus vem então, na figura de um recém-nascido, e nos revela que longe de terminar, a vida apenas começa; que as trevas sempre terminam por ceder lugar à luz. Deus se situa entre nós através do amor a tal ponto que ninguém ousará pôr em dúvida que o amor ganha do pensamento. Deus se revela para nós como Amor infinito, mas encarnado.

Estes princípios mostram que a procura de Deus é um assunto que precisa ser levado a sério. Não basta somente reconhecer a existência de Deus, Charbonneau (1982) é enfático ao relatar que é preciso criar um relacionamento com Deus, e aí é entra a religião. Seu papel é destacado a seguir.

A religião é o vínculo moral que existe entre Deus e o homem. O homem é criatura e, como tal, supõe um criador, um princípio. Como o homem é corpo e espírito, tem paternidade na parte carnal e na parte espiritual. Na parte carnal seu relacionamento é com a paternidade com o Espírito Supremo que criou a alma e a infundiu no corpo. Assim, subtrair Deus na educação, é tirar ao homem sua dependência do Criador, o que seria um absurdo (ARESI, 1980, p. 120).

Charbonneau (1981) explica que a religião é peça chave para a construção do homem, e tem condições de estruturar de maneira mais perfeita seu aparelho mental, sua dinâmica espiritual. Contrapondo com Aresi (1980) a religião é necessária ao indivíduo, pois sem ela é impossível ao indivíduo mitigar a sede de felicidade, de aperfeiçoamento e de verdade, como também, tranquilizar o homem sobre os problemas básicos do bem, do mal e do seu destino. Debruçando-se sobre si mesmo é que o homem procurará Deus.

Pelo fato de ser imagem de Deus, o homem O transforma atribuindo-lhe sua própria riqueza... e sua própria pobreza. Como Deus que é o Existente, o homem é participante do ser. O homem deverá encontrar Deus e ver nele a sua presença e a existência efetiva do Absoluto. Pelo fato de ser imagem de Deus, o ser humano está intimamente perto d'Ele (CHARBONNEAU, 1981, p. 317-318).

A intensa luta que esse religioso travou para a procura de Deus se reflete praticamente em todo o seu ser, ou seja, ele realmente se identificou com essa causa e, por isso tinha imensa alegria de viver, com uma esperança à toda prova. Assim,

Neste espírito, eu aceitei carregar as inquietações dolorosas dos homens cujo itinerário eu compartilhava, suas interrogações amargas, suas dúvidas atormentadas, sua fome de coerência, sua recusa do desespero e sua vontade teimosa de achar o sentido das coisas (CHARBONNEAU, 1982, p. 171).

Emprestando as palavras de Aresi (1980, p. 106), “Deus é essencial para a explicação de sua vida e da sua finalidade. Ele é a resposta ao espírito humano que persiste em seus porquês, até que não atinja a realidade última”.

A fé para Charbonneau (1981) dá resposta às dúvidas do nascimento e da morte e um sentido para a vida. A fé deve ser vivificante e trazer a esperança, o que faz com que Deus ame, liberte e salve cada homem iluminando a existência de cada um. O Movimento da Vida Cristã (2016) relata que a fé é um dom de Deus e através dela é que Deus se revela para o homem. A fé deve iluminar a mente do indivíduo e ser acolhida no coração. Por isso, deve ser manifestada nas ações da vida cotidiana e levar o homem ao seu pleno desenvolvimento.

Esse desenvolvimento só será possível se todos caminharem juntos numa só família, segundo o Movimento da Vida Cristã (2016). “Quando há fé, aposta-se nela, isto é, investe-se toda a existência, o ser total nela. A fé nunca pode ser concebida sem que invoque a fidelidade, condição inabalável” (CHARBONNEAU, 1981, p. 302). Dessa maneira, “cruzar o umbral da porta da fé, contudo, não basta. O dom da fé implica uma resposta contínua para cultivar esse dom, já que se a fé não cresce, vai esfriando e vai desaparecendo”, segundo o Movimento da Vida Cristã (2016, p. 3). O próprio Catecismo da Igreja Católica (VATICANO, 2016, p. 4) define a fé como: “Uma virtude teologal pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos disse e revelou, e que a Santa Igreja nos propõe porque Ele é a própria verdade.”

É importante que a fé não seja somente um refúgio, mas deve se integrar na multidão de questões que ela fomenta, oferecendo uma certeza sem o que ela seria apenas uma hipótese, trazendo profunda insatisfação no espírito humano (CHARBONNEAU, 1981).

5.4 O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE CHARBONNEAU

Conhecer o pensamento filosófico do Padre Charbonneau, nos remete à sua obra *Curso de Filosofia: lógica e Metodologia*, uma verdadeira iniciação à filosofia. Nesta obra, ele mostrava que a filosofia está no cerne de todas as disciplinas. Descreve que toda ciência é vinculada à filosofia que traz respostas também, às dúvidas pessoais. Conclui que a filosofia tem por objetivo o sujeito conhecedor, que se descobre ao se construir a si próprio (CHARBONNEAU, 1986). Durant (1970, p. 12) considera que a “filosofia tem no mundo a sua matéria de estudo, e o universo a sua especialidade”.

A filosofia nem sempre pode dar respostas prontas, mas ela propõe uma reflexão:

A filosofia, segundo Platão e Aristóteles, começa com o assombro do ser humano perante o mundo. Aristóteles afirmou: ‘Pois o assombro, tanto no início como hoje, induz o homem a filosofar [...] Mas o que pergunta e se assombra tem uma sensação de ignorância [...] Assim que para escapar dessa ignorância começou a filosofar’ (MAGEE, 1999, p. 25).

Este pensamento sobre a filosofia indica que “a filosofia é importante para que entendamos como reflexionar melhor sobre nossas vidas, o que implica organizarmos, selecionarmos e assumirmos nossa escola” (TRIGO, 2009, p. 52). Para entrar no domínio da filosofia, é preciso saber como ela se organiza e Charbonneau (1986) apresenta quatro divisões: A lógica tem como finalidade estudar as operações do espírito que conduzem a distinguir entre o verdadeiro e o falso. A psicologia é o estudo do espírito do ser humano em suas relações com o corpo e o meio social. A moral define as regras da conduta do ser humano. A metafísica ultrapassa o mundo das aparências para se deter naquilo que se esconde atrás delas.

Durant (1970) explica que qualquer problema pode se constituir material da filosofia, se for estudado na sua perspectiva total, à luz da experiência humana. Charbonneau (1986, p. 2) complementa: “o percurso do conhecimento está, pois, claramente demarcado. Lógica, matemática, ciências da matéria, ciências do homem dividem os vários caminhos que conduzem ao conhecimento”.

A lógica formal distingue os raciocínios verdadeiros dos raciocínios falsos e não se preocupa com a matéria sobre a qual se apoia o raciocínio, segundo Charbonneau (1986). Mais detalhadamente,

A lógica formal trata da relação entre as premissas e conclusão, deixando de importar-se com a verdade das premissas. À ela, interessa dar as regras do pensamento correto. Ela é um instrumento que vai permitir o caminhar rigoroso do filósofo ou do cientista. A correção ou incorreção lógica de um argumento só depende da relação entre premissas e conclusão, e independe da verdade das premissas são verdadeiras. O que a lógica formal pode fazer é determinar se as premissas dadas sustentam a conclusão (MUNDIN, 2017, p. 3).

Baseados nestas premissas, Charbonneau (1986) afirma que as regras da lógica formal ajudam a corrigir argumentos falaciosos e tendenciosos. Na sequência, da lógica à matemática existe uma relação direta, porque o raciocínio matemático é um dos mais rigorosos. Nessa perspectiva, a filosofia considera a matemática como um dos principais objetos de sua investigação. Tal postulação é confirmada por Druk (1998) ao revelar que a matemática precisa da lógica para suas definições, além de desenvolver o raciocínio lógico.

As ciências humanas objetivam estudar as atitudes e os comportamentos humanos. Para Andrioli (2006) as ciências humanas promovem a descoberta dos significados do conhecimento, da cultura humana e da própria ciência. Charbonneau (1986, p. 99) entende que as ciências humanas “tem por objeto as atitudes e os comportamentos humanos. [...] dizem respeito às diferentes atividades, individuais ou coletivas, do homem, considerado como um ser inteligente e livre”.

Por esta razão, as ciências humanas procuram a desmistificação e reintegração dos saberes. Para acompanhar o homem nessa trajetória, as ciências humanas enveredam por diversos caminhos elencados a saber: história, sociologia, psicologia, geografia humana, economia e a política, entre outras.

Na visão de Charbonneau (1986), a história pode ser vista como o conhecimento de estados realizados sucessivamente no passado e a tarefa de um historiador é a de objetivar a própria sequência das etapas pelas quais

passou a humanidade, utilizando-se de tradições, documentos escritos, de monumentos, entre outros. A história não deve se confinar somente ao passado, mas deve ser entendida de maneira científica e sempre aberta ao futuro. Na sua primeira forma, a história foi tratada como um gênero literário e via-se nela um instrumento de ensino de moral e de edificação, geralmente enaltecendo a glória de um povo, de uma família, de um edifício. Na vertente científica, a história exigirá do historiador que estabeleça com certeza suas fontes, identifique-as bem e submeta-as a uma crítica rigorosa.

Na perspectiva de Charbonneau (1986), o historiador deve analisar os acontecimentos pertencentes ao passado e que podem abrir-se para o futuro, sem esquecer que um fato histórico é único e jamais se repetirá e, por isso, deve ser considerado em todas as suas particularidades que o situam no tempo. Assim, abre-se um espaço para pensar historicamente e aprender a ler, questionar e interpretar os documentos que falam com esses fatos.

Para se enveredar nesse mundo da história “a crítica histórica é da mais alta importância para o tipo de raciocínio a que se entrega o historiador” (CHARBONNEAU, 1986, p. 110). A expansão do campo do historiador implica:

o repensar da explicação histórica, uma vez que as tendências culturais e sociais não podem ser analisadas da mesma maneira que os acontecimentos políticos. Elas requerem mais explicação estrutural. Quer gostem, quer não, os historiadores estão tendo de se preocupar com questões que por muito tempo interessaram a sociólogos e a outros cientistas sociais. Quem são os verdadeiros agentes na história, os indivíduos ou os grupos? Será que eles podem resistir com sucesso às pressões das estruturas sociais, políticas ou culturais? São essas estruturas meramente restrições à liberdade de ação, ou permitem aos agentes realizarem mais escolhas? (BURKE, 1992, p. 31).

Os questionamentos são úteis quando se quer analisar o fato histórico, facilitando o historiador que estará em condições de desenvolver o seu raciocínio, situando-se numa perspectiva rigorosamente lógica e científica, segundo Charbonneau (1986). Por esse motivo, contribuiu para que os historiadores estabeleçam relações cada vez mais complexas com as ideias históricas e possam se ver como construtores do conhecimento, no sentido da

recriação das relações entre a história do presente e do passado (BURKE, 1992).

Charbonneau (1986) define a sociologia, como uma ciência positiva dos fatos sociais, ou seja, preocupa-se em observar, pesquisar e analisar a maneira como os homens convivem uns com os outros. Segundo Santos (1962, p. 17), “a sociologia não é uma ciência normativa, mas se preocupa em estudar cientificamente os fatos sociais, tais como se apresentam, sem formular juízos de valor ou sugerir normas de conduta”.

Portanto, “a sociologia ultrapassa os aspectos individuais dos fatos e os situa num contexto muito amplo: o da sociedade” (CHARBONNEAU, 1986, p. 123). Em linhas gerais, a sociologia limita-se a estudar os fatos sociais como eles são e como se processam, possuindo uma função prática e suas conclusões são de grande utilidade para a política, o direito e a administração, ou tarefas que visem a reforma ou a melhoria da vida social, segundo Santos (1962).

A sociologia esclarece os fatos sociais pela inserção dos comportamentos individuais numa dinâmica que faz com que eles tenham sentido em função da sociedade. A sociologia estuda:

Como vivem socialmente, como competem e se movem os indivíduos dentro do grupo e quais as características de uma população. A sociologia não tem a pretensão de modificar ou melhorar os grupos, mas apenas de estudá-los com objetividade (GONÇALVES, 1990, p. 84).

Para executar seu papel, a sociologia ocupa algumas fontes de observação, tais como a história, ciência que o sociólogo mais escolhe. Serve-se também, da etnologia, que permite o estudo das sociedades primitivas. Utiliza alguns métodos gerais. O método indutivo, que vai do particular ao geral; o método dedutivo que vai do geral ao particular; o método comparativo, que consistem em comparar os fatos sociais semelhantes de países ou locais diferentes; o método estatístico, que tem por objetivo recolher e contar os fatos sociais; o método histórico, que observa e critica os fatos históricos para deles tirar conclusões para o presente e previsões para o futuro; o método ecológico,

que estuda as relações entre a terra e o homem na sua ação e reação recíprocas (CHARBONNEAU, 1986).

Outros teóricos como Weiten (2002), entende que a psicologia é uma ciência e durante a história teve várias perspectivas como a comportamental que estuda os efeitos do ambiente no comportamento do indivíduo; a psicologia psicanalítica que aborda determinantes inconscientes do comportamento; a teoria humanística focada nos aspectos únicos da experiência humana; a cognitiva que se refere aos pensamentos e processos mentais e a biológica com bases fisiológicas do comportamento em seres humanos e mentais.

Interessante notar que estas abordagens foram contempladas por Charbonneau (1986), que procurava compreender a psicologia através da consciência, que para ele é um fenômeno de conhecimento e não um princípio de conhecimento como são os sentidos. Assim, a psicologia “tornou-se o estudo científico da experiência consciente” (WEITEN, 2002, p. 5).

Charbonneau (1986) divide a psicologia em racional e experimental. É racional quando trata de penetrar o ser em geral, tal como ele se revela numa determinada essência. É experimental, quando encarada como ciência positiva dos fenômenos psíquicos e das leis empíricas que os regem. A psicologia apoia-se em outras ciências humanas, como a sociologia, a linguística, entre outras, que favorecem a construção de seu método, construindo a psicometria, psicofisiologia, psicossociologia, psicolinguista. A psicometria pode ser usada para medir os fenômenos psíquicos. A psicofisiologia estuda as relações entre os fenômenos psicológicos e as funções do sistema nervoso. A psicossociologia que trata da psicologia dos povos, psicologia das massas, psicolinguística ou psicologia da linguagem.

A proposta política do Padre Charbonneau, mostra um mundo em constante mutação, no qual são visíveis os diversos dramas como: a fome, a doença, a morte, as guerras, as revoltas que assolam o ser humano. Diante disso, a ação missionária da Igreja Católica procura oferecer uma mensagem de coragem, enfocando a humildade, o esforço de compreensão e o desenvolvimento solidário da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o pensamento pedagógico do Padre Paul-Eugène Charbonneau na produção e circulação de saberes nos meios escolares, no período de 1959 a 1987. A sua ação missionária e seus esforços dedicados à área educacional foram importantes para o Brasil, para o Colégio Santa Cruz, atendendo as necessidades e expectativas dos adolescentes, das crianças e das famílias.

Ao elaborar este estudo, foi possível perceber os princípios e ideais que nortearam a filosofia de educação integral, que continua até hoje num processo contínuo de experiências pedagógicas que servem à classe estudantil e a causa da educação.

A experiência realizada no Colégio Santa Cruz, teve como ponto de partida a elaboração dos planos diretores para o primeiro e segundo graus em 1972. O currículo permitia avaliar os aspectos da vida do educando a saber: comportamento, qualidade de ensino e animação espiritual. Seu discurso sempre priorizava os valores cristãos e a importância da família unida.

Na análise das obras do Padre Charbonneau, o aporte teórico de Bourdieu (1992) e Chartier (1988) permitiram elucidar a configuração e a historicidade das obras, as formas de ver e estar no mundo que modelaram sociedades e indivíduos numa determinada época. O historiador Jacques Le Goff (1990, p. 469) destaca que “a memória está imbricada na questão da identidade, seja individual ou coletiva, fazendo de sua busca uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”.

As reflexões dos capítulos iniciais, permitiram conhecer o histórico da presença católica na educação que ocorreu com a vinda dos missionários jesuítas desde a primeira metade do século XVI. Sua metodologia de desenvolvimento espiritual foi baseada em Santo Inácio de Loyola que incentivava a promoção intelectual de cada aluno, para desenvolver os talentos recebidos de Deus.

Tiveram a incumbência de manter a organização e os aparelhos do Estado em funcionamento nas colônias e, para isso, deveriam formar um homem erudito que pudesse ser fiel e defender a Igreja Católica, sem questionamentos.

A partir da Proclamação da República em 1889, esses religiosos tiveram que renunciar a doutrina missionária e a Igreja foi excluída do poder público e político, sendo colocada em igualdade com as outras religiões que já existiam no Brasil. Dessa maneira, a Igreja buscou estratégias de ação a partir de uma nova configuração política que se estabeleceu no País.

Com a finalidade de reforçar a influência cristã na educação, o Brasil recebeu os missionários canadenses no século XX, que vieram com o intuito de evangelização, fundação de escolas, centros culturais, teatros, hospitais e asilos. A Congregação de Padres e Irmãos de Santa Cruz, vinculada à província canadense e francesa que vieram ao Brasil em plena segunda guerra mundial, trazendo três padres canadenses que encarregaram-se de trazer três padres canadenses responsáveis pela fundação do Colégio Santa Cruz em 1952. Esta instituição preocupava-se em propiciar ao educando condições e habilidades para viver o seu tempo, inspirado no cristianismo, no respeito, amor a Deus e ao próximo.

Padre Charbonneau estabeleceu um plano de aula que privilegiava as peculiaridades do aluno e as capacidades pessoais do educador. Seu método de ensino buscava a qualidade no contexto da época, que primava o bem-viver dos indivíduos, a partir da comunidade escolar. O professor deveria ser humilde e o conhecimento não deveria ser motivo de poder. Defendia uma educação integral, contemplando todas as dimensões do ser humano. Adotava a busca da excelência na educação, era exigente com seus alunos, por entender que a disciplina e a organização eram aspectos basilares na formação do educando. Durante vinte anos de atividades organizou as estruturas pedagógicas e físicas do Colégio Santa Cruz. A necessidade da escola preparar o educando para a sociedade daria condições de pensar sobre o conteúdo histórico e espiritual da Bíblia. Era

essencial refletir sobre os problemas existenciais, pautados na liberdade e no humanismo cristão.

Foi possível analisar a produção literária tendo em vista a análise de conteúdo, proposta na pesquisa por meio de quatro categorias a saber: educação, família, sexualidade e a proposta política envolvendo a opção cristã para o desenvolvimento dos povos.

Os esforços dedicados à área da educação tinham na família o ponto inicial de proporcionar aos filhos os bons costumes e como se comportar adequadamente em grupo. Os pais deveriam desenvolver um relacionamento de confiança e amor baseado nos preceitos cristãos, por acreditar que na educação a formação do indivíduo deveria estar ligada à escola e à comunidade. Naturalmente, estes ensinamentos trazem à tona uma formação de natureza pedagógica capaz de adequar o jovem à ética, à moral e à solidariedade.

Na categoria educação, o religioso elaborou uma pedagogia de prevenção contra as drogas. Entendeu que era preciso enfrentar esta ameaça, encarando o problema com seriedade. Não acreditava em soluções precipitadas e conclusões sem base científica comprovada. As dificuldades de prevenção não o desmotivaram para o cumprimento da missão cristã que é o de trilhar os caminhos dos ensinamentos bíblicos.

Sob a ótica da prevenção, mostrou que o sentimento de fraqueza, infelicidade, conflitos entre pais e filhos e as perturbações psíquicas, são as causas para os jovens procurarem refúgio no desafio de enfrentar problemas existenciais. Entendia que toda pessoa poderia se livrar desse vício e acreditava que o problema era essencialmente humano.

Criou programas de educação afetiva nas salas de aula, com a finalidade de proporcionar um ambiente sadio, de relacionamento e confiança, adotando princípios de orientação cristã que visavam a recuperação, reinserção social e prevenção contra recaídas. Falava a linguagem dos jovens, entendia seus pensamentos, procurava esclarecê-los sobre os efeitos destas substâncias.

Na categoria família, defendia o papel dos pais na formação dos filhos e, para que desenvolvessem a capacidade humana e o exercício da liberdade no comportamento do adolescente, era necessário haver o diálogo, o respeito e o amor para construção de uma personalidade equilibrada. Sua análise está focada na orientação do educando, no autoritarismo exagerado, na violência e na displicência dos pais. Os pais deveriam passar aos jovens toda experiência de vida, de forma consciente e responsável, na qual o amor à família deve triunfar.

Alertava para os perigos das transformações no seio familiar, com reflexos negativos para os filhos, dispersão, falta de valores e referenciais que norteavam o modo de educar dos jovens. Deste modo, promoveu o diálogo e métodos ativos para superar as discriminações de gênero, orientação sexual e drogas.

O protesto dos jovens ocorrido a partir da década de 1960, foi um problema para os pais e educadores. O país enfrentava movimentos econômicos que impediam o desenvolvimento, o avanço e o progresso da educação. Nestas condições, o desafio de preparar os filhos para o cotidiano familiar era a saída para a juventude ter esperança, entusiasmo e dedicar-se à uma vida saudável, tendo na fé cristã o sentido da vida. Charbonneau aconselhava colocar a presença de Deus nas relações familiares, sociais, os valores da justiça, do amor e da paternidade.

Na categoria sexualidade, os pais tinham o papel de dar orientação e aconselhar a vida amorosa, espiritual e coletiva. Afirmava que a educação sexual dos adolescentes não deveria servir como alienação, porém como uma oportunidade de sentirem-se livres para discutir o assunto com naturalidade. Os pais seriam os responsáveis pela educação e deveriam agir de maneira simples, superando os problemas que pudessem aparecer no cotidiano.

Em sua abordagem sobre a obra opção cristã para o desenvolvimento dos povos, considerava que a justiça brasileira nos tempos da Ditadura Militar (1964-1987), não assegurava os direitos essenciais como à educação, ao trabalho, à saúde, à justiça e à família.

O papel da Igreja Católica tem sido o de proclamar a humildade, a solidariedade, o amor, o respeito ao cidadão e a formação moral. Defendia a importância de se procurar Deus em toda a vida. Padre Charbonneau se somou a outras vozes da Igreja que criticavam a Ditadura Militar na defesa dos direitos humanos. Apoiava vários movimentos contrários ao autoritarismo que se implantara no país. Após a queda do regime, a Igreja Católica foi considerada uma matriz das organizações em defesa dos direitos humanos ao lado daqueles que sofriam injustiças.

Ao propor a opção cristã para o desenvolvimento dos povos, sugeriu a busca dos meios de organização e cooperação, para realizar a comunhão solidária entre todas as nações. Apresentou um cenário da Igreja diante dos problemas brasileiros, no qual a educação deveria ceder às determinações dos técnicos americanos. Era um cenário de crises que atingia a saúde, a educação, e abusos contra prisioneiros políticos contrários ao governo. Oponha-se às soluções socialistas, marxistas e ao capitalismo exagerado. Apontou as injustiças do trabalho nas relações econômicas e sociais impostas ao povo brasileiro.

Tratava o conceito de liberdade como a expressão verdadeira e fiel do homem para a evolução comportamental. Considerava a propriedade como instituição na qual se devia fundar a ordem social cristã. Além disso, a obra de Charbonneau tratou dos problemas contemporâneos em que não se respeitavam os direitos humanos. Orientou a comunidade escolar para a formação espiritual dos indivíduos por meio da procura de Deus.

Na obra que trata da filosofia, lógica e metodologia apresentou um estudo teológico humanista baseado na análise da Bíblia Sagrada, em que o resultado estaria ligado à revelação divina.

Estabeleceu um diálogo com as ciências humanas em diferentes atividades individuais e coletivas, por meio da racionalidade, atitudes e comportamentos humanos, pela manifestação da inteligência e liberdade do espírito.

Esse ideário permeou, influenciou e continua influenciando na cultura e nas práticas escolares dos pais, alunos e professores, deixando em suas vidas marcas enraizadas do Colégio Santa Cruz. Entender o contexto histórico é se apropriar dos saberes adquiridos como prática escolar, orientação do trabalho e valores cristãos, atribuir seus conceitos e obras para a atualidade.

A experiência realizada na escola deve preparar o jovem para a sociedade, a fim de contribuir para o crescimento intelectual, moral e espiritual. A importância da sua ação para a reconstrução da historiografia nacional, registrou uma pedagogia de ensino voltada à família, educação, sexualidade e opção cristã para o desenvolvimento dos povos.

O legado da obra do Padre Charbonneau sobre as drogas para a sociedade moderna, tornou-se um ponto de referência nos métodos e técnicas pedagógicas para a educação preventiva nas salas de aula.

Quanto à sexualidade, seu trabalho registra um conceito espiritualista da realidade sexual. Considerou que o jovem ignora o espírito em prol da carne com dificuldades de controlar seus instintos.

A abrangência de seus trabalhos deixaram marcas na educação como um dos mais efetivos meios de integração nacional, reforçando a posição do educador cristão comprometido com a verdade e os valores da ética e justiça.

Situar o pensamento pedagógico para o atual modelo de educação, permite interagir com princípios e ideais que nortearam a filosofia católica no processo educacional das crianças e adolescentes.

No percurso desta pesquisa, os caminhos foram abertos por meio do saber pedagógico do educador cristão, que nos mostrou as vertentes do conhecimento humanista. O ideário para o atual modelo de aprendizagem, instiga jovens, professores, educadores, pais e famílias, aos processos educativos para que continuem desenvolvendo novos saberes. Neste contexto, investigar a influência católica pela tradição e modernidade na pedagogia, permitiu descobrir a constituição deste personagem como representante da igreja e pensador da educação, fazendo-se com isso, partícipe da construção de uma História.

Devido ao fato da pesquisa se restringir ao pensamento pedagógico do Padre Charbonneau, constatou-se que o drama do mundo contemporâneo pode ser explorado como uma das variáveis, situando a posição da Igreja Católica do ponto de vista doutrinário e da realidade universal. A doutrina social da Igreja é outro tema que pode ser investigado, por abordar, entre outros, a dignidade da pessoa humana, solidariedade, ética, justiça e direitos humanos, no momento atual da História.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Autobiografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- ALBERIGO, Giuseppe. **História do Concílio Vaticano II**, V. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ALVES, Manoel. A escola católica, uma história de serviço ao povo e à nação brasileira. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 3, n. 7, set/dez. 2002, pp. 1-26. Curitiba: PUC-PR, 2002.
- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.
- ANDRADOS, Isabel. **Orientação infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- ANDRIOLI, Antônio Inácio. As ciências humanas e a universidade. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 60, maio/2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/060/60andrioli.htm>> Acesso em: 10 fev. 2017.
- AQUINO, Tomás. **Sobre o ensino (De Magistro)**. Os sete pecados capitais. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ARESI, Albino. **Pode-se educar sem Deus?** São Paulo: Paulinas, 1980.
- ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar; RUCKSTADTER, Flávio Massami Marins. A filosofia educacional dos jesuítas nas Cartas do Pe. José de Anchieta. **Acta Scientiarum**, Maringá, vol. 25, 2003, p. 257-265.
- ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO SANTA CRUZ - EXSANTA. Disponível em: <http://www.exsanta.com.br/site/?paged=5> Acesso em: 10 fev. 2017.
- ARRUDA, Vitorio César Mura de. **Espiritualidade nas organizações**. São Paulo: IBRASA, 1989.
- ASSELIN, Victor. **Intercâmbio entre igrejas: Brasil – Canadá**. Disponível em: <http://victorasselin.com/2?p=24> Acesso em: 15 ago. 2016.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil**. Brasília: UNB; Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil: contribuição dos Irmãos Maristas**. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, 1999.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

BELAS, João Batista. **Psicologia escolar: pais e educadores hoje**. Disponível em: <<http://www.jlbelas.psc.br/quemsou.php?var=quemsou>> Acesso em: 12 dez. 2016.

BINGEMER, Maria Clara. **Em tudo amar e servir**. São Paulo: Editora Loyola, 1990.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Europa-América, 1987.

BOFF, Leonardo. **Incursões pela história do catolicismo no Brasil: marcos referenciais**. São Paulo: Vozes, 1973.

_____. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOSCHILIA, Roseli T. Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos (1925-1965). **Dissertação de mestrado**. PUC, 2002.

BOWLBY, John. **Apego e perda**. Vol. 1: Apego. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

BORGES, Inês. Augusto. **Educação e personalidade: A dimensão sócio-histórica da educação cristã**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Razões Práticas Sobre a Teoria da Ação**. São Paulo: Papyrus Editora, 1996

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **O poder simbólico**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, P e PASSERON, J.C. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. Legislação Federal do Brasil. **Decreto nº 119-A**. Disponível em: <<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/b110756561cd26fd03256ff500612662/bea39c8e0e484811032569fa005afab4?OpenDocument>> Acesso em: 10 fev. 2017.

BRASIL. **Constituição de 1937**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/.../Constituicao/Constituicao37.htm> Em cache Acesso em: 04 jan. 2017.

BRITO JUNIOR, Pedro Moraes. **O seguimento, eixo da moral cristã.** Disponível em: <<http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/06.corrigido-SEGUIMENTO-NA-VS-ok-pags.142-156.pdf>> Acesso em: 10 out. 2016.

BURKE, Cormac. **Amor e casamento.** São Paulo: Quadrante, 1991.

CABRAL, João Francisco Pereira. Cinco vias que provam a existência de Deus em Santo Tomás de Aquino. **Brasil Escola.** Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/cinco-vias-que-provam-existencia-deus-santo-tomas-.htm>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2017.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência:** normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 1987.

CAMPOS, Névio de. **Intelectuais e Igreja Católica no Paraná: 1926 – 1938.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. **Coleção Documenta S.J.** São Paulo: Loyola, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CARDOSO, Simone Tassinari. Do contrato parental à socioafetividade. *In:* ARONNE, Ricardo (org.). **Estudos de Direito Civil - Constitucional.** V.2. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2016.

CEFAS - Comunidade. **Sobre a Companhia de Jesus.** Disponível em: <http://www.ecefas.org.br/companhia-de-jesus> Acesso em: 12 maio 2017.

CERTEAU, Michel. **A escrita história.** Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Cristianismo, sociedade e revolução.** São Paulo: Herder, 1967.

_____. **Amor e liberdade:** ensaio de moral conjugal. São Paulo: Herder, 1968.

_____. **Sentido cristão do casamento.** São Paulo: Herder, 1968a.

_____. **Moral conjugal.** São Paulo: Herder, 1968b.

_____. **Pais e filhos:** limitação dos nascimentos. São Paulo: CODIL, 1968c.

_____. **Educação sexual:** seus fundamentos e seus processos. São Paulo: EPU, 1971.

_____. **A escola moderna, uma experiência brasileira:** o Colégio Santa Cruz. São Paulo: EPU, 1973.

_____, **Educar:** diálogo de gerações. São Paulo: EPU, 1973a.

_____. **Educar:** problemas da juventude. São Paulo: EPU, 1974.

_____. **Adolescência e liberdade.** São Paulo: EPU, 1980.

_____. **O homem a procura de Deus.** São Paulo: EPU, 1981.

_____. **O Brasil: hora de desafio:** dramas éticos de nosso tempo. São Paulo: Almed, 1982.

_____, **Namoro e virgindade.** São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

_____. **Curso de filosofia:** lógica e metodologia. São Paulo: EPU, 1986.

_____. **AIDS:** prevenção, escola. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Drogas:** prevenção, escola. São Paulo: Paulinas, 1988.

CHARTIER, Anne-Marie. Réussite, échec et ambivalence de l'innovation pédagogique: le cas de l'enseignement de la lecture. **Recherche et Formation pour les professions de l'éducation. Innovation et réseaux sociaux**, INRP, n. 34, p. 41-56, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** - entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1988.

_____. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLÉGIO SANTA CRUZ. **Padre Charbonneau:** um humanista no Colégio Santa Cruz. Disponível em: www.santacruzq12br/colégio/historico/ Acesso em: 12 mar. 2017.

COMBLIN, Pe. José. Perplexidade de quem educa. **Vida pastoral** (1998) Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-sociais/perplexidades-de-quem-educa/> Acesso em: 10 dez. 2016.

CONCILIO VATICANO II. **A Igreja no Mundo Atual.** Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1991.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Educação, Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL. **A família como vai?** São Paulo: Paulinas, 1994.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Documentos para os seminários e as instituições de estudo**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccathedu_doc_20070908_educare-insieme_po.html> Acesso em: 20 mar. 2016.

CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ. **André Bessete**. Disponível em: http://www.congregacaodesantacruz.org.br/site/documento_18_0__andre-bessete.html Acesso em: 15 ago. 2017.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. 8.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

COUTO, Edilece Souza. **O retorno dos jesuítas ao Brasil**. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/174.pdf> Acesso em: 10 mar. 2017.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUBELATI, Ariele Mazoti; COSTA, Célio Juvenal. **O fazer historiográfico na nova história cultural**. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_01/019.pdf Acesso em: 20 mar. 2017.

CUNHA, Clera Barbosa. **O ensino religioso na escola pública e suas implicações em desenvolver o senso de respeito e tolerância dos alunos em relação aos outros e a si próprios**. Disponível em: <clerarbarbosa@yahoo.com.br> Acesso em: 20 mar. 2016.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade, cristianismo e poder**. Estud. pesqui. psicol. vol.10 no.3 Rio de Janeiro dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300005> Acesso em: 10 out. 2016.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Construção e transmissão da experiência nos processos de aprendizagem e de formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhiany Bento. **A nova aventura (auto)biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

DIAS, Maria Luiza. **Famílias e terapeutas: Casamento, divórcio e parentesco**, São Paulo: Vetor, 2006.

DOCUMENTOS DE PAULO VI. **Carta encíclica *Humanae Vitae***. Trad. Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

DRUK, Iole de Freitas. A linguagem Lógica. **Revista do Professor de Matemática**, 17, p. 10 - 18, 1998.

DURANT, Will. **Filosofia da vida**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

ELL, Ernest. **Educar para o mundo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1971.

ESCOLA DE PAIS NO BRASIL. XX **Seminário da Escola de Pais**: pai, que é o teu filho. Curitiba: Escola de Pais do Brasil, Secção de Curitiba, 1989.

ESPÓSITO, Vitoria Helena Cunha. Pesquisa qualitativa: modalidade fenomenológico-hermenêutica. Relato de uma Pesquisa. In: BICUDO, M.A.V.; ESPOSITO, V.H.C. (org.). **A pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dez. 2002.

FIGUEIREDO, Anísio de Paulo. **O ensino religioso no Brasil**: tendências, conquistas, perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1996.

FLANDRIN, Jean-Louis. A vida sexual dos casados na sociedade antiga: Da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (orgs). **Sexualidades ocidentais**. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 135-13.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino da história**. Campinas: Papirus, 2003.

FRAGO, Víñao Antônio e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP7A, 2001.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

FRISON, Lourdes Maria Bragnolo; BASSO, Fabiane Puntel. Construções Identitárias reveladas em trabalhos com narrativas (auto(biográficas)). In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragnolo; BARREIRO, Cristhiany Bento. **A nova aventura (auto)biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

FUENTES, Jose Luis. **Pedagogia Inaciana** - uma visão sintética. Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Arrupe, 1994.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2004.

GANDINI, Raquel. **Almeida Júnior**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

GARCIA-VILLOSLADA, R. **Santo Inácio de Loyola: uma nova biografia**. São Paulo: Loyola, 1997.

GEORGE, Sherron Kay. Educação cristã: um novo olhar sobre a totalidade da vida. **Voz Faífae**: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA. Vol. 6, n. 1 (2014).

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GIALDINO, Irene Vasilachis de. (coord.). **Estratégias de investigação qualitativa**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.

GHIRARDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2000.

GONÇALVES, Ernesto de Lima. **Família claro e escuro**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

GUEDES, Paulo. **A ética cristã**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. **Evidência da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HOLANDA, Patricia Helena Carvalho & CAVALCANTE, Maria Juraci. **Do amor ao casamento**: análise de um manual de preparação das moças para assumir os deveres de esposa, mãe e dona-de-casa, em circulação no nordeste do Brasil na década de 1940. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013.

HUMAN DEVELOPMENT REPORT 2007-08. **Human Development Index (11/2007)**. Disponível em: <<http://www.caps-i.ca/pt/education-in-canada/>> Acesso em: 20 ago. 2016.

IRMÃS DE SANTA CRUZ NO BRASIL. Disponível em: <http://www.irmasdesantacruz.com.br> Acesso em: 10 ago. 2017

JESÚS, José Abraham. **Em busca de una definición de educación Cristiana**, in: <<http://www.receduc.com/educacioncristiana/defincn.htm>> Acesso em: 10 jul 2016.

KADT, Emanuel de. **Religião e poder na América Latina**. Rio de Janeiro: PUC, 2007.

KLEIN, Luiz Fernando. **Atualidade da pedagogia jesuítica**. São Paulo: Loyola, 1997.

KLOPPENBURG, B. III Sessão do Vaticano II. **Revista Eclesiástica Brasileira**. VOI. 24, fasc. 4 Dezembro de 1964, p. 916-919.

KNIGHT, George R. **Filosofia e educação**: uma introdução da perspectiva cristã. São Paulo: Imprensa Universitária Adventista, 2001.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In LE GOFF, Jacques. **A história nova**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2000.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A história em questão**: historiografia brasileira contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

LECHNER, Elsa. Pesquisa biográfica colaborativa: desafios e contributos de um projeto com imigrantes em Portugal. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhiany Bento. **A nova aventura (auto)biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. **As mentalidades**: uma história ambígua. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LE GOFF, Jacques (1924). **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LESSA, Maria Bernadete Medeiros Fernandes. **Os paradoxos da existência na história do uso das drogas**. 1998. Disponível em www.ifen.com.br/artigos.htm. Acesso em 10 out. 2016.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 3a.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2000.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

LIMA, Alceu Amoroso [Tristão de Athayde). **Debates pedagógicos**. (Estudos de Filosofia da Educação). Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

_____. **Humanismo pedagógico**. (Estudos de Filosofia da Educação). Rio de Janeiro: Stella Editora, 1944.

_____. Introdução à *Mater et Magistra* JOÃO XXIII. **As Encíclicas Sociais de João XXIII**. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1963.

LORIGA, Sabina. **A biografia como problema**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

_____. **O pequeno x: da biografia a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOYOLA, Inácio de. **Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 1987.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. A quem cabe educar. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 5, p. 213-231, jan/jun. 2003.

MAGEE, B. **História da filosofia**. São Paulo: Loyola, 1999.

MANZATTO, Antonio. **Fundamentos teológicos da Gaudium et Spes**. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/15446-37584-1-SM.pdf> Acesso em 10 out. 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão**. São Paulo: Paulus, 1999.

MARITAIN, Jacques. **Rumos da Educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1963.

MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTINS, Alberto. **Charbonneau: ensaio e retrato**. São Paulo: Scipione, 1997.

MATOS, Alderi Souza de. **Brevehistória da educação cristã: dos primórdios 20**. 2a. ed. São Paulo: Mackenzie, 1966.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/manifesto-dos-pioneiros-da-educacao-nova/> Acesso em: 10 fev. 2017

MIEL, Alice. **Criatividade no ensino**. São Paulo: IBRASA, 1972.

MIGUELEZ, Alejandro Corbeil e Charbonneau reencontrados. **Revista 50 anos**. Disponível em: http://www.cei.santacruz.g12.br/~50anos/revista/corbeil_charbonneau.htm Acesso em: 10 fev. 2017.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Revista ProPosições**, 16,1, 46, Jan./Abr. 2006, pp. 103-116.

MOREL, Regina Lúcia. **Ciência e estado: a política científica no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

MOURA, Pe. Láercio Dias de. **A educação católica no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2000.

MOVIMENTO DA VIDA CRISTÃ. **O que é a fé?** Disponível em: <<http://www.vidacrista.org.br/caminho-para-deus-225-o-que-e-a-fe>> Acesso em: 10 de dez. de 2016.

MUNDIM, Roberto Patrus. **A lógica formal: princípios elementares**. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/113-323-1-PB.pdf> Acesso em: 01 fev. 2017.

NASCIMENTO, Sidnei Francisco. **Erasmus de Roterdam e a educação humanista cristã**. Disponível em: <http://docplayer.com.br/22470662-Erasmus-de-roterdam-e-a-educacao-humanista-crista-erasm-of-rotterdam-and-the-humanistic-education.html> Acesso em 10 mar. 2017.

NATUSCH, Igor. **Igreja e ditadura: como os religiosos se tornaram o maior inimigo dos militares**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/igreja-ditadura-como-religiosos-se-tornaram-maior-inimigo-militares-797115.shtml>> Acesso em: 20 out. 2016

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **Educar para a cidadania através de valores católicos**. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos – introdução à antropologia filosófica**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NORA, Pierre. Mémoire collective. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. (Dir.). **La nouvelle histoire**. Paris: Retz, 1978. p. 398-401.

NOVELLO, Fernanda Parolari. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

NÓVOA, Antonio. História da Educação: novos sentidos, velhos problemas. In: MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar História da Educação**. Braga: IEP-CEEP/UM, 1998, p. 35-54.

NUNES, Sedas. **Pacem Terris, no diálogo das ideologias**. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224155804J3tHJ9og7Kv75DS4.pdf>> Acesso em: 10 set. 2016.

O'DELL, Michel Wendling. et al. Disability in persons hospitalized with AIDS. **Am. J. Phys. Med. Rehabfl.**, Baltimore, v.70, p.91-95,1991a.

OGELSBY, John Carroll. **Gringos from the Far North**. Essays in the History of Canadian-Latin American Relations, 1866-1968. Toronto: Macmillan of Canada. Maclean-Hunter Press, 1976.

OLIVEIRA, Luiz Marcelo. Analisando a metodologia de mediação a distância na formação de educadores, à luz da perspectiva lingüística sócio-histórica. In: OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OLIVEIRA, Felipe. **Guimarães no cenário político maranhense**. São Luís: 2000.

OLIVEIRA, Tarsizo de; OLIVEIRA, Carla E. Dalbem de. **Erros e acertos na educação**. Santa Maria, RS: Palloti, 1991.

OLIVEIRA, Tory. **O nascimento da pílula**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-nascimento-da-pilula> Acesso em: 5 fev. 2017.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Educar-se para educar: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964)**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2a.ed. Belo Horizonte:Autêntica, 2005.

PESSOA, Claudeilson Pinheiro. **A obra educacional dos Irmãos de Nicollet em Guimarães - MA (1955-1965)**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

PIMENTEL, Jéferson Polidoro Ruaro Pimentel. **Educação cristã para o desenvolvimento da ética e da moral**. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/97/60>> Acesso em: 15 jul. 2016.

PIO XI, Papa. **Encíclica Divini Illius Magistri**, 1929. Sobre a educação cristã da juventude. São Paulo: Edições Paulinas, 1965.

PRETTO, Pe. Hermilo. Educação: na liberdade para a responsabilidade. **Vida Pastoral**. (1998) ISSN 0507-7184. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-sociais/educacao-na-liberdade-para-a-responsabilidade/>> Acesso em: 10 dez. 2016.

PUHL, Antonio. Organização e administração. In: LIMA, Severina A. (coord.) **Caminhos novos na educação**. São Paulo: FTD, 1995, p. 69-101.

RAMOS, Vlademir Lúcio. **Religião e juventude: entre a felicidade social e a felicidade privada**. Estudos de religião, v. 25, n. 4, jul./dez. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/2888-7658-4-PB.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2016

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão, SC: Editora Unisul, 2002.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 9a.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

RIBEIRO, Simone Clós Cesar. As inovações constitucionais no Direito de Família . **Jus Navigandi**, Teresina, a. 6, n. 58, ago. 2002. Disponível em: jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3192>. Acesso em: 18 abr. 2017.

RICARDO, Paulo. **Virgindade e espiritualidade**. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/virgindade-e-espiritualidad>> Acesso em: 10 out. 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. **Juventude e consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

ROCHA, Marcio Silva. **A existência de Deus**. Disponível em: <http://www.doutrinasessenciais.com/2010/08/28/a-existencia-de-deus/>> Acesso em: 10 jan. 2017.

RODRIGUES, Simão. As origens da Companhia de Jesus. In: BRESCIANI, Carlos (Org.). **Companhia de Jesus**: 450 anos a serviço do povo brasileiro. São Paulo: Loyola, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. A educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**, n.53,1985.

ROUGEMONT, Denis. **A história do amor no Ocidente**. 2a.ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia da pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANCHES, William. **Pedagogia do compromisso**: responsabilidade na prática do educador. São Paulo: Ediouro, 2010.

SANTOS, Valdeci da Silva. **Educação cristã**: conceituação teórica e implicações práticas. fides reformata, São Paulo, v. XIII, n. Especial, p. 155-174, 2008. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XIII__2008__2/Educao_Crista_-_Conceituacao_Teorica_e_Implicacoes_Praticas__Valdeci_da_Silva_Santos_.pdf.> Acesso em 15 Jun. 2016.

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do regime militar**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v28n76/a02v2876.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017.

SCHELSY, Helmut. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SCHMIDT, Ivan. **A ilusão das drogas**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Historia e Educação**: em busca dos novos atores pedagógicos. *Educar*, Curitiba, n. 12, p. 107-116, 1996, Editora da UFPR.

SCHIMITZ, E. **Os jesuítas e a educação**: a filosofia educacional da Companhia de Jesus. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986.

SGARBI, Antonio. **Bibliotecas Pedagógicas Católicas**: Estratégias para construir uma Civilização Cristã e confrontar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938). Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP, 2001.

SIELSKI, Fernando. **Filhos que usam drogas**. Curitiba: Adrenalina, 1999.

SOARES, Orlando. **Direito de família**: de acordo com o novo Código Civil.(Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002). Rio de Janeiro: Forense, 2004.

SODELLI, Marcelo. **A prevenção em nova perspectiva**: ações redutoras de vulnerabilidade ao uso nocivo de drogas. *Revista Portuguesa Internacional de Saúde Mental* 9(2): 3-58, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Configurações e redes da pesquisa (auto)biográfica no Brasil: diálogos implicados sobre ações colaborativas e educação rural. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhiany Bento. **A nova aventura (auto)biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Convivendo com seu sexo**: pais e professores. São Paulo: Paulinas, 1991.

SOUZA, Sara Cristina de. **Igreja Católica, política e moral durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985)**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_21.pdf> Acesso em: 10 out. 2016.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **História intelectual**: objetos, abordagens e perspectivas. Disponível em: <http://www.cafehistoria.com.br/historia-intelectual-objetos-abordagens-e-perspectivas/> Acesso em: 10 maio 2017.

STEPHANOU, Maria. **Histórias e memória da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Pensamento filosófico: um enfoque educacional**. Curitiba: IBPEX, 2009.

VATICANO. **Catecismo da Igreja Católica Nº. 1814**. Disponível em: <<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/f/fe.html>> Acesso em: 10 dez. 2016

VIDAL, Marciano. **Moral cristã em tempos de relativismos e fundamentalismos**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (orgs.). **História Intelectual e Educação: Trajetórias, Impresses e eventos**. Jundiaí, Pacto Editorial, 2015.

VIZZOLTO, Salete Maria. **Drogas: questões para pais e educadores**. Florianópolis: Lunardelli, 1992.

VOLPI, Angela Barros Montez. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

WEBER, Lidia. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. Curitiba: Juruá, 1994.

WEITEN, Wayne. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

WRIGHT, Jonathan. **Os jesuítas: missões, mitos e histórias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

XAVIER, Erica da Silva. **Ensino e História: o uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico**. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/ensino_e_historia_o_uso_das_fontes_historicas_como_ferramentas_na_producao_de_conhecimento_historico.pdf Acesso em: 10 mar. 2017.

ZANINI, Ovídio. **Como viver a sexualidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

